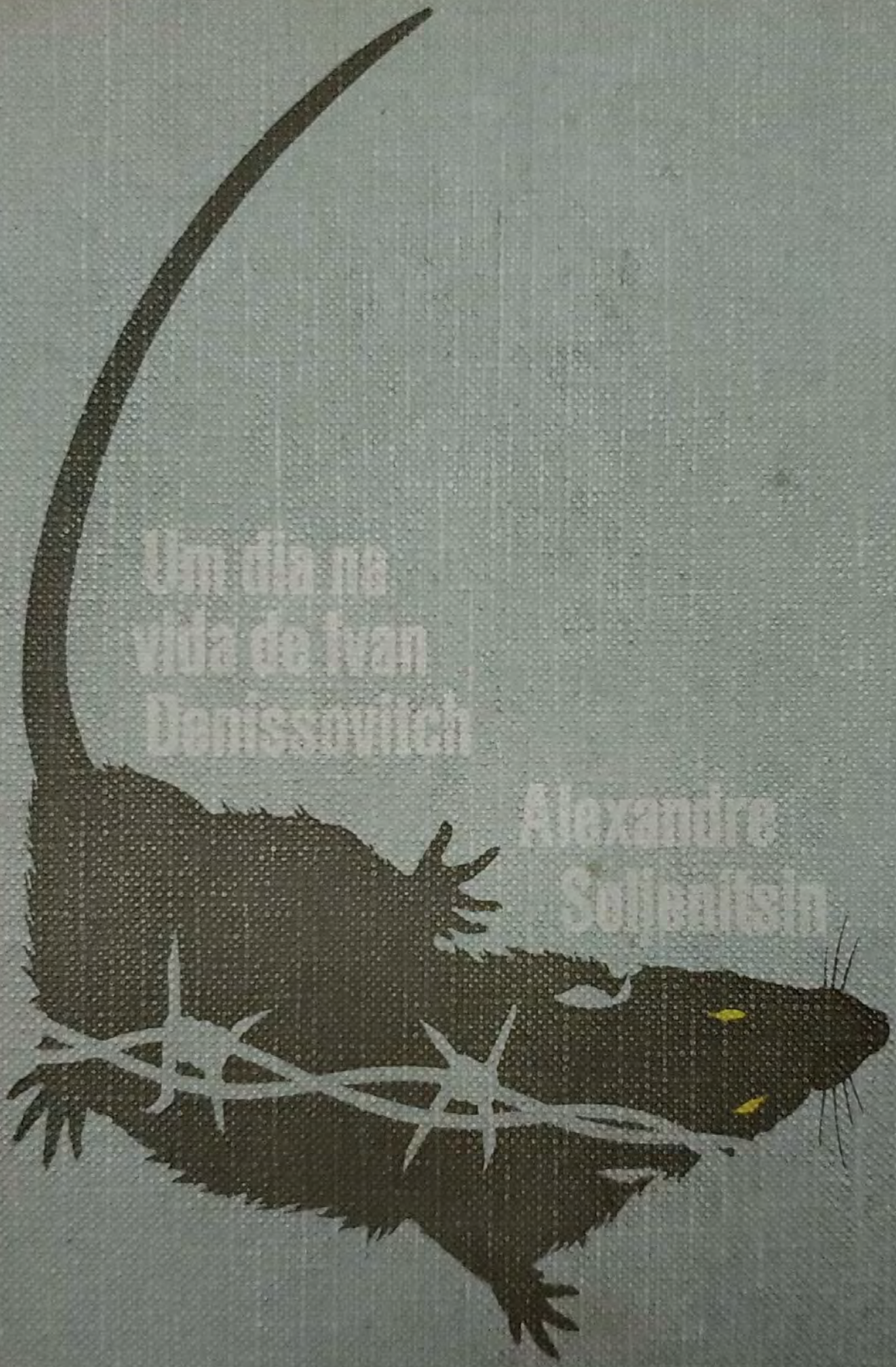
Um dia na vida de Ivan Denissovitch

Alexandre Soljenitsin



Digitalizado com CamScanner

Um dia na vida de Ivan Denissovitch

Digitalizado com CamScanner

Alexandre Soljenítsin

Um dia na vida de Ivan Deníssovitch

Círculo do Livro

Digitalizado com CamScanner

CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413
São Paulo, Brasil

Edição integral
Título da edição inglesa:
"One day in the life of Ivan Denisovich"
Copyright 1973 by
Alexandre Soljenítsin
Tradução de H. Silva Letra

Impresso pela Gráfica
Editora Penteado Ltda.
Encadernado pela Abril S.A.
Cultural e Industrial
3ª edição
1974

É proibida a venda a quem
não pertença ao Círculo

Digitalizado com CamScanner

Como habitualmente, às cinco da manhã ouviu-se o toque da alvorada, dado pelos golpes de um martelo sobre um pedaço de trilho suspenso junto da barraca do comando. Mal os sons intermitentes haviam penetrado através das vidraças das janelas, nas quais a geada se acumulara numa espessura de quase dois centímetros, e já o ruído cessava quase imediatamente. Fazia frio no campo e os guardas não sentiam vontade de continuar a dar o toque de alvorada por muito tempo.

Já o ruído cessara, embora por todo o campo parecesse ainda estar-se a meio da noite, quando Ivan Denissovitch Chukhov se ergueu para ir à latrina. Estava escuro como breu, vendo-se apenas a luz amarela lançada na janela por três holofotes — dois no perímetro e um dentro do próprio campo.

Não se sabia por que ninguém viera desaferrolhar a porta da barraca e não se notava que os faxineiros tivessem agarrado nas varas com o balde da latrina para o levarem dali.

Chukhov nunca ficara dormindo depois do toque da alvorada. Sempre se levantara imediatamente, pois os noventa minutos seguintes, até terem de responder à chamada para o trabalho, pertenciam-lhe, e não às autoridades, e qualquer veterano podia, sempre que quisesse, ganhar alguns cobres cosendo um par de luvas esburacadas de um companheiro, servindo-se de um pedaço de forro de uma manga velha, ou levando a algum dos chefes de turma as suas

Digitalizado com CamScanner

valenki[1] secas ao estrado que ocupava, de modo que este não tivesse de tropeçar descalço em redor do monte de botas à procura do seu par, ou ainda dirigindo-se a alguma das barracas que serviam de depósito de abastecimento para tentar arranjar qualquer trabalho — varrer isto, ir buscar aquilo, ou indo ao refeitório reunir as tigelas das mesas e levá-las num monte até os tanques de lavagem da louça.

Podia-se estar certo de que dariam aqui qualquer coisa de comer, embora muitos outros fizessem o mesmo — bastantes até —, e, o que era pior, se se encontrava uma tigela com qualquer coisa ainda lá dentro dificilmente se resistia à tentação de rapá-la.

Mas Chukhov jamais esquecera as palavras do seu primeiro chefe da turma, Kuziomin — um calejado prisioneiro que, em 1943, tinha já doze anos de campo —, que dissera aos prisioneiros acabados de chegar da frente, enquanto eles se sentavam em redor de uma fogueira num canto desolado da floresta:

— Aqui, rapazes, vivemos sob a lei da selva. Mas mesmo assim consegue-se viver. Sabem quais são os que o campo devora? Aqueles que rapam os sobejos dos camaradas, aqueles que põem as suas esperanças nos médicos e aqueles que denunciam os camaradas.

Quanto aos denunciantes, ele estava muito enganado. Esses sentiam-se seguros de viver sem preocupações no campo, apenas com o senão de salvarem a pele à custa do sangue dos outros.

Chukhov levantava-se sempre logo que ouvia o toque da alvorada: Mas neste dia não o fez. Sentira-se doente na noite anterior, num estado febril, com dores por todo o corpo. Durante toda a noite não conseguira aquecer-se, e, mesmo no sono, sentira

[1] *Botas de feltro até ao joelho usadas no inverno.*

Digitalizado com CamScanner

em dado momento que piorava bastante, enquanto logo a seguir sentia que melhorava. E ansiara para que a manhã não chegasse.

Mas, como habitualmente, a manhã chegou.

Aliás, não era de estranhar que tivesse sentido frio durante a noite. Aquele gelo nas vidraças! E a renda branca da geada alvacenta por toda a barraca, na qual as paredes se uniam ao teto!

Não se levantou. Continuou imóvel no seu estrado, o último dos quatro sobrepostos, a cabeça enterrada num cobertor e num casaco, os dois pés metidos numa manga da sua jaqueta acolchoada. Não podia ver, mas os ouvidos contavam-lhe o que se passava na barraca, especialmente no canto que o seu grupo ocupava. Ouvira os passos pesados dos faxineiros carregando um dos grandes baldes de detritos ao longo do caminho lá fora. Uma tarefa ligeira, que era considerada serviço para os doentes, mas não se conseguia carregar aquelas fezes sem entornar alguma. Ouviu alguns da turma 75 que deixavam cair as botas para o chão, no compartimento de secagem. Depois alguns dos seus camaradas fizeram o mesmo. Era a altura de a sua turma ir também secar as *valenki*.

Tiúrin, o chefe do grupo, e seu ajudante, Pavlo, calçaram as *valenki* sem proferir uma palavra, mas ele ouviu estrados rangerem.

Agora Pavlo se dirigiria aos depósitos do pão e Tiúrin à barraca do comando, a fim de visitar o D.P.P.[1]

Ah, mas não ia simplesmente apresentar-se, como era hábito, às autoridades que distribuíam as tarefas diárias. Chukhov recordou-se de que, esta manhã,

[1] *Departamento de Planejamento de Produção.*

Digitalizado com CamScanner

a sua sorte estava suspensa na balança: eles pretendiam transferir a turma 104 das oficinas em construção para um novo trabalho: a edificação do Centro da Comunidade Socialista. Até agora, o local não passava de um descampado coberto de neve, e, antes que fosse possível construir ali alguma coisa, teriam de abrir fossos, erguer postes e ligá-los com arame farpado. Um trabalho feito por prisioneiros, destinado aos prisioneiros — para que não fugissem. Só nessa altura iniciariam a construção.

Durante um mês inteiro não teriam um buraco quente para se abrigarem. Nem mesmo a casinhola de um cão. Quanto a fogueiras, era melhor nem falar nisso. Donde viria a lenha? Aquecerem-se com o trabalho, eis a única solução.

Não admirava que o chefe do grupo se mostrasse tão preocupado, pois era responsabilidade sua fazer que destacassem um outro grupo, um bando qualquer de boçais, para aquela tarefa, em lugar da turma 104.

Se aparecesse de mãos vazias, era mais que certo não conseguir a concordância das autoridades. Tinha de levar alguma coisa com que untasse as mãos do funcionário-chefe, mas alguma coisa que tivesse interesse.

Nunca se perde nada em tentar. Assim, por que não iria ao posto médico procurar conseguir alguns dias de baixa? Aliás, sentia-se como se, na verdade, todas as articulações do seu corpo estivessem enferrujadas.

Em seguida, Chukhov perguntou de si para si que guarda estaria de serviço naquela manhã. Era a vez de Ivan, "Um e meio", lembrou-se. Ivan era um sargento magro, esgalgado, de cenho carregado. À primeira vista parecia um autêntico demônio, mas

Digitalizado com CamScanner

quando se chegava a conhecê-lo bem verificava-se que era o mais afável dos guardas do serviço. Não punha ninguém no xadrez, não arrastava um único prisioneiro até as autoridades do campo. Assim, Chukhov decidiu que podia ficar mais uns momentos pelo menos até que os da barraca 9 se dirigissem para o refeitório.

O beliche de quatro estrados sobrepostos começou a balançar e a oscilar. Dois dos seus ocupantes levantavam-se ao mesmo tempo: o camarada que dormia no estrado vizinho ao de Chukhov, Aliocha, o "Batista", e Buinóvski, ex-capitão da marinha, que se instalava no estrado inferior.

Os faxineiros, depois de haverem transportado os dois baldes de imundícies, começaram a discutir, descompondo-se como duas velhas, acerca de qual deles tinha de ir buscar água quente.

— Eh, vocês, por que estão discutindo como dois garotos?! — berrou o encarregado da solda elétrica da turma 20. — Tenham juízo!

Dizendo isso, atirou sobre eles uma bota, que foi bater num poste, acabando imediatamente com a discussão.

Do grupo ao lado, o ajudante do chefe resmungou calmamente:

— Vassíli Fiódorovitch, eles nos enganaram outra vez no posto de abastecimento, aqueles ratões: deviam ter-nos dado quatrocentos e noventa gramas de pão, e só trouxe trezentos. Quem irá ficar prejudicado?

Falara em voz baixa, mas era evidente que todos os do grupo o ouviam e esperavam ansiosamente que ele dissesse qual deles ia ficar sem uma fatia de pão naquela noite.

Chukhov continuou deitado no seu colchão de

Digitalizado com CamScanner

serragem tão duro como uma tábua, de tanto uso que já tivera. Só desejava que pelo menos acontecesse uma destas coisas: sobrevir-lhe uma febre alta ou as dores das articulações abrandarem completamente...

Enquanto isso, Aliocha murmurava suas orações e Buinóvski voltara das latrinas sem falar com ninguém em especial, mas anunciando com uma espécie de maliciosa alegria:

— Bem, marinheiros, comecem a ranger os dentes. Está com certeza uma temperatura de trinta graus abaixo de zero.

Foi então que Chukhov decidiu dar parte de doente.

Naquele mesmo momento seu cobertor e sua jaqueta foram puxados sem cerimônia. Pôs de lado o capote que tinha sobre a cara e sentou-se na cama. Erguendo os olhos para ele, a cabeça ao nível do beliche, estava a figura delgada do "Tártaro".

Sucedia que este camarada estava de serviço fora da escala e aproximara-se sem ruído.

— C 854 — leu o Tártaro na tira de pano branco cosida nas costas da sua jaqueta. — Três dias de castigo, com trabalho.

No momento em que ouviram a sua voz abafada, alguns que ainda não se tinham levantado em toda a barraca frouxamente iluminada, na qual duzentos homens dormiam em beliches infestados de percevejos, despertaram para a vida e começaram a vestir-se apressadamente.

— Por quê, cidadão-chefe[1]? — perguntou Chu-

[1] *Aos prisioneiros não era permitido empregar a palavra "camarada".*

Digitalizado com CamScanner

khov, mais mortificado do que a sua voz deixava transparecer.

Com trabalho! Não era, ainda assim, muito mau. Davam comida quente e não havia tempo para começar a pensar. Verdadeiro degredo era quando retiravam um prisioneiro do trabalho.

— Por não se levantar ao toque da alvorada. Siga-me até ao gabinete do comandante do campo — disse lentamente o Tártaro.

A sua cara vincada e imberbe mantinha-se imperturbável. Voltou-se procurando descobrir outra vítima, mas agora todos, tanto nos cantos escuros como sob as luzes, nos estrados de cima e nos de baixo, tinham agarrado nas suas camisas negras acolchoadas ou, já vestidos, tinham-se envolvido nos capotes e ido apressadamente para a porta, a fim de se furtarem ao olhar do Tártaro enquanto ele não saísse.

Se tivesse sido punido por alguma coisa que merecesse castigo, Chukhov não se teria mostrado tão ressentido. O que o magoava era ser sempre um dos primeiros a levantar-se. Mas sabia que não podia permitir-se argumentar com o Tártaro. E, protestando apenas por mera formalidade, vestiu as calças — onde se via uma tira de pano, agora enlameada, costurada um pouco acima do joelho, com um número preto desbotado —, enfiou a jaqueta — onde se via o mesmo número duas vezes: no peito e nas costas —, pescou as suas *valenki* no monte do chão, pôs o gorro — com o número numa tira de pano costurada na parte da frente — e seguiu o Tártaro.

Toda a turma 104 o viu sair, mas ninguém disse uma palavra. Que ganhariam com isso? Além disso, o que podiam dizer? Talvez fosse possível tentar qualquer coisa junto ao chefe do grupo, mas ele não

Digitalizado com CamScanner

se encontrava ali. E Chukhov nada disse aos companheiros. Não queria irritar o Tártaro. De uma maneira ou de outra, podia confiar em que os camaradas lhe guardariam a refeição da manhã.

Logo que os dois homens deixaram a barraca, o frio obrigou Chukhov a respirar com dificuldade. Dois poderosos holofotes montados nas torres de vigia mais afastadas varriam o campo com os seus pincéis de luz. As luzes do perímetro, tal como as do interior do campo, estavam acesas. Eram tantas que faziam empalidecer as estrelas. Fazendo estalar a neve sob as botas, os prisioneiros afastavam-se apressadamente, dirigindo-se cada um à sua tarefa: uns para o depósito de mercadorias, outros para fazer a entrega de cereais à cozinha "individual". Todos tinham a cabeça baixa, enterrada no capote abotoado até o pescoço, todos tolhidos pelo frio, não tanto o frio que fazia, mas principalmente pela perspectiva de passarem todo o dia ao ar livre.

Mas o Tártaro, embrulhado no seu velho capote do exército com as insígnias azuis engorduradas, caminhava com passo firme, como se o frio não o incomodasse.

Ultrapassaram a alta cerca de madeira que circundava a prisão, a única construção de tijolo que existia no campo, passaram o arame farpado que defendia de qualquer assalto dos prisioneiros a padaria, avançaram para além do canto da barraca do comando, onde o pedaço de trilho coberto de geada estava suspenso de grossos fios de arame; ultrapassaram um outro poste que tinha no cimo um termômetro — num ponto resguardado, de modo que a temperatura que registrasse não fosse muito baixa. Chukhov olhou esperançosamente pelo canto de um dos olhos para o tubo branco como a neve: se mar-

Digitalizado com CamScanner

casse quarenta e um graus negativos, não seriam mandados para o trabalho. Mas hoje a temperatura nem se aproximava dos ambicionados quarenta e um.

Entraram no aquartelamento e o Tártaro conduziu-o diretamente para a sala da guarda. Chukhov compreendeu, como tinha imaginado no caminho, que não seria metido no xadrez. Sucedia apenas que o soalho da sala da guarda necessitava de ser esfregado. O Tártaro disse que ia perdoar-lhe e ordenou que o limpasse.

Esfregar o soalho da sala da guarda fora tarefa de um prisioneiro especial que não era mandado trabalhar fora do campo. Esse prisioneiro há muito que se sentia no aquartelamento como em sua casa; tinha acesso aos gabinetes do comandante do campo, do homem que tinha a seu cargo a disciplina, do funcionário da segurança — o "Padre Confessor", como lhe chamavam.

Quando trabalhava para eles ouvia por vezes coisas que nem os próprios guardas sabiam, e a certa altura tornou-se arrogante e começou a considerar a tarefa de esfregar o soalho da casa dos vulgares guardas do campo como tarefa indigna de si. Tendo-o mandado chamar uma ou duas vezes, os guardas descobriram a coisa e começaram a escolher outros prisioneiros para aquela tarefa.

Na sala da guarda o fogão exalava um intenso calor. Dois guardas, de camisa suja, jogavam damas, e um terceiro, que não se preocupara em tirar o capote de pele de carneiro e as *valenki*, ressonava, deitado num banco estreito.

Num canto da sala via-se um balde vazio e um trapo.

Chukhov estava deveras satisfeito. Agradeceu ao Tártaro por lhe ter perdoado e disse:

Digitalizado com CamScanner

— De hoje em diante, nunca mais me levantarei tarde.

Nesse lugar, a regra era bem simples: quando terminava a sua tarefa, o prisioneiro podia ir-se embora. E agora que lhe tinham dado trabalho, as dores de Chukhov pareciam ter-se extinguido.

Pegou no balde e, de mãos nuas — com a pressa esquecera-se de trazer as luvas, que tinha sob o travesseiro —, lançou-se ao trabalho.

Alguns dos chefes de grupo que se dirigiam para o D.P.P. tinham-se reunido junto do poste onde estava o termômetro, e um dos mais jovens, um antigo herói da União Soviética, trepou no poste, tirou o instrumento, bateu-o na perna e limpou-o.

— Veja bem, não o bafeje, para não elevar a temperatura — gritaram-lhe os outros.

— Elevar? Não importa! O meu bafo não produzirá efeito algum.

Tiúrin, da turma 104 — o grupo de Chukhov —, não se encontrava entre eles. Chukhov pousou o balde, meteu as mãos dentro das mangas e observou a cena com interesse.

O homem que trepara no poste berrou roucamente:

— Vinte e sete e meio. Nem mais nem menos.

E, lançando outro olhar ao termômetro para confirmar o que vira, desceu.

— Oh, você está vesgo. Isso mente sempre — disse um. — Acredita que iam pôr aí um aparelho que marcasse a temperatura certa?

Os chefes de grupo dispersaram-se. Chukhov correu para o poço. A geada tentava penetrar-lhe nos ouvidos através das abas do gorro, que ele tinha baixado mas não atara.

A parte de cima do poço estava coberta de uma camada de gelo tão espessa que ele mal conseguia

Digitalizado com CamScanner

introduzir o balde no buraco. A corda estava rígida como uma vara.

Com as mãos enregeladas, levou o balde entornando para a sala da guarda e mergulhou-as na água. Então sentiu-as mais quentes.

O Tártaro já tinha saído. Os guardas — eram quatro agora — tinham-se reunido num grupo. Haviam parado de jogar damas e discutiam acerca de quanto milho iam receber em janeiro — havia falta dele na colônia dos trabalhadores livres[1] locais, e, embora o racionamento tivesse terminado há muito tempo, certos artigos eram-lhes vendidos com um certo desconto, concessão que não era possível fazer aos habitantes civis.

— Feche essa porta, idiota! Está entrando frio — disse um dos guardas.

Não era sensato molhar as botas de manha, pois, mesmo que corresse até à sua barraca, Chukhov não encontraria outro par para calçar. Durante os seus oito anos de cativeiro, conhecera vários altos e baixos no que dizia respeito ao calçado. Havia épocas em que passava todo o inverno sem *valenki,* ou mesmo botas de couro, e tinha de se contentar com sapatos encordoados ou com uma espécie de galochas, modelo Fábrica de Tratores Tcheliabinsk, como as denominavam, feitas de pneus de automóveis.

Agora a situação parecia melhor quanto ao calçado. Em outubro, Chukhov recebera — graças a

---

[1] *Termo empregado pelos prisioneiros relativamente às pessoas de fora do campo. Estes "trabalhadores livres", empregados em locais de construção nas proximidades dos campos de concentração soviéticos, eram, na sua maior parte, antigos prisioneiros que, depois de cumprirem as suas penas, não tinham lar para onde regressar ou aos quais não era permitido voltar aos lugares anteriores de residência.*

Digitalizado com CamScanner

Pavlo, que o levara ao depósito — um par de botas de couro forte. Durante uma semana, marchara pelo campo com as suas novas botas, batendo os tacões com alegria. Depois, em dezembro, chegaram as *valenki,* e, oh, que maravilha!

Mas andava um demônio à solta no departamento de contabilidade, um suíno qualquer, que murmurara ao ouvido do comandante que cada par de *valenki* devia ser distribuído apenas àqueles que devolvessem as suas botas.

Era contra o regulamento um prisioneiro ter dois pares ao mesmo tempo. Assim, Chukhov teve de se decidir. Ou usava as botas de couro durante todo o inverno, ou entregava-as a fim de receber as *valenki,* que usaria ainda no degelo.

Dispensara muitos cuidados a essas botas, cujo couro amaciara com gordura. E nada lhe provocara tanta mágoa, durante os seus oito anos no campo, como o ter sido obrigado a desfazer-se daquele par de botas.

Foram lançadas para o monte comum, e nem sequer existia uma débil esperança de encontrá-las na primavera.

Então Chukhov teve uma idéia. Tirou rapidamente as *valenki,* pô-las num canto, meteu-lhes dentro as palmilhas — a colher tiniu no chão, pois, embora se tivesse imediatamente submetido à idéia de que ia para o xadrez, não se esquecera da colher — e, ajoelhado e de pés nus, começou a jogar a água sob as *valenki* dos guardas.

— Eh, cuidado, palerma! — gritou um dos guardas, pondo os pés em cima de uma cadeira.

— Arroz? — perguntava outro. — O arroz está numa categoria diferente. Não se pode comparar o milho com o arroz.

Digitalizado com CamScanner

— Por que está usando toda essa água, idiota? Quem é que neste mundo lava dessa maneira?

— Não há outra maneira, cidadão-chefe. O soalho está cheio de porcaria.

— Nunca viu a sua mulher esfregar o soalho, estúpido?

Chukhov pôs-se de pé, o trapo escorrendo na mão. Sorriu ingenuamente, mostrando as falhas dos dentes, resultado de um ataque de escorbuto em Ust-Ijma[1], em 1943. E que ataque! O seu estômago debilitado não queria receber espécie alguma de alimento e os intestinos não expeliam nada, a não ser um fluxo de sangue. Chegou a pensar que ia morrer, pois já nem sequer se agüentava nas pernas. Perdera alguns dentes, e desde então a sua fala tornara-se um pouco sibilante.

— Afastaram-me de minha mulher em 1941, cidadão-chefe. Esqueci-me completamente dela.

— Vejam como este estúpido lava o soalho... Não sabem como se faz a mínima coisa, nem querem aprender. Nem merecem o pão que mastigam. Devíamos dar-lhes merda para comer.

— Aliás, que necessidade há de lavar isto todos os dias? Quem pode suportar o molhado? Olhe, 854. Esfregue apenas levemente para umedecer, e depois...

— Não, não se pode comparar o milho ao arroz.

Chukhov sabia como levar a água ao seu moinho. O trabalho era como um pau. Tinha duas extremidades. Quando se trabalhava para os conhecedores fazia-se a coisa como devia ser; quando se trabalhava

---

[1] *Um dos muitos campos de concentração nas margens do rio Pétchora, que deságua no mar de Barents. Nestes campos, os prisioneiros eram utilizados principalmente para cortar madeira.*

Digitalizado com CamScanner

para um tolo jogava-se-lhe apenas poeira nos olhos.

De outra maneira, toda a gente teria já esticado as canelas há muito tempo. Todos o sabiam.

Chukhov lavou as tábuas do soalho com o trapo úmido, de maneira a não ficar nenhum trecho seco, depois passou o trapo, sem o torcer, atrás do fogão, puxou as suas *valenki* para perto da porta, jogou o resto da água no caminho usado pelas autoridades do campo e, cruzando por atalhos, dirigiu-se rapidamente para o refeitório, atravessando o balneário e o sombrio e frio clube.

Tinha ainda de ir ao posto médico, pois sentia-se de novo cheio de dores. Além disso tinha de passar sem ser notado pelo guarda que se encontrava defronte do refeitório. Tudo isto porque o comandante do campo dera ordens severas para que fossem para o calabouço todos os prisioneiros apanhados vagueando.

Naquela manhã, por um acaso da sorte, não se via qualquer ajuntamento ou fila em frente do refeitório. Assim, entrou imediatamente.

A atmosfera estava tão espessa como a de um balneário. Uma corrente de ar gelado introduziu-se através da porta e chocou com o vapor que se evolava da sopa aguada. Os componentes dos grupos estavam sentados às mesas ou esperavam nos espaços entre elas. Gritando uns para os outros por entre a multidão comprimida, dois ou três homens de cada grupo transportavam tigelas de sopa e *kacha*[1] em tabuleiros de madeira e tentavam encontrar espaço para pousá-los nas mesas.

— Vejam aquele imbecil de andar duro! Não ouviu e esbarrou no tabuleiro. Fez entornar a sopa.

[1] *Papa de aveia.*

Digitalizado com CamScanner

E então o homem que levava o tabuleiro dá-lhe com a mão livre um tapa na nuca. É a única maneira.

— Não fiquem empatando, apenas à espera da oportunidade para surripiar qualquer coisa!

À mesa, antes de mergulhar a colher no caldo, um jovem persignou-se. Tratava-se de um novo prisioneiro, vindo da Ucrânia Ocidental[1].

Quanto aos russos, já se tinham esquecido de que mão deviam servir-se para fazer o sinal-da-cruz.

Estavam sentados no refeitório frio e muitos deles comiam com os gorros na cabeça. Comiam lentamente, pescando pedacinhos pútridos de peixe sob as folhas de couve negra cozida e cuspindo as espinhas para o tampo da mesa. Quando as espinhas formavam um montículo e era a vez de outro grupo se sentar, alguém jogava-as para o chão, onde seriam calcadas até constituírem uma pasta. Mas era considerado mal-educado aquele que cuspisse as espinhas diretamente para o chão.

Duas filas de bancos desciam até o meio da sala do refeitório, e Fetiukov, da turma 104, estava sentado junto de uma delas. Era ele quem estava de guarda à refeição de Chukhov.

Fetiukov tinha o último lugar no seu grupo, estando abaixo de Chukhov. Exteriormente, todos os componentes do grupo se assemelhavam — os números que traziam nos capotes negros eram idênticos —, mas no seio do grupo havia profundas diferenças. Cada um tinha o seu posto. De Buinóvski, por exemplo, não se podia esperar que guardasse a tigela de outro

---

[1] *Devia tratar-se de um natural da parte do território ucraniano que até a Segunda Guerra Mundial pertenceu à Polónia e foi depois anexado pela Rússia. Muitos professavam ainda a religião católica.*

Digitalizado com CamScanner

zek[1]. E o próprio Chukhov não faria qualquer trabalho que não se coadunasse com a sua situação. Para isso, havia outros de nível inferior ao seu.

Fetiukov lobrigou Chukhov e, depois de um sinal, cedeu-lhe o seu lugar.

— Está fria. Já me preparava para comer a sua dose. Pensei que o tivessem metido no xadrez.

Não ficou mais tempo, pois não tinha esperança de que Chukhov desperdiçasse restos do seu caldo.

Chukhov tirou a sua colher da bota. Era o seu pequeno tesouro. Fizera-a com as próprias mãos e trazia-a consigo desde a sua estada no norte. Tinha gravadas as palavras: "Ust-Ijma — 1944".

Depois tirou o gorro da cabeça rapada — fosse qual fosse a temperatura, nunca se habituara à idéia de comer com o gorro na cabeça —, mexeu o caldo gelado e deitou um olhar para a tigela, a fim de ver o que ela continha.

Dose normal. Não tinham tirado o caldo da superfície, mas também não o tinham tirado do fundo do caldeirão. Fetiukov era do tipo que, quando guardava a tigela de um companheiro, surripiava as batatas.

A única coisa boa que o caldo do campo tinha era ser quente, mas a dose de Chukhov estava completamente fria. Porém, comeu-o lenta e cuidadosamente, como, aliás, era o seu costume. Não precisava apressar-se. À parte o sono, o único tempo que um prisioneiro tem seu são os dez minutos para a refeição da manhã, cinco minutos para almoçar e cinco minutos para jantar.

O caldo era igual todos os dias. A sua composição dependia dos legumes fornecidos no inverno. No

---

[1] *Abreviatura de prisioneiro em russo.*

Digitalizado com CamScanner

último ano apenas houvera cenouras salgadas, o que significava que de setembro a junho a sopa fora apenas de cenouras. Este ano, todavia, era de couve negra. O período mais nutritivo do ano era o mês de junho. Então todos os legumes se acabavam e eram substituídos por sêmolas. O pior período era em julho, em que punham urtigas cortadas na panela.

O peixe, miúdo, tinha mais espinhas que carne. Esta fora arrancada na cozedura e desintegrara-se, ficando apenas uns restos na cabeça e no rabo. Sem deixar uma só escama ou uma partícula de carne no frágil esqueleto do peixe, Chukhov continuou a mordiscar e a chupar as espinhas, atirando os restos para cima da mesa. Comia tudo: as guelras, o rabo, os olhos — se o peixe ainda os tinha, pois quando estes flutuavam na tigela ele não lhes tocava, o que provocava o riso dos companheiros.

Nesta manhã, Chukhov economizava. Como não voltara à barraca, não retirara a sua ração de pão. Assim, comia sem ele a sua refeição. Comeria o pão mais tarde. Talvez ainda fosse melhor.

Após a sopa, havia *kacha*. Também arrefecera e formava agora uma massa sólida, que Chukhov cortava em pedaços. E não importava que a papa estivesse fria, pois quando quente não tinha sabor algum, não dando a sensação de encher a barriga. Apenas erva, com a diferença de que era amarela e parecia milho.

Dizia que tentavam imitar os chineses quando tiveram a idéia de servi-la em vez de cereais. Quando cozidas, uma tigela cheia pesava quase meio quilo. Não que fosse mesmo papa, mas passava por isso.

Lambeu a colher e colocou-a no seu lugar, no cano de uma das botas. Depois pôs o gorro na cabeça e dirigiu-se para o posto médico.

Digitalizado com CamScanner

O céu estava ainda bastante escuro e as luzes do campo ofuscavam as estrelas. Os brilhantes feixes de luz dos holofotes varriam ainda a zona. Quando este campo, este campo "especial", fora organizado, as forças de segurança dispunham de grandes quantidades de foguetes de sinalização, que tinham sobrado da guerra, e, sempre que se verificava uma falta de corrente, faziam subir os foguetes de sinalização sobre a zona — brancos, verdes e vermelhos —, tal como se estivesse em combate. Mais tarde, deixaram de utilizá-los. Para economizar, disseram.

Parecia estar tão escuro como durante a alvorada, mas os olhos experientes podiam facilmente distinguir, devido a vários pequenos indícios, que daí a pouco seria dada a ordem para iniciar o trabalho.

O assistente de "Khromói"[1] (Khromói era o faxineiro do refeitório, que mantinha um ajudante à própria custa) avisara os ocupantes da barraca 6 de que deviam ir comer a sua refeição. Esta construção era ocupada pelos doentes, que não deixavam a zona.

Um artista velho e barbudo encaminhara-se para o D.E.C.[2], a fim de ir buscar um pincel e tinta de que necessitava para retocar os números do uniforme dos prisioneiros. O Tártaro estava à vista: atravessava o pátio em passos largos e rápidos em direção à barraca do comando. Em geral, viam-se poucos homens por ali, o que queria dizer que todos se tinham recolhido a um outro canto para se aquecerem durante estes últimos preciosos minutos.

Chukhov foi bastante prudente: não queria ser visto de novo pelo Tártaro, e assim, dobrou numa esquina de uma barraca e afastou-se. Se fosse apanhado segunda vez, o Tártaro enviá-lo-ia certamente

[1] *Pé torto.*
[2] *Departamento de Educação e Cultura.*

Digitalizado com CamScanner

para o xadrez. Tinha de ser cauteloso. Era conveniente que os guardas não vissem uma pessoa só, mas sempre misturada num grupo. E quem sabe se aquele camarada não andaria à procura de alguém a quem encarregar de uma tarefa qualquer? Além disso, podia lançar as garras a um homem apenas por rancor. Não tinham eles percorrido todas as barracas e lido aos prisioneiros aquele novo regulamento? Tinha de se tirar o gorro a um guarda cinco passos antes de se cruzar com ele e pô-lo de novo andados dois passos. Havia guardas que caminhavam como se fossem cegos, não se importando nada com o regulamento, mas para outros ele era um decreto divino. Quantos prisioneiros já tinham sido metidos no calabouço devido ao malfadado regulamento? Não, era melhor afastar-se.

O Tártaro passou, e Chukhov decidiu finalmente ir ao posto médico. Mas de súbito lembrou-se de que o "Letão" — um tipo muito alto da barraca 7 — lhe dissera que o procurasse naquela manhã, antes da chamada, a fim de comprar uma ou duas canecas de tabaco de cultivo caseiro, uma coisa de que Chukhov se esquecera completamente por causa de toda a excitação que tivera.

O Letão recebera uma encomenda de casa na noite anterior, e talvez sucedesse que no dia seguinte já não lhe restasse tabaco, tendo assim de aguardar um mês por uma nova remessa. O tabaco do Letão era de boa qualidade, forte e aromático.

Chukhov hesitou. Devia voltar e procurar o Letão? Porém, estava muito perto do posto médico e começou a avançar lentamente. A neve estalava ruidosamente sob as solas das botas quando se aproximou da porta.

No interior, o corredor estava tão limpo, como

Digitalizado com CamScanner

sempre, que teve receio de pisá-lo. As paredes estavam pintadas com esmalte branco e todo o mobiliário era branco.

As portas da sala do consultório encontravam-se fechadas. Os médicos deviam estar ainda na cama. Estava de serviço um assistente — um jovem chamado Kólia Vdovúchkin. Encontrava-se sentado a uma pequena mesa, usava um gorro branco na cabeça e vestia uma bata curta, alva como neve. Escrevia qualquer coisa.

Não se via mais ninguém.

Chukhov tirou o gorro, como se estivesse na presença de uma das autoridades, e, olhando, à maneira do campo, para o que não lhe dizia respeito, notou que Kólia escrevia em linhas regulares e bem espaçadas, e que cada linha, iniciada um pouco para dentro da margem do papel, começava com maiúscula. Compreendeu imediatamente que Kólia não estava decerto fazendo trabalho oficial, mas qualquer coisa particular. Mas nada tinha que ver com o assunto.

— Bem, Nikolai Semiónovitch, trata-se mais ou menos disto... Sinto-me um pouco... adoentado... — começou Chukhov timidamente, como se cobiçasse qualquer coisa que lhe não pertencia.

Kólia Vdovúchkin ergueu os olhos grandes e plácidos do seu trabalho. O seu número estava completamente coberto pela bata.

— Por que veio tão tarde? Por que não deu parte de doente a noite passada? Sabe muito bem que não há horas de consulta de manhã. A lista dos doentes já foi enviada para o Departamento de Planejamento.

Chukhov sabia tudo isso. Sabia também que não

Digitalizado com CamScanner

era coisa simples ser-se inscrito de noite na lista dos doentes.

— Mas... Kólia... compreenda... Quando devia ter vindo... na noite passada... nada me doía.

— E agora dói? De que se queixa?

— Bem, para falar com franqueza, parece-me que tenho o corpo todo cheio de dores.

Chukhov não era daqueles que a propósito de tudo e de nada procuravam o posto médico. Vdovúchkin sabia-o bem. Mas de manhã só lhe era permitido dispensar dois homens do trabalho, e já os tinha dispensado. Os nomes deles estavam inscritos sob o vidro esverdeado da sua secretária, e ele já traçara uma linha através da página.

— Bem, devia ter pensado nisso mais cedo. Que julga? Dar parte de doente antes da chamada! Venha cá, tome isto.

Tirou um termômetro de uma das jarras onde eles se encontravam, metidos em orifícios cortados em pedaços de gaze, limpou-o e passou-o a Chukhov, que o colocou debaixo do braço.

Chukhov sentou-se num banco perto da parede, bem numa das extremidades, de maneira que quase o voltou de pernas para o ar. Mas continuou sentado naquela posição tão desconfortável, sublinhando involuntariamente que o local não lhe era nada familiar e que só fora até lá por uma coisa de pouca importância.

Vdovúchkin continuava a escrever.

O posto médico ficava situado no local mais afastado e mais deserto da zona, onde não chegavam ruídos de espécie alguma. Não se ouvia o tique-taque dos relógios, pois as autoridades indicavam o tempo quando o achavam conveniente. Nem sequer os ratos

Digitalizado com CamScanner

vagueavam por ali: o gato do hospital, trazido para esse fim, tratara deles.

Para Chukhov, era uma triste experiência sentar-se naquele local tão asseado, com tanta tranqüilidade, sentar-se sob lâmpadas de luz tão viva durante cinco minutos, imóvel. Circunvagou os olhos ao redor das paredes e encontrou-as vazias. Olhou a própria jaqueta — o número no peito estava quase sumido. Isso poderia notar-se. Tinha de pedir que o retocassem. Passou a mão livre pelo queixo e sentiu a barba hirsuta. Ela crescera bastante desde o último banho, uns dez dias antes. Mas esse fato não incomodava. O próximo banho era daí a três dias e barbear-se-ia então. Não fazia sentido que se metesse na fila à porta do barbeiro. Para quem tinha ele de se pôr bonito?

Então, ao olhar para o gorro de Vdovúchkin, branco como a neve, recordou-se do hospital nas margens do rio Lovat, para onde fora conduzido com os maxilares partidos, e depois — que idiota fora! — pedira que o enviassem de novo para a frente, embora ali pudesse ter ficado na cama durante mais cinco dias.

E agora sonhava em ficar doente por duas ou três semanas, não gravemente, claro, não tão gravemente que tivessem de operá-lo, contudo suficientemente mal para que o mandassem para o hospital, onde ficasse de cama durante três semanas sem se mexer. Mesmo que o alimentassem apenas com aquela sopa aguada, isso pouco lhe importava.

Mas, lembrou-se agora, não deixavam ninguém ficar na cama, mesmo na enfermaria do campo. Com um dos últimos grupos de prisioneiros chegara um novo médico — Stepan Grigórievitch, um camarada turbulento e de voz bastante alta, que não dava

Digitalizado com CamScanner

paz nem a si nem aos seus doentes. Inventava ocupações na enfermaria e em redor dela para todos os doentes que pudessem manter-se de pé — erguendo cercas no jardim, abrindo caminhos, trazendo estrume para os canteiros, e, no intervalo, levantando barreiras contra a neve.

"O trabalho", dizia ele, "é um remédio de primeira ordem para qualquer gênero de doença."

Se se sobrecarregar de trabalho um cavalo, ele acaba por morrer. Isso o médico devia compreender. Se tivesse suado sangue colocando tijolos certamente mudaria de idéia.

Vdovúchkin continuava a escrever. Estava, de fato, fazendo um trabalho particular, mas tratava-se de qualquer coisa que Chukhov não conseguia ver bem.

Passava a limpo um longo poema que terminara na noite anterior e que prometera mostrar nesse dia a Stepan Grigórievitch, o médico que advogava a terapia do trabalho.

Como apenas pode acontecer nos campos, Stepan Grigórievitch tinha advertido Vdovúchkin de que devia intitular-se assistente. Levara-o para a enfermaria e o ensinara a dar injeções intravenosas em prisioneiros ignorantes, a cujos espíritos inocentes nunca ocorreria que Vdovúchkin não era de modo algum um médico-assistente. Fora estudante de literatura numa universidade, tendo sido preso quando ainda freqüentava o segundo ano. O médico desejou que ele escrevesse enquanto estivesse preso, já que não lhe seria dada uma oportunidade de escrever em liberdade.

O sinal para a chamada mal penetrou as janelas de vidraças duplas, cobertas de neve. Chukhov soltou um suspiro e ergueu-se. Ainda sentia aqueles

Digitalizado com CamScanner

arrepios febris, mas a verdade era que não conseguiria escapar ao trabalho.

Vdovúchkin retirou o termômetro e leu-o.

— Hum, nem uma coisa nem outra. Trinta e sete e dois. Se fossem trinta e oito, seria bem claro para toda a gente. Não posso dispensá-lo. Se não quiser comparecer ao trabalho, isso é com você. O médico o examinará. Se chegar à conclusão de que está doente, dispensá-lo-á. Se o considerar apto, não o fará. Então será metido no xadrez. Era bem melhor que comparecesse ao trabalho.

Chukhov nada disse. Nem sequer inclinou a cabeça. Puxando o gorro sobre os olhos, saiu.

Como se pode esperar que um homem que sente calor compreenda um que sente frio?

O frio mordia-lhe a carne. Uma névoa suja envolveu Chukhov e fê-lo tossir penosamente. A temperatura ambiente era de vinte e sete graus abaixo de zero, e a de Chukhov era de trinta e sete e dois décimos acima. Portanto, travava-se um combate entre a temperatura ambiente e a do seu corpo.

Dirigiu-se correndo para a sua barraca. O pátio estava deserto e o campo parecia vazio. Decorria aquele breve instante de relaxamento em que, apesar de tudo determinado, todos fingem para si mesmos que não haverá marcha para o trabalho. As sentinelas estavam instaladas em aquartelamentos quentes, as cabeças sonolentas apoiadas nas espingardas — nem tudo é leite e mel para eles, preguiçando nas suas torres de vigia com tal frio. Os guardas do portão principal lançavam carvão para o fogão. Os guardas do campo fumavam nas suas barracas um último cigarro antes de darem busca às instalações dos prisioneiros. E estes, agora vestidos com as suas roupas grosseiras, uma corda em volta da cintura, os rostos

Digitalizado com CamScanner

envolvidos em farrapos do queixo até aos olhos, para se defenderem do frio, estavam estendidos nos seus beliches com as botas calçadas e aguardavam, de olhos fechados, os corações palpitando, que o chefe do seu grupo gritasse:

— Vamos!

Quase todos os homens da barraca 9, incluindo os da turma 104, dormitavam. Todos, exceto o ajudante do chefe do grupo, Pavlo, que movia os lábios enquanto somava qualquer coisa com um lápis, e Aliocha, o vizinho de beliche de Chukhov, que lia um caderno no qual copiara metade do Novo Testamento.

Chukhov encaminhou-se, sem fazer o mais leve ruído, para a cama de Pavlo. Este ergueu os olhos.

— Então não o meteram no xadrez, hem, Ivan Denissovitch? — perguntou ele com uma pronúncia nitidamente ucraniana, tratando o outro pelo nome e patronímico, delicadamente, como faziam os da Ucrânia Ocidental mesmo no campo.

Pegando na ração de pão de Chukhov, entregou-a a ele. Em cima do leito via-se um montículo de açúcar granulado, pouco maior que uma colherada. Chukhov não dispunha de tempo para desperdiçar, mas respondeu com correção, pois o ajudante do chefe de grupo era também uma das autoridades, e dependia mais dele que do próprio comandante do campo.

Embora estivesse com pressa, sugou o açúcar do pão com os lábios, saboreou-o sob a língua, enquanto colocava o pé num apoio a que subia quando fazia a cama, ao mesmo tempo que lançava um olhar para a ração, avaliando o seu peso com a mão e fazendo um cálculo rápido para se certificar se ela atingia os cinqüenta e cinco gramas do regulamento

Digitalizado com CamScanner

Ele recebera milhares de rações em prisões e em campos, e, embora nunca tivesse ocasião de pesá-las em balanças e apesar de ser um homem de natureza tímida, não via maneira de exigir o que lhe era devido. Ele, como qualquer outro prisioneiro, descobrira há muito tempo que jamais era fornecido o peso certo. O único ponto a adivinhar: quantos gramas eram roubados?

Assim, todos os dias se lançava um olhar para a ração a fim de sossegar o espírito — hoje talvez não tivessem surripiado muito.

Por fim, depois de cortar o pão em duas fatias, decidiu que faltavam uns vinte gramas. Colocou uma fatia no peito, num pequeno bolso que cosera para esse fim sob a jaqueta — as jaquetas para os prisioneiros vinham da fábrica sem bolsos. A outra, que economizara por ter saído sem tomar a refeição matinal, decidiu comê-la ali mesmo. Mas, mal se deita pela goela abaixo a comida, esta deixa de sê-lo: desperdiça-se, não dá sensação alguma de conforto à barriga. Resolveu colocar o pão no seu armário, mas de novo começou a cismar. Recordou-se de que dois faxineiros da barraca tinham sido espancados por roubarem.

E assim, ainda com os dois pedaços de pão nas mãos, tirou as *valenki,* deixando dentro delas as palmilhas e a colher, subiu de pés nus ao seu leito, abriu um pequeno buraco no colchão, e ali, entre a serragem, escondeu a sua meia ração. Tirou o gorro, retirou dele uma agulha e linha — escondidas bem no fundo, pois os guardas examinavam os gorros com os dedos sempre que apalpavam alguém devido a algum roubo. Uma vez um guarda picara um dedo, e, de raiva, quase rebentou a cabeça de Chukhov.

Digitalizado com CamScanner

Usou a agulha e a linha e pouco depois o pequeno buraco feito no colchão estava remendado, com o pão escondido nele. Entretanto, o açúcar que pusera na boca tinha-se derretido. Cada nervo doía-lhe da tensão extrema. A qualquer momento o guarda de controle começaria a gritar à porta. Os dedos de Chukhov trabalhavam com celeridade, mas a sua mente, planejando o próximo movimento, trabalhava ainda com mais rapidez.

Aliocha, o Batista, lia o Evangelho quase em voz alta. Talvez especialmente por causa de Chukhov — estes camaradas gostavam de fazer um pouco de propaganda.

"Se sofres, que não seja por assassínio, roubo ou bruxaria, nem por infringires os direitos dos outros. Mas se alguém sofre como cristão, não deve considerar isso uma desgraça, mas dê graças a Deus por isso."

Aliocha era esperto: fizera um buraco na parede e escondia aí a Bíblia, que jamais fora descoberta em qualquer das buscas efetuadas à barraca.

Com a mesma rapidez de movimentos, Chukhov pendurou o capote numa viga e retirou o que desejava de baixo do colchão: um par de luvas, um segundo par de palmilhas, um pedaço de corda e um farrapo com uma fita em cada extremidade. Alisou a serragem no colchão — era granulada e compacta —, ajeitou o lençol, arranjou o travesseiro e desceu. Em seguida, começou a envolver os pés nus com trapos, primeiro com os ainda intatos, depois com os rasgados, por cima. Nesse mesmo momento Tiúrin ergueu-se e berrou:

— Vamos, turma 104. Lá para fora.

E imediatamente os homens, ainda sonolentos ou não, bocejaram e dirigiram-se para a porta. Tiúrin,

Digitalizado com CamScanner

que era prisioneiro há dezenove anos, jamais conduzira lá para fora os homens um momento mais cedo que a hora exata. Quando dizia: "Lá para fora", isso significava que deviam fazê-lo imediatamente.

E enquanto os homens se dirigiam com passo pesado e de lábios cerrados, um a um, para o exterior, e o chefe da turma 20, seguindo o exemplo de Tiúrin, gritava por sua vez: "Vamos, lá para fora", Chukhov puxou as suas *valenki*, pôs o capote sobre a jaqueta acolchoada e apertou fortemente a corda à roda da cintura — os cintos de couro tinham sido retirados aos *zeks* que os possuíam, pois eram proibidos nos campos "especiais".

Assim, Chukhov conseguiu fazer os preparativos necessários e alcançar os últimos dos seus companheiros no preciso momento em que as suas costas numeradas passavam a porta em direção ao pórtico.

Parecendo bastante corpulentos, pois tinham-se envolvido com todas as roupas que possuíam, os homens encaminharam-se, marchando em diagonal e em fila simples, para o recinto do pátio sem tentarem distanciar-se uns dos outros. O único ruído que se ouvia era o estalar da neve sob as suas botas.

Estava ainda escuro, embora a leste o céu começasse a animar-se com uma tinta esverdeada. Uma aragem leve mas penetrante soprava agora.

Não existia momento mais amargo que este, quando os prisioneiros se dirigiam para a chamada matinal no escuro, ao frio, com o estômago vazio e com um longo dia de trabalho à sua frente.

Ninguém tinha vontade de falar, todo o desejo de falarem uns com os outros se dissipara.

Um guarda de categoria inferior passeava com passos vivos, a fim de afugentar o frio.

Digitalizado com CamScanner

— Bem, Tiúrin, quanto tempo temos de esperar por você? Mais uma vez chega tarde!

Talvez Chukhov sentisse medo diante dele. Porém, isso não acontecia com Tiúrin. Oh, não. Ele avançou sem uma palavra.

O grupo seguia-o, pisando energicamente a neve, que estalava.

Tiúrin devia tê-los untado bem, pois a turma 104 fora para o seu lugar habitual na coluna — isso podia ser visto dos grupos vizinhos. Assim, uma das turmas de sujeitos mais pobres e estúpidos era enviada para o Centro da Comunidade Socialista. Oh, que inferno seria estar lá hoje: vinte e sete graus abaixo de zero, neve e vento. Sem um abrigo. Sem uma fogueira.

Um chefe de turma precisa de ter com que untar as mãos da gente do Departamento de Planejamento e também com que satisfazer a sua própria barriga. Tiúrin não recebia encomendas de casa, mas nunca lhe faltava nada. Nenhum dos componentes da turma que recebiam encomendas de casa deixava de lhe entregar qualquer coisa, ou seja, também não deixava de lhe untar as mãos.

Se não fosse assim não sobreviveriam.

O guarda que comandava as turmas de trabalho lançou uma olhadela para um pequeno cartão.

— Você tem um homem dispensado por doença, Tiúrin. E vinte e três presentes, não é verdade?

— Vinte e três — respondeu Tiúrin, inclinando a cabeça num gesto afirmativo.

Quem era o que faltava? Panteleiev não se encontrava ali, mas decerto não estava doente.

E prontamente um murmúrio correu através da turma: Panteleiev, o filho de uma cadela, conseguira safar-se mais uma vez. Oh, não, não estava doente,

Digitalizado com CamScanner

os sujeitos da segurança deviam tê-lo por sua conta. Não tardaria que desse novamente com a língua nos dentes, delatando mais alguém.

Mandá-lo-iam buscar durante o dia, quando a calma era maior, e tê-lo-iam com eles durante duas ou três horas.

Ninguém veria. Ninguém ouviria nada.

E arranjariam bem as coisas com as autoridades médicas.

O local da chamada era uma mancha negra com os capotes dos prisioneiros e as turmas a avançarem para serem revistadas.

Chukhov recordou-se de que precisava retocar os números da sua jaqueta e abriu caminho através dos que o rodeavam. Dois ou três prisioneiros esperavam a sua vez junto do artista.

Juntou-se a eles. Aqueles números eram uma fonte constante de sarilhos: se se distinguiam bem, os guardas podiam identificar um homem a distância, mas se alguém se esquecesse de repintá-los a tempo, era mais que certo que ia parar no xadrez por não se ter dado ao cuidado de retocar os malfadados números.

Havia três artistas no campo. Pintavam de graça retratos para as autoridades e em paga tinham de ir à hora da chamada apenas para retocar os números.

Hoje era a vez de um velho de barba grisalha. Quando pintava o número do gorro de um prisioneiro com o seu pincel, parecia um sacerdote ungindo alguém.

O velho continuava a pintar, soprando de vez em quando para dentro das luvas finas, de malha. Sua mão enregelava-se com o frio e ele mal conseguia pintar os números.

Retocou o S 854 na jaqueta de Chukhov, que,

Digitalizado com CamScanner

segurando a corda da cintura e sem se preocupar em puxar o capote em volta de si — não tardaria que fosse revistado —, alcançou a sua turma.

De súbito, notou que o seu companheiro Tsezar[1] estava fumando um cigarro, e não o cachimbo, o que queria dizer que havia oportunidade de lhe pedir uma tragada. Mas não o fez logo. Deteve-se ao lado dele e, depois de se voltar ligeiramente, afastou a vista.

Desviou os olhos como se indiferente, mas notou que após cada tragada — Tsezar inalava a pequenos intervalos, pensativamente — um fino círculo de cinza rubra tombava do cigarro, reduzindo o seu tamanho na piteira.

Fetiukov, aquele chacal, aproximara-se também, e agora estava mesmo em frente de Tsezar, observando-lhe a boca com olhos fascinados.

A provisão de tabaco de Chukhov acabara e ele não via possibilidade de adquirir nem um fiapo sequer antes da noite. Cada nervo do seu corpo estava tenso, todos os seus desejos se concentravam naquele toco — que significava para ele, parecia-lhe, mais que a própria liberdade. Mas jamais se rebaixaria tanto como aquele Fetiukov, jamais olharia insistentemente a boca de um homem.

Tsezar era uma mescla de todas as raças: se era grego, judeu ou cigano, eis uma coisa que não se podia dizer. Era ainda bastante jovem. Fora *cameraman,* mas tinham-no prendido antes de completar o seu primeiro filme. Usava um bigode grande, negro e espesso. Não lho tinham cortado à sua chegada ao campo, pois exibia-o na fotografia da sua ficha de prisioneiro.

---

[1] *César.*

Digitalizado com CamScanner

— Tsezar Márkovitch — babou-se Fetiukov, incapaz de se conter —, deixa-nos dar uma tragada, sim?

A sua cara contorceu-se devido ao seu ávido desejo.

Tsezar ergueu levemente as pestanas, que baixou logo a seguir sobre os seus olhos negros, e fitou Fetiukov. Não gostava de ser interrompido enquanto fumava, e fora porque não gostava que lhe pedissem uma tragada que começara a usar cachimbo. Não era avaro com o tabaco, mas detestava que o distraíssem dos seus pensamentos. Fumava para estimular a mente e para melhor discorrer. Mas no momento em que acendia um cigarro lia em vários pares de olhos o desejo inexprimível de possuir ao menos o toco.

Tsezar voltou-se para Chukhov e disse:

— Tome-a, Ivan Denissovitch.

E com o polegar retirou o toco da curta piteira de âmbar.

Chukhov estremeceu — embora fosse exatamente o que esperava de Tsezar — e, grato, apressou-se a pegar com uma das mãos, enquanto espalmava a outra sob aquela, a fim de evitar que ela caísse ao chão. Não o ressentia o fato de Tsezar ter manifestado escrúpulos em deixá-lo acabar o cigarro na sua piteira — alguns tinham bocas limpas, outros tinham bocas imundas —, e fumou até que a ponta rubra começou a queimar-lhe os dedos calosos. E o principal era que ele havia desprezado aquele chacal do Fetiukov, e agora podia inalar o fumo até que os seus lábios estivessem assados. Hum! O fumo parecia penetrar dos pés à cabeça todo o seu corpo faminto.

Digitalizado com CamScanner

Porém, naquele maravilhoso momento, ouviu um berro:

— Eles vão tirar-nos a roupa de baixo!

Tal era a vida do prisioneiro. Chukhov acostumara-se a ela. Tudo o que se podia fazer era estar alerta para o caso de quererem saltar à garganta de uma pessoa.

Mas por que a roupa de baixo? O próprio comandante do campo mandara distribuí-la. Não, ali havia qualquer coisa estranha.

Encontravam-se à frente algumas turmas antes de a sua ser revistada. Todos os da 104 moveram os olhos em redor, e viram o Tenente Volkovoi, o chefe da segurança, sair de uma das barracas do comando e berrar qualquer coisa aos guardas. E estes, que, quando Volkovoi não se encontrava nas imediações, se ocupavam descuidadamente da tarefa da revista, empenharam-se agora no trabalho com um zelo selvático.

— Desabotoem as camisas — gritou o sargento.

Volkovoi era tão detestado pelos prisioneiros como pelos guardas — dizia-se que até o próprio comandante do campo o temia. Deus dera àquele canalha o nome que merecia[1]. Era, na verdade, um autêntico lobo, e parecia-o. Era trigueiro, alto e de aspecto sombrio e bastante rápido nos movimentos.

Surgira de trás de uma barraca, berrando: "Que se passa por aí?" Ninguém podia furtar-se aos seus olhos.

A princípio, em 1949, tinha o hábito de trazer consigo um chicote de couro entrançado, tão grosso como o seu antebraço. Dizia-se que o utilizava para flagelar presos nas celas. Quando os prisioneiros se encontravam em grupos juntos de uma barraca, na

[1] *Volk, em russo, significa "lobo".*

Digitalizado com CamScanner

chamada da noite, ele costumava aparecer sorrateiramente e fustigar um deles na nuca, gritando: "Vamos para a forma, seu malandro!" Os homens escapuliam-se em vagas. Torturada pelo golpe, a vítima levava uma das mãos ao pescoço e limpava-o do sangue, mas continha a língua, amedrontada pelo espectro da solitária.

Agora, por um motivo qualquer, Volkovoi deixara de trazer o chicote.

Quando fazia frio, os guardas eram bastante clementes de manhã, embora o mesmo não sucedesse à noite.

Os prisioneiros desataram as cordas que lhes cingiam as cinturas e abriram completamente os capotes, cujas abas seguraram com as mãos. Avançaram em filas de cinco. Eram vigiados por igual número de guardas, que esperavam por eles a fim de os revistarem. Então metiam-lhes as mãos no interior dos capotes e apalpavam-lhes as jaquetas, percorriam com os dedos o bolso esquerdo, o único permitido pelo regulamento. Tinham relutância em tirar as luvas e, quando sentiam um objeto que os intrigava, perguntavam indolentemente: "Que tem aí?"

Que traria consigo um prisioneiro na chamada da manhã? Uma navalha? Mas estas não eram levadas para fora do campo, eram trazidas para dentro. De manhã tinham de se certificar se um prisioneiro não levara consigo três quilos de pão, a fim de tentar escapar-se com ele. Houve tempo em que tinham tanto medo dos pedaços de pão de duzentos gramas que os prisioneiros levavam para comer ao jantar, que cada turma fora obrigada a fazer uma caixa de madeira para o transporte de toda a ração, ali integralmente reunida, depois de pedido cada pedaço aos prisioneiros.

Digitalizado com CamScanner

O que lucravam com esse ato de estupidez era coisa que ninguém conseguia imaginar. Provavelmente, tratava-se de outra maneira de atormentar os prisioneiros, arranjando-lhes alguma coisa mais com que se preocuparem. Isto obrigava os homens a darem uma dentada no seu quinhão, para fazerem, por assim dizer, uma marca nele, e depois pô-lo na caixa. No entanto, os pedaços eram tão iguais como duas ervilhas, eram todos cortados do mesmo pão. Durante a marcha, torturava-os o fato de imaginarem que o seu quinhão pudesse ser substituído pelo de um companheiro. Bons amigos envolviam-se freqüentemente em disputas devido a esta malfadada situação, chegando por vezes a vias de fato! Porém, certo dia, três prisioneiros escaparam-se num caminhão do local onde mourejavam, levando com eles uma destas caixas de pão. Isto fez que as autoridades tomassem as providências que julgaram adequadas: retiveram todas as caixas na barraca da guarda, e cada um que levasse dali o seu quinhão.

Com esta primeira revista, eles queriam também assegurar-se de que ninguém vestia trajes civis sob o uniforme do campo. No entanto, a cada prisioneiro fora confiscada aquela roupa, que lhes seria devolvida, conforme lhes anunciaram, quando cumprissem a sua sentença nesse campo.

Por vezes, os guardas revistavam-nos em busca de possíveis cartas que tivessem recebido por intermédio de civis. Mas, se fossem revistar todos os prisioneiros, só terminariam a tarefa lá pela hora do jantar.

Volkovoi, porém, gritara aos guardas que fizessem uma busca minuciosa, e estes tiraram prontamente as luvas, ordenaram a todos que abrissem as jaquetas — onde era depositado como um tesouro cada sopro

Digitalizado com CamScanner

de calor da barraca — e desabotoassem a camisa. Depois começaram a apalpar, a fim de verificarem se os *zeks* tinham posto alguma peça de vestuário proibida pelo regulamento. A cada prisioneiro era permitido usar uma camisa e uma camiseta — todo o resto tinha de ser retirado. Tais eram as instruções de Volkovoi, passadas fila por fila pelos prisioneiros. As turmas anteriormente revistadas estavam com sorte. Algumas delas haviam já transposto os portões. Mas as restantes ainda tinham de desnudar o peito. E qualquer dos *zeks* que tivesse vestido uma peça de roupa suplementar devia despi-la naquele local, sob o frio cortante.

Eis como tudo começou. Porém, tudo acabou por resultar numa grande confusão — uma brecha formara-se na coluna e junto aos portões a escolta principiou a berrar:

— Um passo para a frente, um passo para a frente!

Assim, quando chegou a vez de a turma 104 ser revistada, tiveram de reduzir um pouco a pressão. Volkovoi disse aos guardas que apontassem o nome de todo aquele que trouxesse vestuário a mais — os culpados deviam entregá-lo pessoalmente nos depósitos do campo naquela noite com a explicação escrita dos motivos por que tinham ocultado as peças de roupa.

Chukhov achava-se dentro do regulamento. "Vá, ponham essas garras com a maior energia de que forem capazes. Não tenho no peito senão a alma."

Tsezar, todavia, foi apanhado com uma camiseta de lã, e aquele Buinóvski, segundo parecia, vestira um colete ou qualquer coisa do gênero. Buinóvski, que se encontrava no campo há menos de três meses, protestava que não era capaz de se libertar dos hábitos que contraíra quando capitão de marinha.

Digitalizado com CamScanner

— Não têm o direito de fazer as pessoas se despirem ao frio. Desconhecem o artigo 9.º do Código Criminal!

Mas tinham esse direito e conheciam o código. "Tem ainda muito que aprender, malandro!"

— Não se comportam como cidadãos da União Soviética — continuou Buinóvski. — Não se comportam como comunistas!

Volkovoi não se importou de ouvir as referências ao Código Criminal, mas os seus olhos dardejaram.

— Dez dias de solitária! — berrou.

As suas palavras ressoaram como trovões.

E, à parte, acrescentou, dirigindo-se ao sargento:

— A começar esta noite.

Não costumavam pôr um homem na solitária de manhã, pois isso acarretaria a perda de um dia completo de trabalho. "Ele que sue sangue enquanto isso, e que vá para a solitária esta noite."

A prisão ficava a poucos metros daquele local, à esquerda do lugar da chamada. Era constituída por um edifício de tijolo com duas alas. A segunda ala fora construída naquele outono — já não havia espaço suficiente na primeira.

A prisão tinha dezoito celas, além das reservadas às solitárias, as quais eram separadas por uma paliçada. Todas as edificações do campo eram de madeira, com exceção da prisão, que era construída de tijolos.

O frio penetrava sob as camisas dos homens e agarrava-se a eles para o resto do dia. Nada tinham lucrado em trazer tantos agasalhos.

As costas de Chukhov doíam-lhe fortemente. Como cobiçara o repouso numa cama da enfermaria,

Digitalizado com CamScanner

profundamente adormecido! Nada mais desejava. Sob o mais pesado dos cobertores.

Os *zeks* continuavam parados defronte dos portões, abotoando os capotes, atando a corda à volta da cintura.

Do exterior, a escolta gritou:

— Marchar! Marchar!

O primeiro portão. O perímetro do campo, o segundo portão, barreiras de ambos os lados, junto da casa dos guardas.

— Alto! — gritou uma sentinela. Pararam todos como um rebanho de carneiros. — Formar a cinco.

A luz do dia despontava. A fogueira da escolta ardia atrás da casa da guarda. Acendiam sempre uma fogueira antes de os prisioneiros serem enviados para o trabalho — para se conservarem aquecidos e poderem distinguir mais claramente enquanto os contavam.

Um dos guardas do portão contou numa voz alta e rápida:

— Primeira... Segunda... Terceira...

E os prisioneiros, em fila de cinco, separados dos companheiros e marchando em frente, de modo que pudessem ser vigiados de todos os lados: cinco cabeças, cinco costas, cinco pares de pernas.

Um segundo guarda do portão — um controlador — achava-se na barreira seguinte, em silêncio, verificando simplesmente a contagem.

Além deste, um tenente observava.

Isto, já dentro do perímetro do campo.

Um homem é mais precioso que ouro. Se houvesse uma cabeça a menos, quando os prisioneiros ultrapassassem o arame farpado, a cabeça de um guarda tinha de substituí-la.

Uma vez mais, a turma formou em coluna.

Digitalizado com CamScanner

Era agora a vez de o sargento da escolta contar.

— Primeira... Segunda... Terceira...

E cada fila de cinco afastava-se e marchava separadamente.

No outro lado do arame farpado o ajudante do chefe dos guardas verificava a contagem.

E mais um tenente observava, imóvel.

Isto, agora do lado da escolta.

Nenhum ousava cometer um erro. Se fosse assinalada uma cabeça a menos, a falta teria de ser preenchida com uma das deles.

Havia guardas de escolta por toda aquela área. Descreviam um semicírculo em redor da coluna no seu caminho para a central de energia elétrica. As pistolas-metralhadoras eram bem visíveis e apontavam bem para a cara dos prisioneiros. E havia guardas com cães corpulentos. Um dos cães mostrou os dentes como se se risse dos prisioneiros.

Os guardas da escolta traziam capotes de pele de carneiro, exceto uma meia dúzia, cujos capotes eram desguarnecidos. Os longos capotes de pele de carneiro eram permutáveis, sendo distribuídos por quem quer que fosse destacado para as torres de vigia.

E uma vez mais, enquanto reuniam as turmas, os guardas da escolta tornavam a contar toda a coluna da central de energia elétrica, cinco a cinco.

— Faz sempre mais frio ao nascer do sol — disse Buinóvski. — Sabem, é o último período de perda de calor por radiação durante a noite.

O Capitão Buinóvski gostava de explicar as coisas. Conseguia calcular as fases da Lua para qualquer dia do ano.

Para lá do perímetro do campo o frio era intenso, acompanhado por um vento cortante, que picava o rosto de Chukhov, o qual se acostumara a todos os

Digitalizado com CamScanner

gêneros de privações. Ao compreender que teria o vento pela face durante todo o caminho para a central, decidiu utilizar o farrapo que trazia. A fim de enfrentar a provável contingência de um frio de frente, ele, como muitos outros prisioneiros, arranjara um trapo com longas tiras nas extremidades. Os *zeks* admitiam que isto ajudava um pouco. Chukhov cobriu a cara até aos olhos e atou as tiras na nuca. Depois cobriu esta com a aba do gorro e levantou a gola do capote. Em seguida, puxou a aba da frente do gorro até às sobrancelhas. Assim, só os olhos ficavam agora desprotegidos. Ajustou bem o capote na cintura com a corda. Agora tudo estava em ordem...

Bem, as luvas esburacadas pouco podiam ajudar a aquecer-lhe as mãos, rígidas, enregeladas. Esfregou-as, bateu uma contra outra, pois sabia que daí a momentos teria de pô-las atrás das costas e mantê-las ali enquanto durasse a marcha.

O chefe da escolta recitou a "oração da manhã", da qual todos os prisioneiros estavam mais que fartos.

— Atenção, prisioneiros. As ordens de marcha devem ser estritamente obedecidas. Passo lento, mas firme. Nada de conversa. Conservem os olhos bem fixos à sua frente e as mãos atrás das costas. Um passo para a direita ou para a esquerda é considerado tentativa de fuga, e a escolta recebeu ordens de atirar sem aviso. Guardas da frente, marcha acelerada.

Os dois guardas da dianteira da escolta deviam destacar-se ao longo da estrada. A coluna continuou em frente, os ombros abanando, e os guardas da escolta, uns vinte passos para a direita e para a esquerda da coluna, a uns dez passos de distância

Digitalizado com CamScanner

uns dos outros, pistolas-metralhadoras prontas para disparar, destacaram-se também.

Não nevara durante uma semana e a estrada estava bem dura e lisa.

Tornearam a orla do campo, com o vento flagelando-lhes a cara de revés. Bateram as mãos atrás das costas, a cabeça baixa, e toda a coluna avançou como se fosse num funeral.

Tudo o que cada um via eram os pés de dois ou três homens da frente e o chão duro e batido sob os pés. Uma vez por outra, um guarda gritava:

— U 48. Mãos atrás das costas.

— B 502, não se afaste da forma.

Mas começavam a gritar cada vez menos; o frio cortante dificultava a visibilidade. Aos guardas não era permitido usar trapos sobre o rosto. A tarefa deles também era bastante dura!

No tempo mais quente, todos conversavam na coluna, não importando que os guardas lhes gritassem. Mas hoje cada prisioneiro curvava os ombros, dissimulava-se atrás do homem que seguia à sua frente e mergulhava nos seus pensamentos.

Os pensamentos de um prisioneiro — nem estes são livres. Voltam incessantemente para as mesmas coisas. Uma única idéia se conserva ativa. Será possível que descubram aquele pedaço de pão no beliche? Teria mais sorte quando se dirigisse naquela noite ao posto médico? Meteriam Buinóvski na solitária? E como teria conseguido Tsezar arranjar aquela camiseta quente? Ele tinha provavelmente untado as mãos de alguém no depósito dos vestuários particulares dos prisioneiros. Se assim não fosse, como teria sido possível?

Como Chukhov comera sem pão a refeição da manhã, o seu estômago sentia-se insatisfeito. E, para

Digitalizado com CamScanner

evitar as suas lamentações e exigências, ele deixou de pensar no campo e começou a refletir na carta que em breve escreveria para casa.

A coluna ultrapassou a paliçada, construída pelos prisioneiros, o acampamento dos trabalhadores — as barracas tinham sido também montadas pelos *zeks*, mas os moradores eram civis —, o novo clube (erguido totalmente pelos condenados, desde as fundações até à decoração das paredes — mas não estavam autorizados a ver os filmes que ali se exibiam), e em seguida penetraram na estepe, com o vento fustigando-lhes a cara. A aurora era agora rubra. Níveos flocos de neve caíam até onde os olhos podiam alcançar, à direita e à esquerda, e nem sequer uma única árvore se descortinava em toda a extensão da estepe.

Um novo ano, 1951, começara, e Chukhov tinha direito a escrever duas cartas nesse ano. Enviara a última em julho e tivera resposta em outubro. Em Ust-Ijma, o regulamento era diferente: era permitido escrever uma vez por mês. Mas que razão havia agora para escrever? Agora escrevia tanto como antes.

Ivan Chukhov partira de casa em 23 de junho de 1941. No domingo anterior, as pessoas que tinham ido a Polomnya ouvir missa haviam anunciado: "Guerra!" Souberam aí a notícia no correio, mas em Temnenovo ninguém possuía um rádio naquele tempo. Agora, segundo lhe diziam nas cartas, eles bradavam em todas as casas. Mas que podia dizer numa carta? Agora, escrever era como lançar pedras num poço sem fundo. Caem lá e jamais se sabe delas. Não se podia descrever a turma em que trabalhava e que espécie de chefe era Andrei Prokófievitch. Neste momento tinha bastante mais que conversar com Kilgas, o Letão, que com a sua família.

Nem tampouco duas cartas que lhe enviavam por

Digitalizado com CamScanner

ano faziam a mínima luz sobre as presentes condições de vida. O *kolkhoz* tinha um novo presidente — como se isso não acontecesse regularmente! A sua gleba fora fundida com as outras vizinhas. Mas isso acontecia antes também, e depois haviam-na reduzido à sua antiga situação. E que mais? Que os agricultores não conseguiam preencher a sua cota de dias de trabalho, ou que as propriedades individuais tinham sido reduzidas para mil e quinhentos metros quadrados.

O que ele não conseguia aceitar era o fato de, como escrevia à mulher, o número de trabalhadores no *kolkhoz* não ter aumentado sequer de uma só alma desde a guerra. Todos os jovens e mulheres, sem exceção, tinham tentado partir, a fim de irem trabalhar nas fábricas ou nas turfeiras. Metade dos homens não havia regressado da guerra, e entre os que voltaram encontravam-se alguns que tinham desistido do *kolkhoz*. Viviam na aldeia e trabalhavam no que calhava. Os únicos homens ali existentes eram Zakhar Vassilievitch, o chefe da turma, e Tikhov, o carpinteiro, que contava mais de oitenta e quatro anos, casara recentemente e já tinha filhos. O *kolkhoz* era mantido em funcionamento pelas mulheres que para lá tinham ido em 1930.

Havia qualquer coisa nisto tudo que Chukhov não conseguia compreender: "viver na aldeia e trabalhar no que calhava". Ele conhecia a vida nas propriedades individuais e nos *kolkhozes* também, mas que os homens não trabalhassem nas suas aldeias era coisa que não conseguia engolir.

Seriam uma espécie de trabalhadores adventícios? Partiriam para outras localidades? Mas então, como conseguia a aldeia arranjar-se no tempo da colheita do feno?

Digitalizado com CamScanner

Eles tinham abandonado o trabalho adventício há muito tempo, respondera-lhe a mulher. Não saíam para fazer trabalhos de carpintaria, pelos quais a região era bem conhecida, não faziam cestos de vime, pois atualmente ninguém os comprava. Mas havia um novo ofício, um novo e belo ofício — pintura de tapetes. Alguém voltara da guerra com algumas matrizes e com a idéia de que antigamente tais tapetes eram muito populares. E então o número destes pintores de tapetes aumentara continuamente. Não tinham empregos fixos, não trabalhavam num local certo. Ajudavam no *kolkhoz* durante um mês aproximadamente, na ceifa do feno e nas colheitas, e por isso recebiam um certificado de que eram membros do *kolkhoz* e que foram dispensados a fim de prosseguir no seu trabalho, pois a organização não necessitava deles. E viajavam por todo o país, voavam mesmo em aviões para poupar tempo, ganhavam milhares de rublos e pintavam tapetes por todo lado. Cinqüenta rublos por tapete feito de algum tecido já sem préstimo para o interessado, e parece que não levavam mais de uma hora no trabalho. E a mulher de Chukhov alimentava a profunda esperança de que quando Ivan voltasse ele também se dedicaria àquele ofício. Libertar-se-iam da pobreza na qual ela vivia agora, mandariam as crianças para um escola técnica e construiriam uma nova casa para substituir a que tinham, já meio desmoronada. Todos os pintores de tapetes estavam fazendo casas novas, e agora, junto da estação da estrada de ferro, as casas tinham subido no preço, de cinco mil para vinte e cinco mil rublos.

Depois Chukhov pediu à mulher que lhe explicasse como é que ele, que nunca fora capaz de traçar um risco na vida, ia tornar-se pintor. E com que é que

Digitalizado com CamScanner

se pareciam esses tais belos tapetes? Que pintavam eles?

A mulher respondeu que só um imbecil muito completo não era capaz de pintar os desenhos. Tudo o que havia a fazer era colocar a matriz sobre o tecido e pintar nos pequenos vãos com um pincel. Havia três espécies de tapetes, escreveu ela: o Tróica, com um belo oficial de hussardos conduzindo uma bela tróica; a Rena, e um terceiro com um padrão em estilo persa. Não tinham outros desenhos, mas por todo o país o povo mostrava-se satisfeito com estes. Quase chegavam a arrancar os tapetes das mãos dos pintores, pois um tapete verdadeiro não custava cinqüenta, mas milhares de rublos.

E como desejava Chukhov ver um desses tais tapetes!

Durante os seus anos de clausura em prisões e em campos perdera o hábito de fazer projetos no que se referia à manutenção da família — para o dia seguinte, para o ano próximo.

As autoridades encarregavam-se de pensar por ele acerca de tudo — e era mais cômodo que assim fosse. Restavam-lhe mais dois invernos, mais dois verões, para acabar de cumprir a sentença. Mas aqueles tapetes não lhe abandonavam o espírito...

Era dinheiro fácil de ganhar, como se vê, e ganhava-se depressa. E, de certo modo, parecia ser uma pena ficar-se atrás dos seus conterrâneos...

Mas, para falar com a maior franqueza, não desejava tornar-se pintor de tapetes. Para isso, um homem precisava ser comunicativo, desembaraçado, audacioso, talvez tivesse até de adular as pessoas. E, embora andasse há quarenta anos neste mundo, embora tivesse perdido metade dos dentes e a calvície já despontasse na sua cabeça, Chukhov jamais adulara

Digitalizado com CamScanner

ou fora adulado, nem aprendera sequer a fazê-lo no campo.

O dinheiro fácil de obter pesa pouco na mão e não dá a uma pessoa a sensação de que o ganhou e mereceu. Havia muita verdade no velho ditado: "Paga pouco e recebe pouco".

Tinha ainda duas boas mãos, duas mãos capazes. Decerto que quando saísse encontraria trabalho, como, por exemplo, montador de fogões, carpinteiro ou caldeireiro.

Porém, se o privassem dos seus direitos civis, se não o aceitassem em parte alguma, se não lhe permitissem que voltasse para casa, talvez pudesse dedicar-se, como expediente, aos tais tapetes.

Entretanto a coluna fizera alto diante da casa da guarda da vasta área vedada onde se situava o local em que ia ser construída a central de energia elétrica. Pouco antes, dois guardas da escolta, vestidos com capotes de pele de carneiro que lhes davam pelos calcanhares, tinham-se afastado e dirigido, através do descampado, para as torres de vigia mais distantes. Só era permitida a entrada dos homens no local quando as torres de vigia tinham a sua guarnição. O chefe da escolta, com uma pistola-metralhadora suspensa dos ombros, avançou para a casa da guarda. Uma grande nuvem de fumo subia da chaminé: um vigia civil estivera ali instalado toda a noite para evitar que alguém surripiasse tábuas ou cimento.

Na distância, no outro lado, o sol, rubro e enorme, erguia-se na névoa, obliquando os seus raios através dos portões, das barreiras de arame farpado, no local da construção.

Aliocha, que se encontrava ao lado de Chukhov, contemplava o sol com um sorriso nos lábios e parecia feliz.

Digitalizado com CamScanner

Por que se sentiria feliz? As suas faces encontravam-se emaciadas; vivia apenas das suas rações e nada ganhava. Passava todos os dias orando com os outros batistas. Para eles, as agruras do campo eram como água no dorso de um pato.

Durante a marcha, o trapo que Chukhov trazia na cara molhara-se completamente devido à respiração. Aqui e ali a neve acumulara-se sobre ele e formara uma crosta gelada. Retirou-o do rosto e colocou-o na nuca, ficando com as costas voltadas para o vento. Conseguia assim evitar o frio em vários pontos do corpo, embora tivesse as mãos enregeladas dentro das luvas esburacadas. Os dedos do pé esquerdo estavam também enregelados: a bota desse lado estava bastante gasta. A sola já fora consertada duas vezes. O dorso doía-lhe, assim como o resto das costas até aos ombros. Doía e latejava. Como poderia ele trabalhar?

Circunvagou a vista em redor de si e os olhos detiveram-se na cara do chefe da turma, que marchava entre os últimos cinco prisioneiros. Tiúrin era um homem de ombros largos e rosto largo também. Enquanto ali se encontrava, parecia taciturno. Não dizia gracejos nem dirigia sorrisos aos componentes da sua turma, mas afadigava-se de modo que recebessem melhores rações.

Cumpria a sua segunda pena; era um verdadeiro *filho* da G. U. L. A. G.[1] Passara praticamente toda a sua existência em campos e conhecia-os em todos os pormenores.

Num campo, o chefe de turma é tudo: um bom chefe é capaz de dar uma segunda vida a um *zek*, um mau chefe de lançá-lo à sepultura. Chukhov

---

[1] *Administração Central dos Campos de Prisioneiros.*

Digitalizado com CamScanner

conhecia Andrei Tiúrin desde que se haviam encontrado em Ust-Ijma, embora não pertencesse então à sua turma. E quando os prisioneiros que tinham incorrido no artigo 58.º[1] foram transferidos dos campos gerais para os "especiais", Tiúrin levara-o para a sua turma. Chukhov não tratava com o comandante do campo, com o D. P. P., com capatazes ou com engenheiros. Essa era a função do chefe de turma; ele protegeria qualquer companheiro com o seu peito de aço. Era como uma rocha. Bastava-lhe erguer as sobrancelhas ou apontar com um dedo para que qualquer *zek* fizesse o que ele desejava. Podia-se ludibriar qualquer outro no campo, mas, se se quisesse continuar a viver, não se devia tentar sequer fazê-lo a Tiúrin.

Chukhov gostaria de perguntar ao chefe da turma se iam trabalhar no mesmo local do dia anterior ou noutro local qualquer, mas receava interromper-lhe os pensamentos. Evitara apenas o perigo de os companheiros terem de mourejar no Centro de Comunidade Socialista, e agora devia achar-se provavelmente calculando a "percentagem[2]", da qual dependiam as rações nos próximos cinco dias.

Tiúrin tinha bastantes marcas de bexigas no rosto. Estava de frente para o vento, mas nem um só músculo palpitava — a sua pele era dura como a casca de um carvalho.

Na coluna, os prisioneiros esfregavam as mãos e batiam com os pés no chão. O vento era brutalmente

---

[1] *Artigo do Código Penal Soviético que abrange os crimes políticos. Cobre uma vasta gama de delitos: espionagem, sabotagem, propaganda contra o regime. No tempo de Stálin era aplicado indiscriminadamente à menor suspeita de deslealdade para com o regime.*

[2] *Um papel onde se declarava a percentagem de rações em relação ao trabalho produzido.*

Digitalizado com CamScanner

cortante. Parecia agora que as sentinelas, denominadas "papagaios" pelos prisioneiros, estavam empoleiradas nas suas torres de vigia. Porém, não mandavam avançar a coluna. Dava a impressão de que iam proceder a uma nova contagem.

Ora muito bem: ei-los. O chefe da escolta irrompeu da casa da guarda com um inspetor. Postaram-se em cada um dos lados do portão e abriram-no.

— Formar a cinco. Primeira... Segunda... Terceira...

Os prisioneiros marchavam como se estivessem numa parada. Entrar era o que todos desejavam — ali não precisavam de que ninguém lhes dissesse o que haviam de fazer.

Um pouco para além da casa da guarda ficava o gabinete de trabalho; o superintendente acenava aos chefes de turma para que se aproximassem. Der também se encontrava ali. Era um prisioneiro como os outros, mas utilizavam-no como capataz. Aquele porco tratava miseravelmente os camaradas de cativeiro, pior do que tratava os cães.

Oito horas. Cinco minutos depois a sereia acabava de uivar. As autoridades receavam que os prisioneiros desperdiçassem o tempo e se dispersassem por cantos abrigados — e os *zeks* tinham um longo dia à sua frente, havia tempo de sobra para tudo. Logo que entravam no local da construção, curvavam-se para apanhar aqui e ali pedaços de madeira — combustível para o fogão —, que levavam, partidos em fragmentos, para o campo.

Tiúrin ordenara a Pavlo que o acompanhasse ao gabinete. Tsezar também se dirigiu para lá. Tsezar era rico. Duas remessas por mês. Untava as mãos que era preciso untar. Tinha sempre um trabalho

Digitalizado com CamScanner

bastante suave no gabinete, como, por exemplo, assistente do encarregado das pautas de trabalho.

O resto da turma avançou para um canto e aí se deixou ficar.

O sol, rubro, estava envolto num halo de neblina sobre a área deserta. Num dos lados viam-se estruturas pré-fabricadas, cobertas pela neve; noutro, viam-se, já colocados, tijolos, mas as paredes assim começadas subiam ainda pouco acima dos alicerces. Mais longe, encontrava-se uma peça partida de uma escavadora, um pouco mais adiante, utensílios vários e um monte de sucata. Por todos os lados viam-se fossos, trincheiras e vários buracos.

O edifício da oficina de reparações de viaturas estava pronto a receber o telhado. Numa elevação achava-se a própria central, já construída até o segundo pavimento.

Não se via por ali vivalma, a não ser as sentinelas nas suas torres de vigia e algum pessoal atarefado em redor do gabinete.

Aquele momento pertencia aos prisioneiros. O chefe superintendente das obras, dizia-se, fora muitas vezes advertido ameaçadoramente de que devia dar às turmas as suas ordens de trabalho na noite anterior; porém, os seus esforços nunca tinham sido compensados, pois entre a noite e a manhã os planos eram completamente modificados.

Assim, aquele momento ainda pertencia aos prisioneiros. Enquanto as autoridades decidiam as coisas, os *zeks* chegavam-se aos lugares mais protegidos que havia por ali.

"Sente-se, repouse por um momento, tem muito tempo para suar sangue. Seria ótimo se você pudesse aproximar-se de um fogão. Tire os trapos que lhe envolvem os pés e aqueça-os um pouco. Então

Digitalizado com CamScanner

sentirá os pés quentes durante todo o dia. E, mesmo sem fogão, é bom estar sentado."

A turma 104 entrou numa grande divisão da oficina de consertos, nas janelas da qual, durante o outono anterior, tinham posto vidraças.

A turma 38 fazia blocos de cimento. Alguns destes blocos encontravam-se ainda nos seus moldes; outros, já com as armações de ferro, achavam-se amontoados em grandes pilhas. O teto era alto, o chão de terra batida. Seria um lugar bastante frio se não o tivessem aquecido com muito carvão — não por deferência com os homens que ali labutavam, evidentemente, mas para fazer que os blocos endurecessem mais depressa. Havia mesmo um termômetro, e se, aos domingos, por qualquer motivo, ninguém saía do campo para ir trabalhar naquele local, um civil mantinha a fornalha funcionando.

A turma 38, naturalmente, não permitia que um estranho se aproximasse da sua fornalha. Os seus componentes estavam sentados em redor, secando os trapos das botas.

"Não importa, sentar-nos-emos neste canto. Não é assim tão mau."

Chukhov sentou-se na borda de um molde de madeira, com as costas voltadas para a parede. Quando fez isto, o capote e a jaqueta penderam ao longo do seu corpo e sentiu uma coisa dura no lado esquerdo do peito, junto do coração. Era o pedaço de pão que ocultara no pequeno bolso interior — aquela metade da sua ração da manhã que destinava ao almoço. Trazia sempre consigo para o trabalho um pedaço semelhante de pão e nunca lhe tocava até à hora da refeição. Habitualmente, porém, comia a outra metade de manhã. Todavia, desta vez não o fizera. Mas compreendeu que nada lucrara com tal

Digitalizado com CamScanner

economia: o estômago incitava-o a que aproveitasse aquele lugar quente para comer imediatamente o pão. Ainda faltavam cinco horas para o almoço — um longo espaço de tempo.

E aquela dor penosa descera-lhe agora às pernas, que sentia muito fracas. Oh, se ao menos pudesse aproximar-se da fornalha!

Pousou as luvas nos joelhos, desatou as tiras do trapo que trazia na cara, rígido devido ao frio, dobrou-o várias vezes e colocou-o no bolso. Em seguida, tirou o naco de pão, envolveu-o num pedaço de pano limpo e, mantendo este ao nível do peito, para que nem uma migalha caísse para o chão, começou a trincar o pão. O pedaço, que trouxera sob duas peças de vestuário, fora aquecido pelo corpo. A neve não o tocara.

Mais de uma vez durante a sua vida no campo, Chukhov recordara-se das refeições que costumavam comer na sua aldeia: panelas cheias de batatas, outras de *kacha,* e, por vezes, grandes pedaços de carne. Para completar, grandes canecas de leite. Mas nos campos as coisas passavam-se de maneira diferente. Tinham de comer com todos os pensamentos concentrados no alimento — como agora, que trincava, mordiscava quase o pão, transformando com a língua os pedacinhos numa pasta que revolvia na boca. E que gostoso era este pão negro!

Que comera durante todos estes oito anos? Não, mais de oito anos! Quase nada! Mas quão duramente trabalhara para obter este parco alimento! Ah!

Assim, ali sentado, ocupava-se com aquele naco de pão, enquanto perto dele, no mesmo lado da divisão, se sentavam os restantes componentes da turma 104.

Dois estonianos, tão amigos um do outro como

Digitalizado com CamScanner

se fossem irmãos de sangue, achavam-se sentados num bloco baixo de cimento armado, fumando juntos a mesma metade de cigarro presa numa piteira.

Eram ambos louros, altos e magros e tinham nariz longo e olhos grandes. Estavam tão chegados um ao outro que se suporia que não eram capazes de respirar isoladamente. Tiúrin nunca quisera separá-los. Partilhavam mutuamente os seus alimentos e dormiam no mesmo estrado, um do topo. E quando na coluna, aguardando o começo do trabalho, ou quando na barraca, à noite, conversavam sem cessar um com o outro num tom de voz lento e calmo. Mas não eram irmãos. Tinham-se conhecido na turma 104. Um deles, tinham explicado, fora pescador na costa, o outro fora levado para a Suécia pelos pais quando os sovietes ocuparam a Estônia. Mas crescera num ambiente de muita independência e voltara à Estônia para completar a sua educação.

Bem, diz-se que a nacionalidade nada significa e que todas as raças têm suas ovelhas negras. Mas, entre os estonianos que conhecera, Chukhov jamais descobrira um que fosse realmente uma ovelha negra.

Os prisioneiros estavam sentados em círculo, alguns em blocos, outros em moldes, e ainda outros no chão. A língua custa a mexer de manhã, e todos se encontravam silenciosos, mergulhados nos seus pensamentos.

Fetiukov, o chacal, conseguira apanhar um grande número de tocos — apanhava-os mesmo nas escarradeiras, não era exigente —, e agora ocupava-se em desfazê-los e em juntar o tabaco num pedaço de papel. Fetiukov tinha três filhos na sua terra, mas, quando foi condenado, todos o repudia-

Digitalizado com CamScanner

ram, e a mulher casou-se novamente. Assim, não recebia auxílio de ninguém.

Buinóvski, que estivera a observá-lo em silêncio, decidiu-se por fim a berrar:

— Eh, você, por que junta toda essa merda? O tabaco está todo infeccionado. Ainda acaba pegando alguma carga de sífilis. Jogue isso fora!

O capitão estava habituado a dar ordens. Quando falava a alguém devia supor-se no navio, diante dos seus subalternos.

Porém, Fetiukov não lhe ligava. O capitão também não recebia encomendas.

Com um sorriso escarninho, replicou:

— Espere, capitão. Quando se encontrar aqui já há oito anos, também apanhará tocos. Já vimos aqui tipos mais altivos que o senhor...

Fetiukov emitia o seu julgamento de acordo com os padrões pessoais. Talvez o capitão viesse a suportar a vida do campo, se afizesse a ela.

— Quê? Quê? — perguntou Senka Klévchin, sem saber por que questionavam eles. Senka era surdo e pensou que falassem acerca do que sucedera a Buinóvski durante a revista.

— Não devia ter-se mostrado tão altivo — disse, sacudindo a cabeça num gesto de comiseração. — Tudo teria ficado por isso mesmo.

Senka era um homem calmo e tivera uma vida bastante dura. Um dos seus tímpanos fora perfurado em 1941, pouco antes de o capturarem. Evadira-se, fora recapturado e enviado para Buchenwald. Ali escapara à morte por milagre e agora cumpria a sua pena resignadamente. "Se uma pessoa mostrar muito amor-próprio, está perdida", dizia ele.

Havia bastante verdade naquela afirmação. Era preferível que uma pessoa resmungasse e se subme-

Digitalizado com CamScanner

tesse. Se um *zek* mostrasse obstinação, as autoridades encarregar-se-iam de domá-lo.

Aliocha mantinha-se silencioso, o rosto enterrado nas mãos. Orava.

Chukhov comeu a sua ração quase até ao fim, deixando apenas a côdea, em forma de uma meia-lua — pois não há colher que consiga rapar tão bem uma tigela de papas de aveia como uma côdea de pão. Embrulhou a côdea no pano, que introduziu no bolso interior, guardando-a para o jantar, abotoou o capote até acima, para se defender do frio, e preparou-se para o trabalho. Que o mandassem agora lá para fora! Claro, seria melhor se esperassem um pouco mais.

A turma 38 ergueu-se e dispersou-se — alguns dirigiram-se para a betoneira, outros foram buscar água e outros ainda encaminharam-se para as pilhas de armações de ferro.

Mas nem Pavlo nem Tiúrin voltaram à sua turma. E embora os da 104 se encontrassem ali sentados há menos de vinte minutos e o dia de trabalho — mais curto porque se estava no inverno — não terminasse antes das seis, todos sentiam que já haviam sido bafejados por um golpe de sorte... Agora a noite não parecia tão longínqua.

— Há muito que não temos uma tempestade de neve — disse Kilgas, um letão gorducho e de rosto vermelhusco, gesticulando. — Nem uma única tempestade de neve em todo o inverno. Que espécie de inverno é este?

— Sim... Uma tempestade de neve... Uma tempestade de neve — respondeu o resto da turma, suspirando.

Quando havia uma tempestade de neve naquela região, o trabalho no exterior era suspenso. Recea-

Digitalizado com CamScanner

vam deixar sair os prisioneiros, pois eles podiam perder-se entre as barracas e o refeitório se não se estendesse uma corda para guiá-los. Ninguém se importaria que um *zek* morresse enregelado. Mas... se ele se evadisse?

Isso já sucedera várias vezes. Durante as tempestades, a neve era tão fina como o pó, mas os flocos eram tão compactos como o gelo. Alguns prisioneiros tinham-se escapado durante estas tempestades, quando a neve cobria o arame farpado. Porém, nunca conseguiram ir longe.

Pensando melhor, uma tempestade de neve não servia a ninguém. Os prisioneiros eram encerrados nas barracas e, como não havia remessa de carvão, todo o calor se extinguia. A farinha não chegava ao campo, de modo que não havia pão, e, com muita freqüência, nem sequer havia alimentos quentes.

Enquanto durava a tempestade — três dias, quatro, até uma semana —, aqueles dias eram considerados feriados e tinham de ser compensados por trabalho em igual número de domingos.

Apesar de tudo, os prisioneiros gostavam das tempestades e desejavam-nas ardentemente. Sempre que havia um sopro mais forte de vento, todos os olhos se erguiam para o céu: "Que a tempestade venha! Quanto mais violenta, melhor!"

A neve, eis o que tinham em mente. Apenas vento, nada adiantava.

Um dos homens aproximou-se do fogão da turma 38, mas foi imediatamente repelido.

Nesse mesmo momento, Tiúrin entrou. Vinha de cenho carregado. A turma compreendeu que alguma coisa ia suceder dentro em breve.

— Hum! — resmungou Tiúrin, circunvagando os olhos. — Todos presentes, os da 104?

Digitalizado com CamScanner

Nem sequer os contou, pois nenhum dos seus homens podia encontrar-se longe. Sem perda de tempo, designou a tarefa que cabia a cada um dos homens. Aos dois estonianos, Senka e Gopchik, Tiúrin ordenou que fossem buscar uma caixa grande de madeira que se encontrasse mais à mão para misturar cimento e a levassem para a central elétrica em construção. Todos verificaram imediatamente que iam ser transferidos para o edifício cuja construção fora suspensa no fim do outono. Alguns homens foram, com Pavlo, buscar as ferramentas. Quatro receberam ordem de retirar a neve que se amontoava em redor da central, da entrada para a casa das máquinas, do interior dela e das escadas. Dois dirigiram-se ao fogão, a fim de o acenderem, utilizando carvão e algumas tábuas que já tinham partido. Um *zek* foi encarregado de transportar para lá cimento num pequeno trenó. Dois outros foram buscar água, mais dois areia e outro ainda foi mandado por Tiúrin retirar a neve do cimento e quebrá-la com uma barra.

Apenas dois homens não receberam nenhuma incumbência: Chukhov e Kilgas, os melhores operários da turma. O chefe chamou-os e disse-lhes:

— Bem, escutem, rapazes — Tiúrin não era mais velho que eles, mas tinha o hábito de falar-lhes desta maneira. — Depois do almoço, vocês vão assentar tijolos no segundo piso, a partir do lugar onde a turma abandonou o trabalho no fim do outono. Agora temos de tornar mais quente a casa das máquinas. Há ali três grandes janelas e a primeira coisa a fazer é cobri-las com qualquer coisa. Destacarei alguns homens para ajudá-los, mas vocês deverão começar já a pensar naquilo com que vão cobri-las. O cimento vai passar a ser misturado na casa das

Digitalizado com CamScanner

máquinas, e será aí também que vamos aquecer-nos. Se não nos aquecermos, enregelaremos como cães, compreendem?

Ele talvez tivesse dito qualquer coisa mais, mas nesse momento surgiu Gopchik, um jovem ucraniano de dezesseis anos, rosado como um leitão, que veio queixar-se de que a outra turma se negava terminantemente a entregar-lhes a caixa. Ouvindo isso, Tiúrin saiu.

O mais difícil, com aquele frio, seria iniciar o trabalho, pelo que o mais importante era cada um começar a mexer-se.

Chukhov e Kilgas trocaram um olhar. Já tinham trabalhado juntos mais de uma vez, como carpinteiro e pedreiro, e respeitavam-se mutuamente.

Não era fácil encontrar qualquer coisa com que tapar aquelas janelas, num descampado coberto de neve como aquele.

— Vánia[1], sei de um local, onde as estruturas pré-fabricadas são erguidas, onde podemos encontrar o que precisamos. Uma grande chapa de feltro para revestimento da cobertura do telhado caiu e eu a escondi. Vamos lá buscá-la.

Kilgas era letão, mas falava russo como se tivesse nascido no país. Houvera uma colônia de Antigos Crentes[2] perto da sua aldeia, e aprendera russo na infância. Encontrava-se no campo apenas há dois anos, mas já compreendia tudo: se uma pessoa não se livrar das dificuldades por si própria, ninguém a

---

[1] *Diminuitivo de Ivan.*

[2] *Cismáticos da Igreja Ortodoxa russa que se recusavam a aceitar certas reformas introduzidas pelo Patriarca Nikon no século XVII. Foram perseguidos tanto pelos czares como pelos sovietes.*

Digitalizado com CamScanner

auxiliará. Chamava-se Ivan. Mas Chukhov tratava-o por Vánia.

Decidiram ir procurar a tal chapa. No entanto, Chukhov dirigiu-se em primeiro lugar ao local onde se construía uma nova ala da oficina de consertos. Tinha de ir buscar a sua trouxa. Para um pedreiro, uma trouxa era uma coisa muito importante — se fosse fácil de transportar. Mas um regulamento estipulava que, findo o dia, deviam-se entregar as ferramentas no local onde se trabalhava. Todas as ferramentas que se recebera de manhã. Mas as ferramentas que se recebiam na manhã seguinte não eram, quase nunca, as mesmas. Uma noite, todavia, Chukhov lograra o homem do depósito e conseguira tirar a melhor colher de pedreiro. E agora escondia-a num local diferente todas as noites, e cada manhã, se o mandavam assentar tijolos ou blocos, ia buscá-la.

Se a turma 104 tivesse sido enviada para o Centro da Comunidade Socialista naquela manhã, Chukhov ficaria de novo sem ferramenta própria. Mas agora tinha apenas de empurrar para o lado um tijolo, introduzir os dedos num buraco... e ei-la!

Chukhov e Kilgas abandonaram a oficina de consertos e dirigiram-se para o local onde se montavam as estruturas pré-fabricadas. Seu hálito formava espessas nuvens de vapor. O sol estava neste momento algures acima do horizonte, mas os seus raios não se viam dardejar devido à neblina. Mas de cada lado do astro elevavam-se pilares de luz.

— Com postes, hem? — disse Chukhov, inclinando a cabeça.

— Não é com os postes que temos de nos preocupar — retorquiu Kilgas, com indiferença. — Pelo

Digitalizado com CamScanner

menos, enquanto não colocarem o arame farpado entre eles.

Nunca falava sem dizer um gracejo, aquele Kilgas, e era por isso que se tornara tão popular na turma 104. E que reputação conseguira já entre os letões do campo! Era bem verdade que comia bem — recebera duas remessas com provisões num mês —, e tinha a cara tão rosada que parecia não viver no campo. Sim, qualquer um gracejaria se a existência lhe fosse tão propícia.

O local da construção cobria uma área enorme, pelo que se levava bastante tempo a atravessá-lo. No caminho, Chukhov e Kilgas cruzaram-se com *zeks* da turma 82. De novo lhes fora confiada a tarefa de cavar buracos no solo. Estes deviam ser muito pequenos — meio metro por outro meio metro, e quase o mesmo de profundidade —, mas o solo, já bastante duro no verão, estava muito rijo devido à neve. Era difícil de cavar.

Foram buscar picaretas, e estas resvalaram, apenas levantando fagulhas. Nem um único pedaço de terra cedera aos golpes das picaretas. Os homens continuaram ali, um por cada buraco, vagueando uma vez por outra os olhos em redor — nada onde se aquecerem, pois estavam proibidos de dar um passo —, e voltaram às picaretas. Era a única maneira de arranjar um pouco de calor para o corpo.

Chukhov reconheceu um deles, um tipo chamado Viatka, e disse, para ajudá-lo:

— Escute, amigo. Por que não acendem uma fogueira em cada buraco? O solo cederia, então.

— É proibido — retorquiu Viatka. — Não nos dão lenha.

— Roubem-na.

Kilgas limitou-se a cuspir.

Digitalizado com CamScanner

— Que lhe parece, Vánia? Se as autoridades tivessem algum senso, crê que poriam homens cavando solo tão gelado com estas picaretas?

Viatka murmurou algumas pragas inaudíveis e ficou novamente em silêncio. Com tal frio, nunca se fala muito.

Os dois homens prosseguiram no seu caminho e chegaram por fim ao local onde as chapas de feltro se encontravam enterradas sob a neve.

Chukhov gostava de trabalhar com Kilgas. O seu único defeito era que não fumava, e, portanto, nunca havia tabaco nas encomendas que recebia.

Kilgas era um homem capaz. Juntos, ergueram algumas tábuas e encontraram as chapas de feltro.

Retiraram-nas. Agora, como iriam transportá-las? Certamente que seriam vistos das torres de vigia, mas isso não tinha importância: o único cuidado dos "papagaios" era os prisioneiros não escaparem. Dentro da área de trabalho, podia-se transformar aquelas chapas em lenha. Isso não tinha importância. Chukhov e Kilgas também não se preocupavam com a idéia de encontrarem um guarda no caminho. Como os outros, andaria à procura de qualquer coisa que pudesse surripiar.

Quanto aos prisioneiros, estes não davam maior importância àquelas peças pré-fabricadas, nem tampouco os chefes de turma. Os únicos que se mantinham de olho alerta nelas eram o superintendente, que era civil, aquele suíno do Der e o magricela do Chkuropatenko, um simples prisioneiro a quem incumbiam de vigiá-las, não tentassem os *zeks* roubá-las. Sim, era esse imbecil do Chkuropatenko que mais provavelmente poderia surpreendê-los no caminho.

— Escute, Vánia — disse Chukhov —, vamos

Digitalizado com CamScanner

levá-lo enrolado, com os braços levantados e à volta dele. Dissimulá-lo-emos com o corpo e ninguém se aperceberá do que transportamos.

Era uma boa idéia. Se levassem o feltro descoberto, seriam com certeza notados. Assim, fizeram como Chukhov dissera e puseram-se a caminho. A distância, parecia apenas que eram três homens seguindo bem juntos uns dos outros.

— Mas quando Der vir o feltro nas janelas, imediatamente adivinhará donde ele veio — tornou Chukhov.

— Poderemos responder que, quando entramos na central, já se encontrava lá — retorquiu Kilgas um pouco surpreendido. — E o sujeito não nos mandará arrancá-lo, não é verdade?

Os dedos de Chukhov estavam bastante rígidos dentro das luvas, já bastante gastas. Perdera até o sentido do tato. Mas a sua bota esquerda estava-se agüentando, e isso era o principal. A rigidez desapareceria quando começasse a trabalhar.

Caminharam sobre a neve imaculada e chegaram a um caminho formado por um trenó, o qual se prolongava desde o depósito de ferramentas até à central elétrica. Os seus companheiros deviam ter transportado o cimento por ali.

A central elétrica ficava numa elevação, na orla do local. Ninguém estivera naquele lugar durante semanas, e o lençol de neve não tinha marcas: as do trenó e as pegadas recentes deixadas pelos homens da turma 104 destacavam-se nitidamente. Alguns homens, com pás de madeira, retiravam já a neve da cintura do edifício e abriam um caminho para os caminhões.

Tudo seria melhor se a grua mecânica da central elétrica estivesse funcionando. Porém, o motor ava-

Digitalizado com CamScanner

riara-se e ninguém se dera ao trabalho de consertá-lo. Isto queria dizer que os *zeks* teriam de transportar tudo até ao segundo pavimento — a argamassa e os blocos.

Durante dois meses a estrutura inacabada erguera-se na neve como um esqueleto cinzento, tal como fora abandonada. E agora a turma 104 chegara. Que é que manteria o ânimo dos seus componentes? Estômagos vazios, estreitamente comprimidos por cintos de corda! Neve e um frio de rachar! Não havia buraco quente onde se abrigassem, não existia uma chispa de fogo! Mas a turma 104 chegara — e a vida voltara ao edifício.

A betoneira encontrava-se bem à entrada da casa das máquinas, mas logo deixou de funcionar. Era uma ruína, e Chukhov, mal a vira, imaginara que ela não terminaria inteira aquele dia de trabalho.

Tiúrin soltou umas quantas pragas, apenas para desabafar, mas não via ninguém a quem pudesse atribuir responsabilidades.

Naquele momento, Chukhov e Kilgas surgiam com o rolo de feltro de revestimento de telhado. Tiúrin ficou encantado e esboçou imediatamente um novo plano: Chukhov iria consertar a chaminé do fogão, de maneira que este pudesse funcionar com a maior intensidade possível. Kilgas, por seu turno, encarregar-se-ia da betoneira, tendo como auxiliares os dois estonianos. Em seguida, Tiúrin deu a Senka Klévchin um machado a fim de que ele cortasse longas ripas com que se pregasse o feltro — duas larguras para cada janela. Onde iriam buscar a madeira? Tiúrin olhou em redor de si. Todos o imitaram. Havia apenas uma solução: ir buscar as tábuas usadas como apoios da escada que conduzia ao segundo pavimento. Teriam de subir cautelosamente, se não

Digitalizado com CamScanner

queriam quebrar a cabeça. Mas aonde mais iriam buscar outras tábuas?

Seria de perguntar por que se afadigavam tanto os prisioneiros, por que trabalhavam tão duramente, em dez anos que pareciam não ter fim, nestes campos. Por que não mandariam tudo para o diabo e não se limitavam a arrastar os pés durante todo o dia, até à noite, que lhes pertencia?

Mas não era tão simples. Para mantê-los em atividade, para fazê-los estar sempre em movimento, as autoridades tinham inventado estas turmas de trabalho, que, todavia, não se assemelhavam às outras da vida livre, em que cada homem ganha o seu salário. Tudo estava arranjado de maneira a que os prisioneiros produzissem, exercessem pressão uns sobre os outros.

Era como isto: "Ou você se esforça por fazer qualquer coisa, ou morre de fome. Está embromando, malandro... Pensa que vou passar fome por sua causa? Vá, trabalhe, preguiçoso".

E se uma situação como esta se produzisse, havia ainda mais razões para resistir à vontade de não trabalhar. Assim, tinham de fazer das tripas coração e esfolar a pele, pois, para conseguir obter meios de subsistência, cada um e todos eram obrigados a entregar-se ao trabalho duro.

Pavlo já trouxera as ferramentas. E agora era pegar nelas e utilizá-las. Encontravam-se também já ali alguns pedaços de tubo para a chaminé do fogão. Mas a verdade é que não havia ferramentas de funileiro, mas apenas um martelo e um machado.

Chukhov bateu as mãos enluvadas uma contra a outra, fez a junção das extremidades dos tubos e com o martelo uniu-as umas às outras. Tornou a bater as mãos e repetiu os golpes de martelo. (Ocul-

Digitalizado com CamScanner

tara a sua trouxa num buraco ali perto. E, embora estivesse entre os componentes da sua turma, receava que algum deles se apropriasse dela. Isto aplicava-se também a Kilgas.)

Por esta altura tinha já varrido todos os pensamentos. Todas as suas recordações e aborrecimentos se tinham desvanecido. Apenas uma idéia se encontrava presente na sua mente: consertar o fogão, pô-lo a funcionar convenientemente.

Pouco depois, mandou Gopchik buscar um pedaço de arame, a fim de prender a chaminé à janela, para então a fumaça se escoar.

A um canto estava colocado outro fogão, baixo e redondo, com uma chaminé de tijolo. Tinha uma chapa de ferro no topo, que aquecia ao rubro, a fim de degelar a areia e secá-la. Este fogão já fora aceso e o capitão e Fetiukov traziam tabuleiros com areia. Não é preciso ter muito miolo para transportar estes tabuleiros. Assim, o chefe da turma entregava tal serviço a *zeks* que tinham detido noutros tempos posições de comando. Fetiukov fora outrora um figurão num escritório qualquer, com um automóvel à sua disposição.

A princípio, Fetiukov troçava do capitão, ria-se dele. Mas um soco no nariz fora o suficiente para ensiná-lo a respeitar o companheiro. Depois, os dois homens passaram a entender-se perfeitamente.

Os trabalhadores que transportavam a areia aproximavam-se com freqüência da beira do fogão, mas Tiúrin enxotava-os.

— Cuidado. Algum de vocês ainda se queima — dizia ele com ironia. — Façam o seu trabalho que logo se aquecem.

É apenas preciso mostrar um chicote a um cão para que ele se encolha. A neve era bastante dura,

Digitalizado com CamScanner

mas não tanto como o chefe da turma. Os homens dispersavam-se e voltavam às suas tarefas.

Em dado momento, Chukhov ouviu Tiúrin dizer a Pavlo:

— Fique aqui e vigie isto. Vou entregar o boletim de trabalho.

Muitos dependiam mais do boletim que do próprio trabalho. O chefe de turma hábil era aquele que se concentrava no boletim de trabalho. Era dele que provinham, por assim dizer, as rações. O chefe tinha de provar que o trabalho que não fora feito havia sido realizado, transformar tarefas de pouco rendimento em tarefas de rendimento elevado. Para isso, um homem como Tiúrin devia ter os miolos no lugar e procurar agradar aos controladores. Além do mais, era necessário também untar as mãos destes funcionários. E quem se beneficiava então destes boletins de trabalho? Sejamos claros quanto ao assunto e digamos: os funcionários que dirigiam os campos. Estes obtinham milhares de rublos suplementares com os trabalhos de construção, e, assim, tenentes da guarda, como Volkovoi, podiam arrecadar bônus elevados para brandirem os seus chicotes.

E o *zek* comum? Esse obtinha uns duzentos gramas suplementares de pão para o seu jantar. E estes duzentos gramas eram um acréscimo bem precioso para a subsistência de cada um.

Trouxeram dois baldes de água, mas ela gelou no caminho. Pavlo pensou que não fazia sentido que a transportassem para dentro do edifício. Era mais rápido derreter a neve. E assim começaram a fazer. Colocavam os baldes na chapa do fogão.

Gopchik trouxe uns pedaços de arame de alumínio utilizado pelos eletricistas.

— Ivan Denissovitch — disse ele logo que o en-

Digitalizado com CamScanner

tregou a Chukhov —, este é bom para fazer colheres. Ensine-me a fundi-lo.

Chukhov gostava de Gopchik, aquele malandro. O filho morrera ainda muito pequeno e as duas filhas que deixara em casa já eram moças crescidas. Gopchik fora preso por levar leite aos homens de Bendera[1] acoitados na floresta, e puniram-no com a pena reservada aos adultos. Era bastante serviçal e pacífico como um bezerro. Tentava agradar a todos os companheiros, mas já aprendera todas as malandragens possíveis no campo. O conteúdo das encomendas de alimentos que lhe enviavam, comia-o, sozinho, a maior parte das vezes durante a noite. A verdade é que não podiam mesmo ser partilhadas com todos os homens.

Quebraram um pedaço de fio, que destinavam às colheres, e esconderam-no num canto. Chukhov pegou em duas tábuas e juntou-as, fazendo uma espécie de rampa, que servia de escada. Depois mandou Gopchik trepar por elas, a fim de fixar a chaminé.

Ajudando-se com as mãos, o rapaz subiu, ágil como um esquilo, pelas tábuas, cravou um ou dois pregos, colocou o fio em volta deles e passou-o sob a chaminé. Chukhov fez outra dobra junto da extremidade do cano. Embora o vento que soprava fosse fraco, as condições poderiam ser diferentes no outro dia, e esta dobra evitaria que a fumaça refluísse para a sala. Não se esquecia de que consertava o fogão para si e para os seus companheiros.

---

[1] *General do Exército Vermelho que traíra o seu país durante a Segunda Guerra Mundial. Era o chefe dos nacionalistas da Ucrânia Ocidental e colaborou a princípio com os alemães contra os sovietes. Porém, desiludido com os nazis, continuou em ações de guerrilhas no território russo até cerca de 1956. Foi assassinado na Alemanha em outubro de 1959.*

Digitalizado com CamScanner

Entretanto, Senka Klévchin acabara de cortar as ripas e Gopchik foi encarregado de pregá-las. O pequeno demônio trepou até às janelas, dirigindo exclamações aos homens.

O sol ia alto e dispersara a névoa. Os dois pilares brilhantes tinham-se dissipado. Agora havia uma luz rubra na sala. E alguém já havia acendido o fogão com lenha surripiada. O calor animava um pouco a todos.

"Em janeiro, o sol aquecia os flancos da vaca", cantou Chukhov.

Kilgas acabou de reparar a betoneira e, aplicando-lhe uma martelada mais, gritou:

— Escute, Pavlo, este trabalhinho custará nada mais nada menos que cem rublos ao Tiúrin.

— Você terá sorte se conseguir mais cem gramas de ração — retorquiu Pavlo com uma gargalhada.

— O acusador entrará com a diferença — gritou Gopchik lá de cima.

— Páre com isso, sim?! — exclamou Chukhov. — Não é assim que se corta o revestimento de feltro. — E mostrou a todos como aquilo devia ser feito.

Os homens aproximaram-se do fogão, mas imediatamente Pavlo os obrigou a se afastarem. Depois deu a Kilgas madeira, a fim de que ele fizesse tabuleiros para transportar a argamassa até o pavimento superior. Pôs mais dois homens para carregar areia, outros para varrer a neve do andaime onde eram colocados os blocos e um para retirar a areia quente da chapa do fogão e lançá-la na caixa da argamassa.

O motor de um caminhão ronronou lá fora. Começavam a trazer os blocos. Pavlo dirigiu-se para o

Digitalizado com CamScanner

exterior e, com um aceno, indicou ao motorista onde deviam descarregá-los.

Pregaram então uma tira de feltro e depois outra. Que proteção se podia esperar disso? Era papel, apenas papel. Contudo, dava a impressão de uma espécie de parede sólida, que adensava a penumbra da sala e avivava o brilho do fogão.

Aliocha trouxe carvão. Alguns dos homens gritaram-lhe que o pusesse no fogão e outros que não o fizesse. Desejavam aquecer-se com as chamas. Aliocha hesitou, não sabendo a quem obedecer.

Fetiukov aninhara-se num canto confortável junto do fogão e — que louco! — erguia as botas até ao lume. O capitão puxou-o pela nuca e fê-lo girar para os tabuleiros.

— Trate de ir buscar areia, preguiçoso!

O capitão julgava-se ainda a bordo: se dizia a alguém que fizesse alguma coisa, ele a fazia. Tornara-se macilento durante o mês anterior, mas ainda mantinha a pose.

Por fim, foram cobertas todas as três janelas. Agora a única luz na sala penetrava através da porta. E com ela vinha o frio.

Em dado momento, Pavlo ordenou que tapassem a metade superior da porta. A metade inferior ficou descoberta, a fim de os trabalhadores poderem entrar — de cócoras.

Entretanto, tinham chegado três outros caminhões e descarregado mais blocos. Agora o problema consistia em erguerem os blocos até o segundo pavimento sem uma grua mecânica.

— Pedreiros, subamos até lá acima para termos uma idéia!

Era uma tarefa digna de respeito. Chukhov e Kilgas subiram com Pavlo. A escada era bastante es-

Digitalizado com CamScanner

treita e, agora que Senka tirara os parapeitos, que transformara em combustível, era preciso seguir rente à parede para não cair. E — o que era ainda pior — a neve tinha-se solidificado nos degraus, não havendo quase nenhum apoio para os pés. Como conseguiriam trazer a argamassa?

Quando atingiram o segundo pavimento circunvagaram os olhos a fim de ver onde deviam começar a assentar os blocos. Os homens que Pavlo mandara para cima retiravam a neve do alto das paredes. Tinham de começar por ali. Era necessário trazer uma picareta para quebrar o gelo que cobria os blocos e remover todos os fragmentos.

Então puseram-se a matutar na maneira de trazerem os blocos até ali. Decidiram que, em lugar de carregá-los pelas escadas, quatro homens deviam postar-se lá embaixo e lançá-los para o primeiro andaime. Depois, outros dois arremessá-los-iam para o segundo pavimento. Em seguida, mais dois colocá-los-iam nas paredes. Seria mais rápido que carregá-los pela escada.

O vento não soprava forte, mas todos o sentiam. Quando começassem a assentar os blocos, seriam certamente traspassados por ele.

Tinham de se manter atrás da pequena altura da parede que os outros tinham principiado a levantar. Deste modo, conseguiriam defender-se melhor. Ainda assim, não era muito mau e sentir-se-iam mais quentes.

Chukhov ergueu os olhos para o céu e respirou fundo. Pela altura do sol, era quase hora do almoço. Maravilha das maravilhas! Como o tempo voa quando se trabalha! Já notara isto centenas de vezes. Os dias passavam rapidamente no campo e terminavam quase sem haver tempo para dizer "ai".

Digitalizado com CamScanner

Mas com os anos já não sucedia o mesmo: escoavam-se lentamente e jamais se tinha a impressão de que o fim da pena estava próximo.

Quando desceram, viram que todos se haviam instalado em redor do fogão, exceto o capitão e Fetiukov, que continuavam a carregar areia. Pavlo ficou furioso ao lançar os olhos sobre a cena e mandou imediatamente oito homens lá para fora, a fim de removerem os blocos, dois para porem cimento e areia na betoneira, outro para ir buscar água e ainda outro para trazer carvão.

Kilgas deu as suas ordens aos ajudantes:

— Bem, rapazes, toquem para os tabuleiros.

— Quer que lhes dê uma ajuda? — ofereceu-se Chukhov.

— Sim — volveu Pavlo, acenando com a cabeça.

Nesse mesmo momento traziam um latão para derreter a neve.

Alguém dissera que era quase meio-dia. Chukhov confirmou-o.

— O sol já atingiu o zênite — anunciou ele.

— Se atingiu o zênite — disse pensativamente o capitão —, é uma hora, e não meio-dia.

— Quê? — objetou Chukhov. — Os mais velhos sabem perfeitamente que o sol está no zênite à hora do almoço.

— Os mais velhos, talvez — replicou o capitão. — Mas esses já estão ultrapassados. Recentemente foi publicado um decreto que determina que o sol apenas está no zênite à uma hora.

— Quem mandou publicar esse decreto?

— O governo soviético.

O capitão levou para fora um tabuleiro. Chukhov não sentia desejo de discutir com ele. Que desaforo!

Digitalizado com CamScanner

Dizem que mesmo o sol, lá no espaço, devia obedecer aos decretos do governo!

Os sons produzidos pelos martelos continuavam: alguns homens tratavam de construir um certo número de tabuleiros.

— Vá, sentem-se agora por uns momentos e aqueçam-se — disse Pavlo aos dois pedreiros. — E você também, Senka. Depois do almoço, fique com eles lá em cima. Sente-se, vamos.

Encontravam-se agora, de direito, sentados em redor do fogão.

De uma maneira ou de outra, não podiam começar a assentar os blocos antes de almoçar, e não havia necessidade de carregar a argamassa lá para cima, pois gelaria.

O carvão ardia gradualmente até atingir o rubro e lançava um calor bem reconfortante. Mas apenas o sentiam quando estavam junto do fogão — mais além a sala achava-se tão fria como sempre.

Os quatro homens tiraram as luvas e ergueram as mãos para o fogão. Mas não se devem chegar as botas ao fogo. É uma coisa que não se deve aquecer. Se são de couro, este estala, e, se se trata das *valenki*, o feltro ensopado começa a exalar vapor e não se sente mais calor. Se se chegam junto das chamas, então crestam-se e chamuscam-se, tendo-se depois de andar até a primavera com um buraco nelas. Quanto a arranjar outras... bem, nem pensar nisso.

— Mas por que é que o Chukhov se aborrece? — perguntou Kilgas. — Amigos, ele já tem um pé quase em casa.

— O pé nu — retorquiu alguém.

Todos riram, pois Chukhov descalçara a bota remendada e aquecia os trapos que nela colocara.

— A pena de Chukhov está no fim.

Digitalizado com CamScanner

Kilgas tinha apanhado uma pena de vinte e cinco anos. Nos bons tempos, as penas não ultrapassavam dez anos. Porém, a partir de 1949, a pena que aplicavam normalmente era de vinte e cinco anos, sem exceção.

Um homem podia sobreviver dez anos — mas vinte e cinco, quem o conseguiria?

Chukhov sentia certo prazer em que os outros apontassem um dedo para ele, como se dissessem: "Olhem para ele, a sua pena está quase no fim".

Todavia, tinha as suas dúvidas. Os *zeks* que terminaram as suas penas durante a guerra foram "retidos devido a instruções especiais". Somente em 1946 os libertaram. Mesmo os que cumpriam três anos de cativeiro tiveram de sofrer ainda mais cinco anos. Torciam a lei, e quando terminavam os dez anos de um *zek* eles podiam vir com esta: "Ora, aqui tem mais dez". Ou exilá-lo.

Contudo, havia períodos em que, ao pensar no assunto, quase se sentia uma quente excitação: "Sim, a sua pena está, na verdade, para terminar... O destino cumpre-se... Bom Deus! Que bom recuperar a liberdade, sair e ir para casa".

Mas não era razoável que um veterano falasse nisto em voz alta. Assim Chukhov disse a Kilgas:

— Não se aborreça com esses seus vinte e cinco anos. Não há a certeza de que passe todo esse tempo aqui dentro. Mas que eu já passei aqui oito anos, isso é um fato!

E o prisioneiro continuava a viver da mesma maneira: com os olhos pregados no chão, e não tinha tempo de pensar acerca do que o trouxera ao cativeiro ou de fazer conjeturas quanto à data em que lhe declaravam: "Bem, pode ir em liberdade".

Digitalizado com CamScanner

Segundo o seu processo, Ivan Denissovitch Chukhov fora condenado por alta traição. Ele próprio depusera contra si mesmo. Sim. Rendera-se aos alemães com a intenção de trair o seu país e voltara do cativeiro para desempenhar uma missão para os serviços secretos nazis. De que espécie de missão se tratava, era coisa que nem Chukhov nem o funcionário que o interrogara foram capazes de dizer. Assim, tudo se resumira nestes termos — uma missão.

Na altura, Chukhov reconheceu que era tudo muito simples: se não assinasse, adeus, vida. Se o fizesse, restava-lhe uma possibilidade de continuar neste mundo. E assinou.

Mas o que, na realidade, se passara, reduzia-se a isto:

Em fevereiro de 1942, todas as forças de que fazia parte foram cercadas na frente noroeste. Não lhes lançaram provisões em pára-quedas. Não havia aviões. As coisas tinham chegado a tal ponto que começaram a cortar os cascos dos cavalos mortos — mergulhavam-nos em água para amolecê-los e devoravam-nos. Não lhes restavam munições. Assim, os alemães cercavam-nos na floresta, uns quantos de cada vez. Chukhov encontrava-se num destes grupos. Esteve prisioneiro dos nazis durante um dia ou dois. Em dada altura, ele e mais quatro camaradas conseguiram escapar. Erraram pela floresta e por pântanos e, por milagre, atingiram as próprias linhas. Uma metralhadora ligeira abateu dois, um terceiro morreu devido aos ferimentos, mas os restantes sobreviveram. Se fossem mais espertos, teriam afirmado que tinham se perdido na floresta. Nada lhes aconteceria. Mas

Digitalizado com CamScanner

contaram a verdade: tinham-se evadido. Se os cinco tivessem sobrevivido, as suas declarações condiriam, naturalmente, e as autoridades acreditá-los-iam. Mas, restando apenas dois, não houve esperança.

"Vocês puseram as suas malditas cabeças funcionando em uníssono e forjaram essa história", disseram-lhes.

Apesar de ser surdo, Senka percebeu que eles falavam de uma evasão de um campo de prisioneiros alemão e declarou em voz alta:

— Três vezes escapei e três vezes me apanharam.

Senka, que sofrera bastante, estava habitualmente calado: não ouvia o que os companheiros diziam e não se imiscuía nas conversas. Pouco se sabia acerca dele: estivera em Buchenwald, onde colaborara com o movimento de resistência do campo e fizera contrabando de armas para um amotinamento geral. No entanto, os nazis tinham-no punido: amarraram-lhe os pulsos atrás das costas, suspenderam-no por eles e chicotearam-no.

— Você está dentro há oito anos, Vánia — dizia Kilgas. — Mas em que campos? Não nos "especiais". Teve mulheres com quem dormir. Não usou números. Mas imagine passar oito anos num "especial" — com trabalho violento. Ninguém sai vivo de um "especial".

— Mulheres! Cepos, não mulheres.

Chukhov fixava os carvões incandescentes no fogão e recordava-se dos seus sete anos no norte. Mourejara ali durante três anos arrastando cepos, de que faziam depois grades e dormentes para a via férrea.

As chamas das fogueiras dançavam nesse momento, ali também — quando cortavam árvores durante a noite. O seu chefe estabelecera que qualquer turma

Digitalizado com CamScanner

que não produzisse a sua cota tinha de ficar na floresta após a alvorada.

Voltavam ao campo de madrugada, mas deviam regressar de novo à floresta de manhã.

— Pois, amigos, parece-me que passamos aqui uma vida mais calma — murmurou. — Aqui, quando termina a tarefa diária, volta-se ao campo, não importa que a quota tenha ou não sido cumprida. É do regulamento. E, quanto ao pão, temos mais cem gramas aqui que lá em cima. Aqui, um homem pode viver. É um campo "especial", sim. Que importância tem usar um número? Eles não pesam absolutamente nada, estes números.

— Uma vida mais calma, hem? — sibilou Fetiukov. (A interrupção para o almoço estava no fim e todos se acotovelavam em redor do fogão.) — Cortam-lhe a garganta enquanto você dorme no beliche! E chama a isto uma vida mais calma!

— Isso acontece apenas aos delatores, e não aos seres humanos — replicou Pavlo, erguendo um dedo ameaçador para Fetiukov.

Havia bastante verdade nestas palavras. Dois homens, delatores confessos, tinham sido encontrados nos seus beliches, certa manhã, com a garganta cortada. E, poucos dias mais tarde, a mesma coisa sucedera a um *zek* inocente — alguém devia ter-se dirigido ao beliche onde dormia um companheiro que não tinha contas a prestar, tomando-o por outro. Em dada altura, um delator apresentara-se, aterrorizado, ao chefe da prisão e ele encerrara-o numa cela, por uma questão de segurança. Era de espantar... Nada daquilo acontecera nos campos "gerais". Nem neste, durante muito tempo, até se verificar o primeiro caso.

De súbito, a sereia uivou. Nunca começava com

Digitalizado com CamScanner

toda a força, mas roucamente, como alguém que aclarasse a garganta.

Meio-dia. Cessava o trabalho. Intervalo para o almoço.

Mas... tinham-se atrasado. Deviam ter-se encaminhado para o refeitório há muito tempo e tomado os seus lugares na fila. Trabalhavam onze turmas na central elétrica e no refeitório havia apenas lugar para duas de cada vez.

Tiúrin não aparecera ainda. Pavlo circunvagou o olhar pela sala e disse:

— Chukhov e Gopchik, venham comigo. Kilgas, logo que lhe mandar o Gopchik, conduza toda a turma.

Outros se instalaram junto do fogão no momento em que vagaram alguns lugares. Os homens rodeavam-no como se fosse uma jovem apetitosa. Todos se arrastavam para abraçá-la.

— Acabou-se o trabalho — gritaram. — Fumemos.

Olharam uns para os outros para ver quem iria acender um cigarro. Mas nenhum o fez. Ou não tinham tabaco ou mantinham-no no bolso, não querendo que os companheiros o vissem.

Chukhov saiu com Pavlo. Gopchik acompanhou-os, dando pequenos saltos como uma lebre.

— Está mais quente — disse bruscamente Chukhov. — Dezoito graus, nem menos um. Ótimo tempo para assentar os blocos.

Deitaram um olhar rápido para esses blocos. Os homens tinham já lançado uma boa quantidade deles para o andaime, encontrando-se alguns ao nível do piso superior.

Piscando os olhos na direção do sol, Chukhov pôs-se a pensar. Refletia no "decreto" do capitão.

Digitalizado com CamScanner

No descampado, o vento ainda soprava e o frio mantinha-se cortante.

"Não se esqueçam", pensava ele, "estamos em janeiro."

O refeitório dos *zeks* não passava de uma cabana com um fogão no meio. Apenas algumas tiras de metal lhe tapavam as fendas. No interior, era dividida em dois compartimentos: uma cozinha e o refeitório. Nenhum desses compartimentos era soalhado. O chão encontrava-se cheio de buracos, feitos pelos pés dos homens. A cozinha consistia apenas num fogão com um caldeirão em cima da chapa.

Era dirigida por dois homens — um cozinheiro e um fiscal sanitário. Todas as manhãs, quando abandonava o campo, o cozinheiro fazia uma requisição de sêmola na cozinha principal: cerca de cinqüenta e cinco gramas por cabeça, habitualmente, o que perfazia um quilo por turma, ou seja, pouco menos de um *pud*[1] para toda a coluna. Ao cozinheiro não agradava carregar o saco da sêmola na caminhada de três quilômetros, de maneira que arranjara um "ajudante" para fazê-lo: era preferível dar ao ajudante uma dose suplementar à custa dos *zeks* que dobrar as costas.

Era necessário trazer também água e lenha para o fogão. Mas estas tarefas também não agradavam ao ajudante. Assim, conseguiu encontrar *zeks* que transportassem por ele a água e a lenha, dando-lhes doses extraordinárias à custa dos outros. No fim de contas, que importância tinha isso?

O regulamento obrigava a tomar a refeição no refeitório. Porém, não podiam deixar lá as tigelas durante a noite, pois seriam roubadas pelos civis. Desta

---

[1] *Dezesseis quilos.*

Digitalizado com CamScanner

maneira, tinham de ser trazidas do campo cinqüenta tigelas, que, após serem usadas, eram rapidamente lavadas e devolvidas para os almoços seguintes, o que equivalia a mais uma dose suplementar para o homem que as levava.

Para se certificarem de que ninguém saía do refeitório com as tigelas, postavam um homem à porta. Todavia, por mais cuidadoso que ele fosse na sua vigilância, não deixavam de levar uma ou outra, desviando a atenção do guarda. Assim, alguém tinha de investigar por todo o local a fim de reunir as tigelas vazias e trazê-las para a cozinha. Também a este cabia uma dose suplementar. E muitos outros havia que conseguiam arranjar uma dose a mais.

O cozinheiro fazia apenas isto: punha a sêmola na panela e juntava-lhe sal; dividia a gordura entre a panela e ele próprio — a gordura boa nunca entrava na panela, para onde apenas ia o ranço. Assim, quando havia uma remessa de gordura rançosa nos depósitos, os *zeks* acolhiam-na como um suplemento. E, além disto, apenas fazia mais uma coisa: mexia a *kacha* quando estava fervendo.

O fiscal sanitário não mexia sequer uma palha: sentava-se e observava. No entanto, quando a papa estava pronta, ele servia-se da sua dose — a maior quantidade que pudesse caber-lhe no estômago. E o cozinheiro imitava-o. Então chegava o chefe da turma de serviço — todos os dias a turma era diferente —, provava e decidia se a mistela estava em condições de ser devorada pelos proletários. E, evidentemente, recebia uma dose dupla.

De novo a sereia uivou. Os chefes de turma puseram-se imediatamente em fila e o cozinheiro entregou-lhes as tigelas através da janelinha. No fundo das tigelas havia uma certa porção de papa — quando

Digitalizado com CamScanner

não se perguntava, tentava-se adivinhar pelo peso. Tudo o que ganhariam se abrissem a boca para qualquer reclamação seria um rosário de pragas.

A estepe era árida e flagelada pelo vento. No verão, este era seco; no inverno, gelado e cortante. Nada podia crescer naquela estepe, menos que nada, atrás de quatro barreiras de arame farpado. O pão vinha apenas daquele que o cortava, a aveia era debulhada apenas no depósito. E, por mais sangue que suassem no trabalho, por mais que se arrastassem sobre a barriga, não conseguiam tirar nada daquela terra. Nada obtinham além daquilo que as autoridades lhes davam. E nem mesmo isso era na porção que lhes era devida, pois havia o cozinheiro, o "ajudante", os "ajudantes" e todos os demais. Despojavam o pobre *zek* aqui, despojavam-no no campo, despojavam-no mesmo antes — nos depósitos. E os culpados de tudo isto não brandiam picaretas. Mas o pobre *zek,* esse passava o tempo agarrado à picareta e tinha de se contentar com aquilo que lhe davam. E que se afastasse da janelinha!

Pavlo e Chukhov, com Gopchik fechando a retaguarda, entraram no refeitório. Os homens acotovelavam-se ali de tal maneira que não se conseguiam ver as mesas nem os bancos. Alguns comiam sentados, mas a maioria fazia-o de pé. Os rapazes da turma 82, que tinham estado durante meio dia picando o solo sem possibilidades de se aquecer, haviam sido os primeiros a entrar depois do toque da sereia. Agora, nem mesmo depois de terem comido se decidiam a sair. Onde mais poderiam aquecer-se?

As pragas choveram sobre eles. Porém, sentiam-se melhor no refeitório que lá fora, ao frio. Pavlo e Chukhov abriram caminho à força. Chegavam num ótimo momento: uma turma estava sendo servida,

Digitalizado com CamScanner

outra esperava a vez, encontrando-se apenas um ajudante de chefe de turma junto da janelinha. Assim, estavam bem à frente dos outros.

— Tigelas, tigelas! — gritou o cozinheiro através da janelinha. E os prisioneiros apressaram-se a entregá-las.

Chukhov reuniu um certo número delas e depositou-as no apoio da janelinha, não para conseguir uma dose suplementar de papa, mas para ser servido mais rapidamente.

Na cozinha, alguns "ajudantes" já estavam lavando as tigelas — a troco de uma dose suplementar.

O cozinheiro começou a servir os ajudantes dos chefes de turma que estavam à frente de Pavlo na fila.

— Gopchik — bradou Pavlo, por cima da cabeça dos homens que se encontravam atrás dele.

— Estou aqui — ouviu-se a voz fina de Gopchik, que estava junto da porta.

— Chame a turma.

E Gopchik partiu quase correndo para fazer o que lhe fora ordenado.

Hoje, o principal era que a papa fosse boa — uma refeição de papa de aveia, da melhor. Poucas vezes a recebiam. Quase sempre, tinham *nagara* duas vezes ao dia, ou farinha misturada com água. Mas a papa de aveia enchia, era boa.

Quantas vezes, na sua infância, Chukhov dera aveia aos cavalos! Jamais lhe ocorrera que viria um tempo em que toda a sua alma desejaria ardentemente um punhado dela.

— Tigelas, tigelas! — gritou de novo o cozinheiro.

A turma 104 estava agora na fila. Um ajudante

Digitalizado com CamScanner

de chefe de turma, mais além, recebeu a sua dose dupla e afastou-se da janelinha.

Esta dose suplementar era também dada à custa dos *zeks*, mas nenhum reclamava. O cozinheiro dava doses duplas aos chefes de turma, e eles ou comiam a segunda ou ofereciam-na aos seus ajudantes. Tiúrin deu a sua a Pavlo.

Agora a tarefa de Chukhov consistia em introduzir-se atrás de uma mesa, desalojar dois daqueles preguiçosos, pedir polidamente a outro prisioneiro que se afastasse um pouco e conseguir algum espaço à sua frente — para doze tigelas, dispostas umas contra as outras, uma segunda fila de seis e duas mais no topo. Em seguida, tinha de ir buscar as tigelas que se encontravam sob a guarda de Pavlo, contá-las uma vez mais e assegurar-se de que ninguém roubara sequer uma delas. E tinha de prestar toda a atenção àquela tarefa, não fosse o cotovelo de um dos homens tocar numa tigela e lançá-la ao chão — mesmo ao seu lado alguns prisioneiros preparavam-se para deixar a mesa, erguendo as pernas por cima dos bancos, enquanto outros se apertavam a fim de tomar a sua refeição. Sim, tinha de estar de olho alerta. Estaria aquele prisioneiro avançando em sua tigela? Ou conseguiria ele roubar uma da turma 104?

— Duas, quatro, seis — contou o cozinheiro na janelinha.

Entregava duas tigelas de cada vez — era mais fácil para ele, pois, de outra maneira, poderia enganar-se na contagem.

— Duas, quatro, seis — repetia Pavlo em voz baixa, para si mesmo, junto à janelinha, em ucraniano, passando-as seguidamente a Chukhov, que as punha na mesa. Chukhov não repetia os números em

Digitalizado com CamScanner

voz alta, mas contava com mais ligeireza que qualquer outro.

— Oito, dez.

Por que não se apresentava Gopchik com a turma?

— Doze, catorze — prosseguia a contagem.

A cozinha já quase não tinha tigelas. Chukhov, por sobre a cabeça e os ombros de Pavlo, via perfeitamente o que se passava para lá da janelinha. O cozinheiro pousara duas tigelas no apoio e, conservando as mãos em cima delas, fazia uma pausa, como que para refletir. Deveria dar um berro aos lavadores? Mas nesse momento outra pilha de tigelas sujas foi lançada para a janelinha. O cozinheiro retirou as mãos das duas que retivera e puxou as sujas para dentro.

Chukhov deixou as catorze tigelas que contara na mesa, voltou-se, lançou uma perna por sobre o banco, pegou nas duas tigelas cheias que se encontravam na janelinha e disse calmamente para Pavlo:

— Catorze.

Falou num murmúrio, como se quisesse que o cozinheiro o não ouvisse. Porém, este berrou:

— Espere! Para onde leva essas tigelas?

— Ele é da nossa turma — confirmou Pavlo.

— Da nossa turma... Mas ele se enganou na conta.

— Catorze — repetiu Pavlo, encolhendo os ombros. Ele próprio não teria surripiado estas tigelas suplementares, pois um ajudante de chefe de turma tem de manter a sua dignidade. Porém, limitava-se a repetir simplesmente o que Chukhov dissera. Quando muito, se quisesse, poderia censurá-lo pelo erro.

— Já contei catorze — insistiu o cozinheiro, já zangado.

— Concordo. Mas não as passou todas aqui para

Digitalizado com CamScanner

fora. Ficou com as mãos em cima de duas — gritou Chukhov. — Ande, venha aqui para fora contá-las você mesmo, se não acredita em nós. Repare, estão todas em cima da mesa.

Enquanto falava, reparou que os dois estonianos se aproximavam e lançou as duas tigelas para as mãos deles quando passaram. E dirigiu-se para a mesa a fim de verificar se todas as tigelas estavam no seu lugar — os da mesa próxima não tinham roubado nenhuma, apesar de terem tido uma boa oportunidade de o fazerem.

A cara vermelhusca do cozinheiro assomou à janelinha.

— Onde estão essas tigelas? — perguntou encolerizado.

— Aqui, à sua disposição — gritou Chukhov. — Afaste-se, rapaz, para que ele veja — disse ele para alguém, empurrando-o. Depois pegou em duas tigelas da segunda fila. — Temos três filas de quatro, bem à vista. Conte-as!

— A sua turma ainda não chegou? — perguntou o cozinheiro, circunvagando os olhos suspeitosamente pelo pequeno setor do refeitório que podia ver através da janelinha. Esta era bastante estreita, para evitar que alguém deitasse um olhar para a cozinha e observasse que quantidade de papa ficara no caldeirão.

— Ainda não chegou nenhum — retorquiu Pavlo, sacudindo a cabeça.

— Então, por que leva as tigelas, se a turma ainda não chegou?

— Aí vêm eles — bradou Chukhov.

E todos ouviram os gritos bem ressonantes do capitão junto à porta.

— Por que vocês estão preguiçando por aqui?

Digitalizado com CamScanner

— berrou ele, na sua melhor voz de comando. — Se já comeram, afastem-se e deixem entrar os outros.

O cozinheiro murmurou qualquer coisa da janelinha. Depois endireitou-se e novamente se viram as suas mãos enquanto passavam as tigelas.

— Dezesseis, dezoito.

Depois, entregou a última, uma dose dupla.

— Vinte e três. Acabou-se. A turma seguinte.

Os homens da 104 aproximaram-se. Pavlo entregou-lhes as tigelas, por sobre as cabeças dos prisioneiros sentados à segunda mesa.

No verão, podiam sentar-se cinco num banco. Mas agora, que todos vestiam roupa grossa, mal conseguiam caber quatro, e, mesmo assim, tinham dificuldade em mexer as colheres.

Imaginando que tinha direito, pelo menos, a uma das tigelas que roubara, Chukhov não perdeu tempo para devorar a primeira dose. Levou o joelho direito até à barriga, puxou a colher — "Ust-Ijma — 1944" — do cano da bota, tirou o gorro, que colocou no sovaco esquerdo, e fez correr a colher à volta da orla da tigela de *kacha*.

Este momento exigia completa concentração: tinha de rapar a papa magra do fundo da tigela, pô-la cuidadosamente na boca e fazê-la rolar com a língua. Mas Chukhov tinha de se apressar, para mostrar a Pavlo que já acabara e que esperava que lhe fosse oferecida uma segunda dose. E tinha de contar com Fetiukov. Este entrara no refeitório com os dois estonianos e percebera bem tudo o que se passara com as duas tigelas suplementares. Agora, de pé, bem defronte de Pavlo, mirava as quatro tigelas ainda não distribuídas, como que para sublinhar que se achava com direito a, pelo menos, mais meia dose.

Porém, o jovem e moreno Pavlo continuava cal-

Digitalizado com CamScanner

mamente a comer a sua dose dupla e não se via maneira de ele dizer se notava ou não alguém de pé na sua frente, ou mesmo se se recordava daquelas duas tigelas extraordinárias.

Chukhov terminou a sua *kacha*. Prometera ao estômago duas doses, de maneira que uma não era agora suficiente para lhe transmitir a sensação plena que normalmente experimentava com uma refeição de *kacha*.

Levou a mão ao bolso interior, tirou um trapo branco e limpo e com ele "enxugou" o fundo e a borda da tigela, onde se viam ainda alguns restos de aveia. Em seguida, lambeu o trapo, voltando a repetir a operação. A tigela dava agora a impressão de ter sido lavada. Por sobre o ombro, passou-a a um dos que as estavam recolhendo e continuou sentado, sem pôr o gorro na cabeça.

Embora tivesse sido Chukhov quem surripiara as doses suplementares, cabia a Pavlo distribuí-las.

Pavlo prolongou um pouco mais a agonia, enquanto limpava a sua tigela. Porém, não a "enxugou" por completo: lambeu simplesmente a colher, pô-la de lado e persignou-se. E então, muito de leve — não havia espaço para se mexer —, tocou em duas das quatro tigelas que sobravam. Isto significava que ia dá-las a Chukhov.

— Ivan Denissovitch, fique com uma e leve a outra a Tsezar.

Chukhov lembrou-se de que tinham sempre de levar uma das tigelas a Tsezar, que não considerava digno ir ao refeitório, mesmo no campo. Chukhov sabia isto perfeitamente. Todavia, quando Pavlo tocou nas tigelas o seu coração contraiu-se. Dar-lhe-ia Pavlo as duas? E quando o ajudante do chefe da turma falou, o coração voltou a pulsar normalmente.

Digitalizado com CamScanner

Sem perder tempo, debruçou-se sobre aquele maná inesperado, e começou a devorá-lo com intenso prazer, sem se importar com as palmadas fortes que lhe aplicavam nas costas os *zeks* da turma que se seguia.

A única coisa que o amargurava era que aquela segunda fosse ainda parar na barriga de Fetiukov. Este era um mestre consagrado na arte de pedinchar, mas carecia de coragem para surripiar fosse o que fosse.

O capitão estava sentado junto deles. Acabara já há algum tempo a sua *kacha*, mas não sabia que a turma tinha à sua disposição duas doses suplementares. Não se dera ao trabalho de passar os olhos em redor para verificar o que Pavlo ainda tinha para distribuir.

Repousava apenas, aquecia-se. Não era suficientemente forte para se levantar e sair de novo para o frio ou para a central elétrica. Ele, como os próprios prisioneiros que, com a sua voz áspera, forçara a afastarem-se do refeitório, ocupava um lugar ao qual já não tinha direito. Era um recém-chegado. Não estava ainda habituado à vida dura dos *zeks*. Embora não o compreendesse, momentos como este tinham bastante significado para ele, pois transformavam o impetuoso e confiado oficial de marinha de voz tonitruante que ele fora, no inerte, ainda que reservado, *zek* que neste momento ele era. E apenas nessa inércia residia a possibilidade de sobreviver aos vinte e cinco anos de clausura a que fora condenado.

Já outros prisioneiros começavam a visá-lo com imprecações e a sacudi-lo pelas costas para que se levantasse.

— Capitão — disse Pavlo. — Eh, capitão.

Buinóvski estremeceu como se tivesse sido despertado de um sonho e vagueou os olhos em redor.

Digitalizado com CamScanner

Pavlo estendeu-lhe uma tigela de *kacha*, sem mesmo lhe perguntar se a queria. As sobrancelhas do capitão franziram-se e fixou os olhos na tigela como se contemplasse um maná celeste.

— É sua, vá — disse Pavlo, como que para lhe tirar ainda qualquer dúvida. E, pegando na última tigela — destinada ao chefe da turma —, saiu.

Um sorriso de desculpa pairou por momentos nos lábios gretados do capitão. E este homem, que navegara em redor da Europa e pela grande rota do nordeste, debruçou-se, feliz, sobre a meia tigela de *kacha*, cozida sem um grama de gordura, apenas aveia e água.

Fetiukov, lançando olhares furiosos a Chukhov e ao capitão, abandonou o refeitório. Porém, Chukhov pensava que Pavlo procedera corretamente. No seu devido tempo, o capitão saberia como era a vida no campo, mas, por enquanto, não sabia ainda como viver.

Chukhov alimentava ainda a magra esperança de que Tsezar lhe desse a sua tigela de *kacha*. Mas não era natural que tal sucedesse, pois decorrera já mais de uma quinzena desde que o companheiro recebera a última remessa.

Ivan Denissovitch rapou o fundo e a orla da segunda tigela, precisamente da mesma maneira como procedera com a primeira. Em seguida, pegou na tigela de *kacha* fria de Tsezar e saiu.

— É para levar ao gabinete — disse ele, enquanto procurava afastar-se do homem que o detivera à porta e tentara tirar-lhe a tigela.

O gabinete ficava numa cabana junto da casa da sentinela. Como acontecera de manhã, a fumaça escoava-se através da chaminé. As chamas do fogão eram mantidas bem vivas por um faxineiro que fazia

Digitalizado com CamScanner

também as vezes de ajudante, conseguindo assim ganhar aqui e ali alguns copeques. No gabinete nunca escasseava a lenha para o fogão.

A porta exterior chiou quando Chukhov a abriu. A seguir a esta, havia outra, calafetada com estopa. Arrastando atrás de si uma nuvem de vapor gelado, Chukhov entrou, fechando rapidamente a porta para que não lhe gritassem: "Ande com isso, seu chato, feche essa porta!"

A atmosfera do gabinete onde estava montado o escritório do campo era quente como a de uma casa de banho. Pelo menos, assim pareceu a Chukhov. O sol, que penetrava nele através das vidraças das janelas, brincava na sala não com fúria, como na central elétrica, mas alacremente, e, espalhando-se na esteira dos raios solares, o fumo do cachimbo de Tsezar dava a impressão de incenso numa igreja. O fogão esplendia seu brilho rubro. Ah, como aqueles demônios o enchiam de lenha! Até mesmo a chaminé do fogão estava vermelha.

Em tal atmosfera, qualquer pessoa que se sentasse não tardaria um minuto a adormecer.

O gabinete tinha duas salas. A porta que dava comunicação para a segunda, ocupada pelo superintendente, não se encontrava completamente fechada, e, através dela, trovejava a voz dele.

— Estamos gastando demais com os materiais de construção. Mesmo debaixo dos seus narizes, os prisioneiros estão roubando tábuas caras, isso sem mencionar as chapas pré-fabricadas, que eles utilizam para queimar nos seus abrigos. Um destes dias, os prisioneiros descarregaram cimento perto dos depósitos sob um vento forte. E, o que é mais, transportaram-no em tabuleiros durante alguns metros. Como resultado disto, em toda a área em redor dos depó-

Digitalizado com CamScanner

sitos uma pessoa quase se afunda em cimento até os joelhos e os homens sufocam dentro dele. Imaginem o prejuízo!

Obviamente, efetuava-se lá dentro uma conferência. Estavam lá todos os capatazes.

Num canto junto da porta, um faxineiro estava indolentemente sentado num pequeno banco. Um pouco para além dele, como uma estaca dobrada, encontrava-se Chkuropatenko — o B 219.

Aquele macaco olhava através da janela, tentando ver se alguém surripiava alguma das suas preciosas chapas pré-fabricadas!

"Daquela vez, você não nos pôs a vista em cima, tinhoso", pensou Chukhov.

Os guarda-livros, também *zeks*, tostavam pão na fornalha do fogão. Para evitar que ele queimasse, utilizavam uma grelha feita de arame.

Tsezar estava reclinado na sua cadeira, a uma mesa, e fumava cachimbo. Tinha as costas voltadas para Chukhov, sem perceber sua entrada.

Defronte, encontrava-se sentado o K 123, um velho seco e mirrado, que cumpria uma pena de vinte e um anos. Comia *kacha*.

— Não, meu caro amigo — dizia Tsezar com a sua voz lenta, com toda a naturalidade. — Para sermos objetivos, temos de reconhecer que Eisenstein é um gênio. *Ivan, o Terrível*, não é uma obra genial? A dança dos *oprichniki*[1] mascarados! A cena na catedral!

— Ora — retorquiu o K 123, encolerizado, detendo a colher junto dos lábios. — Está feito com tanto artifício que mal nos apercebemos de um vislumbre de arte. Não se vê nele nada digno de admiração. É

[1] *Janízaros de Ivan, o Terrível, que, no século XVI, eram utilizados para esmagar toda a oposição ao czar.*

Digitalizado com CamScanner

como doce em vez de pão. E então, aquela vil idéia política — a justificação da tirania. É um escárnio à memória de três gerações da *inteligentsia* russa.

Comia como se os seus lábios fossem de madeira. Dava a impressão de que a *kacha* não lhe faria qualquer proveito.

— Mas que outra interpretação teria sido permitida?

— Permitida? Uf! Então, não diga que é um gênio. Chame-lhe antes um adulador, obedecendo cegamente a instruções que só deviam ser dadas aos cães. Os gênios não ajustam as suas obras ao gosto dos tiranos!

Chukhov pigarreou para aclarar a garganta. Não lhe agradava interromper uma conversa tão erudita. Mas também não fazia sentido que continuasse ali parado como uma estátua.

Tsezar voltou-se ligeiramente e estendeu a mão para a tigela, sem sequer fitar Chukhov, como se a *kacha* tombasse do céu.

— Mas, escute — tornou ele. — Não é o *que*, mas o *como* que conta na arte.

Furioso, o K 123 abateu o punho sobre a mesa.

— Não! Que vá para o diabo o seu *como* se não despertar bons sentimentos em mim.

Chukhov ficou ali o tempo que achou conveniente para um homem que trouxera uma tigela de *kacha*. Apesar de tudo, Tsezar talvez oferecesse um pouco de tabaco. Mas Tsezar esquecera-se completamente da sua presença.

Assim, Chukhov rodou nos calcanhares e saiu sem ruído, pensando que o frio era suportável e o trabalho de assentamento dos blocos não era dos piores.

Enquanto caminhava ao longo de uma aléia, Chu-

Digitalizado com CamScanner

khov viu, na neve, um pequeno pedaço de metal — um fragmento de serra.

Não conseguiu descobrir um uso imediato para ele, mas guardou-o. Nunca se sabe do que se poderá necessitar no futuro. Assim, tirou-o do chão e introduziu-o no bôlso dos joelhos das calças. Escondê-lo-ia na central elétrica. A economia vale mais que a riqueza.

A primeira coisa que fez ao chegar à central foi retirar a sua colher de pedreiro do esconderijo e introduzi-la sob a corda que lhe servira de cinto. Depois dirigiu-se para a divisão onde faziam a argamassa.

Ali agora estava muito escuro, e não se sentia mais calor que lá fora. A atmosfera tornara-se pesada e viscosa. Todos os homens se encontravam reunidos em redor do fogão que Chukhov consertara ou junto daquele sobre cuja chapa a areia secava. Os que não tinham podido arranjar lugar junto dos fogões estavam sentados na borda de uma caixa de argamassa. Tiúrin, sentado contra o fogão, acabava a sua *kacha*, que Pavlo lhe aquecera.

Todos se sentiam alegres e houve um que passou as novidades a Chukhov: o chefe da turma conseguira melhorar as "percentagens" para todos e voltara bastante animado.

O gênero de trabalho e as percentagens que lhes cabiam eram coisas que diziam respeito a Tiúrin. Mas, para falar com franqueza, que fizera a turma durante toda a manhã? Nada. Não lhes pagavam para consertar os fogões, não lhes pagavam para arranjarem um lugar onde se aquecessem. Tinham feito tudo aquilo para benefício pessoal, e não para o progresso da construção. Porém, tinha-se que escrever qualquer coisa no relatório. Talvez Tsezar estivesse ajudando o chefe da turma a elaborá-lo convenientemente. Se

Digitalizado com CamScanner

Tiúrin o tratava bem, é porque qualquer coisa havia. Uma folha de trabalho bem elaborada significava boas rações durante cinco dias. Mas... digamos quatro. As autoridades sempre conseguiam ficar com uma para elas, colocando todo o campo dentro da escala do mínimo garantido — o mesmo para todos: o melhor e o pior.

Parecia ser bastante justo: rações iguais para todos. Mas a economia fazia-se à custa da barriga dos *zeks*. Bem. A barriga de um *zek* pode suportar tudo. Sempre vai rapando hoje qualquer coisa e continua a ter esperança no dia de amanhã.

Era com esta esperança que iam dormir quando obtinham o mínimo garantido.

Todavia, quando se refletia no caso, chegava-se à conclusão de que eram cinco dias de trabalho para quatro de sustento.

A turma estava tranqüila. Os *zeks* que tinham tabaco fumavam. A luz era débil e os homens fixavam os olhos no fogo parecendo uma grande família. Era uma família, a turma.

Agora todos escutavam Tiúrin, que falava para dois ou três homens instalados junto do fogão. Tiúrin nunca desperdiçava as suas palavras e permitia-se conversar apenas quando estava de bom humor.

Ele também não aprendera a comer com o gorro na cabeça, e quando o tirava, ficando com ela descoberta, tinha um aspecto de velho. Usava o cabelo cortado rente, como todos os outros, mas à luz das chamas podia-se ver a grande quantidade de cabelos brancos que já tinha.

— Eu estava cheio de medo diante do comissário — dizia ele —, mas agora achava-me em frente do coronel-comandante. "Tiúrin, soldado do Exército Vermelho, apresenta-se", declarei eu. Ele fitou-me

Digitalizado com CamScanner

fixamente, de cenho carregado. "Qual é o seu nome próprio e o nome próprio do seu pai?", perguntou-me ele. E eu respondi. "E a data em que nasceu?" Tornei a responder. Tinha então vinte e dois anos, em 1930, e era pouco mais que um garoto. "Bem, a quem você serve, Tiúrin?", inquiriu ele. "Sirvo ao povo trabalhador[1]", retorqui, fazendo a continência. Os seus olhos chamejaram e ambos os seus punhos se abateram sobre o tampo da mesa. "Serve ao povo trabalhador, malandro. Mas que é você?" senti-me gelar por dentro, mas tentei não vacilar. "Soldado de primeira classe de infantaria. Excelente aproveitamento na instrução militar e polí..." Mas ele interrompeu-me: "Primeira classe! De que está falando, canalha? O seu pai é um *kulak*[2]. Olhe, este documento veio de Kamen. O seu pai é um *kulak* e você tem-se escondido. Há dois anos que o procuram". Empalideci e contive a língua. Há um ano que não escrevia uma palavra para casa, para evitar que descobrissem o rasto da minha família. E nem sequer fazia a mínima idéia de como viviam os meus lá na terra. E eles também nada sabiam a meu respeito. "Onde está a sua consciência?", gritou-me, sacudindo-se como um possesso. "Não sente vergonha de si mesmo por iludir o poder soviético?" Pensei que ele ia bater-me. Porém, não o fez. Limitou-se a preencher uma ordem de expulsão do Exército a partir das seis horas da

---

[1] *Frases usadas, como forma de saudação, entre oficiais e soldados do Exército Vermelho.*

[2] *Lavrador-proprietário independente, na Rússia soviética. A designação de* kulak *abrange aqueles lavradores que não aceitaram a política de integração das suas propriedades nas fazendas coletivas do Estado,* os kolkhozes, *política essa que, entre 1930 e 1934, levou à eliminação de cinco milhões de granjas de* kulaks.

Digitalizado com CamScanner

tarde daquele mesmo dia. Estava-se em novembro. Confiscaram o meu uniforme de inverno e entregaram-me um de verão — em terceira mão, segundo me pareceu — e um capote curto e apertado. Fui enganado, pois, nessa altura, não sabia que podia ter ficado com o meu uniforme de inverno... Assim, despacharam-me com aquele pedaço de papel: "licenciado do serviço militar por... ser filho de um *kulak*". Era uma bela referência para conseguir trabalho! Tinha à minha frente uma viagem de quatro dias, de trem, até chegar à minha casa. Não me deram guia de trânsito, nem me forneceram sequer uma ração para um dia. Pagarem-me o último soldo, nem sonhar... E, a propósito, lembro-me agora de que em 1938, no centro de deportação de Kotlas, encontrei o meu velho sargento. Apanhara também dez anos. Soube por ele que o comandante e o comissário tinham sido fuzilados em 1937. Não houvera qualquer diferença em serem proletários ou *kulaks,* se tinham consciência ou não. Assim, persignei-me e disse: "Apesar de tudo, Criador, tu existes aí nos céus. Sofres com paciência, mas, quando bates, machucas".

Após duas tigelas de *kacha,* Chukhov desejava tão ardentemente fumar um cigarro que desfaleceria se não o fizesse. E, recordando-se de que podia comprar duas canecas de tabaco do letão da barraca 7, disse em voz baixa ao pescador estoniano:

— Escute, Eino, empreste-me um pouco de tabaco que dê para um cigarro, que amanhã eu lhe devolvo.

Eino lançou-lhe um olhar sombrio e depois olhou para o "irmão". Aqueles dois partilhavam tudo: qualquer deles não dispensaria nem um fiapo de tabaco sem consultar o outro. Trocaram uns murmúrios;

Digitalizado com CamScanner

Eino levou a mão à sua bolsa com bordados cor-de-rosa. Em seguida, tirou um pouco de tabaco desfiado, colocou-o na palma da mão de Chukhov, mediu-o com a vista e acrescentou um pouco mais. O suficiente para um cigarro, nem mais uma pitada.

Chukhov preparara já um pedaço de papel de jornal. Rasgou uma tira, enrolou o cigarro, pegou numa brasa que estava aos pés de Tiúrin e começou a puxar tragada após tragada.

Um doce torpor percorria-lhe o corpo, dos pés à cabeça, dando-lhe a sensação de ter emborcado um copo de vodca.

No momento em que começou a fumar sentiu, chispando sobre si, na outra extremidade da sala, um par de olhos verdes — era Fetiukov. Chukhov podia ter-se compadecido daquele chacal e ter-lhe oferecido uma tragada, mas já o vira quase a mendigar naquele dia. Não. Era preferível deixar o toco para o Senka. Este não escutava a narrativa do chefe da turma e encontrava-se sentado defronte do fogão — o pobre-diabo —, com a cabeça inclinada sobre um dos ombros.

A cara de Tiúrin, marcada pelas bexigas, era iluminada pelas chamas. Falava tão calmamente como se contasse a história de outrem, e não a sua.

— Vendi todos os meus pertences pela quarta parte do seu valor. Comprei dois pães no mercado negro — já tinham começado com o racionamento do pão. Pensara chegar a casa introduzindo-me num vagão de mercadorias, mas haviam criado recentemente uma lei que impunha um castigo severo a quem o fizesse. E, se vocês se recordam, não se podia comprar bilhete mesmo que se dispusesse de dinheiro para tal. Tinha-se que apresentar um cartão de livre trânsito ou documentos de viagem. Não havia maneira de

Digitalizado com CamScanner

uma pessoa conseguir chegar à estação — encontravam-se milicianos nos portões e guardas patrulhando a via, em ambas as extremidades da estação. Estava-se na altura do pôr do sol, fazia um frio de rachar e os charcos de água gelavam. Onde iria eu passar a noite? Trepei num muro de tijolos, saltei, sempre sem largar os meus dois pães, e introduzi-me na latrina da estação. Ali, esperei por um momento. Ninguém percebera minha presença. E então saí como se fosse um soldado em trânsito. O expresso Vladivostok—Moscou estava parado na estação. Uma verdadeira multidão encontrava-se em redor da torneira da água quente e as pessoas batiam umas nas outras com as chaleiras. Em dado momento, reparei, por entre a multidão, numa jovem. Usava um vestido azul e tinha uma chaleira bem grande, mas parecia sentir receio de abrir caminho por entre a turba a fim de se aproximar da torneira. Não queria que lhe pisassem os pequenos pés ou que os queimassem com água quente. "Escute", disse eu à moça. "Segure estes pães, que eu vou imediatamente encher-lhe a chaleira." No momento em que o fazia, o trem pôs-se em movimento. Então vi-a, imóvel, na estação com os pães na mão, debulhada em lágrimas. Mas por que tinha ficado ali pregada? Não fora certamente por se importar de perder a chaleira. "Corra", disse eu. "Segui-la-ei." E ela lá foi, comigo em seus calcanhares. Ergui-a no ar e a icei para o vagão com um braço. O trem marchava já com uma certa velocidade. Eu já tinha um pé nele. O condutor não tentou empurrar-me, pois encontravam-se no vagão outros soldados e ele tomou-me por um deles.

Chukhov deu uma leve palmada nas costas de Senka, para que este agarrasse o toco.

— Tome, acabe com ele, irmão.

Digitalizado com CamScanner

E entregou-lhe o toco na piteira de madeira.

— Dê umas tragadas, far-lhe-á bem.

Senka, o estúpido, aceitou-o como um ator, levando uma das mãos ao coração e fazendo uma vênia com a cabeça. Além disso ele era surdo. E Tiúrin prosseguiu:

— No compartimento encontravam-se seis outras moças. Eram estudantes de Leningrado e voltavam a casa depois de freqüentarem cursos técnicos no campo. Em cima da pequena mesa em frente delas viam-se espalhadas pequenas coisas encantadoras; capas de borracha pendiam dos cabides, no qual se encontravam também pequenas malas. Para elas, a vida era coisa fácil. Nada a ensombrava. Conversamos, gracejamos e tomamos chá juntos. Em dado momento, perguntaram-me em que vagão seguia eu. Suspirei e contei-lhes a verdade. "Estou num vagão especial, meninas, que se dirige diretamente para a morte."

Fez-se um silêncio, no qual apenas se conseguia ouvir o crepitar das chamas do fogão.

— Bem, elas suspiraram, choraram e juntaram as cabeças umas às outras. E por fim fizeram-me deitar numa das camas e cobriram-me com as suas capas de borracha. Esconderam-me assim durante todo o caminho até Novossibirsk. Devo dizer, a propósito, que pude, mais tarde, demonstrar a minha gratidão. Uma delas foi varrida pela vaga de Kirov em 1935. Estava quase consumida: trabalhava numa turma de trabalho pesado e consegui que ela fosse para a oficina de roupas.

— Quer que comecemos a fazer a argamassa? — perguntou Pavlo num murmúrio.

Mas Tiúrin não o ouviu.

— Cheguei a casa de noite e entrei pela porta de

Digitalizado com CamScanner

trás do quintal. Nessa mesma noite, parti. Levei comigo o meu irmão mais novo e seguimos para uma região mais quente, para Frunze. Não tinha nada que lhe dar para comer, não possuía sequer uma côdea ou um copeque. Numa rua de Frunze, alguns operários que trabalhavam recapeando o pavimento estavam aquecendo asfalto numa caldeira, com a habitual chusma de vadios e pedintes em redor. Senteime ali perto e disse: "Eh, gente da rua, tomem o meu irmão como aprendiz e ensinem-no a viver". E então eles o acolheram. Tenho pena de eu próprio não me ter juntado àqueles malandros.

— E nunca mais viu o seu irmão? — perguntou o capitão.

— Nunca mais — bocejou Tiúrin.

E, voltando a bocejar, continuou:

— Bem, não se aborreçam, rapazes! Havemos de sobreviver, mesmo nesta central elétrica. Ela será o nosso lar. Agora, ponham-se a andar. Vocês, os da argamassa, não esperem pelo toque da sereia.

Eis o que é uma turma. Aos guardas era necessário um certo esforço para conseguirem que um prisioneiro se mexesse, mesmo nas horas de trabalho. Porém, se um chefe de turma disser aos seus homens que peguem no trabalho, mesmo nas horas de descanso, estes obedecerão imediatamente.

E isto porque é o chefe que provê à sua alimentação. E ele nunca os obrigaria a trabalhar se não fosse necessário.

Se não começassem a arranjar a argamassa antes de a sereia principiar a uivar, os pedreiros continuariam folgando durante algum tempo.

Chukhov respirou profundamente e pôs-se de pé.

— Vou subir para quebrar o gelo.

Levou consigo um machado e uma escova de ara-

Digitalizado com CamScanner

me, e, para proceder ao assentamento dos blocos, um martelo de pedreiro, um nível, um prumo e um pedaço de fio.

Kilgas fitou-o. O seu rosto era uma careta vermelhusca. Por que se teria ele apressado a recomeçar o trabalho antes de o chefe da turma ordenar que o fizesse?

"Ora", pensou, por sua vez, Chukhov, "o Kilgas não precisa preocupar-se com a alimentação da turma. E para ele tanto faz se receber cem ou duzentos gramas a menos. Consegue sempre arranjar-se com as encomendas que lhe enviam."

— Espere um momento, Vánia — disse por fim Kilgas —, vou subir contigo.

— Pois... se você trabalhasse por conta própria, levantar-se-ia sem perda de tempo.

Havia outra razão que levara Chukhov a apressar-se: ele desejava pegar prumo antes de Kilgas, pois apenas tinham conseguido trazer um do depósito das ferramentas.

— Serão suficientes três para assentar os blocos? — perguntou Pavlo a Tiúrin. — Não será melhor mandar mais um homem para cima? Ou não terão argamassa suficiente?

Tiúrin franziu as sobrancelhas e refletiu durante um instante.

— Eu próprio serei o quarto homem, Pavlo. Você fica fazendo a argamassa. Como a betoneira é grande, destacarei seis homens para essa tarefa. Proceder-se-á assim: tira-se a argamassa de uma extremidade, quando estiver preparada, e utiliza-se a outra para misturar mais alguma. E procure não os deixar parar nem um momento sequer.

Pavlo pôs-se de pé Era jovem, tinha sangue quente e boas cores, e a vida no campo ainda não o exaurira.

Digitalizado com CamScanner

— Se vão assentar os blocos, eu próprio farei a argamassa. Veremos quem trabalha mais rapidamente. Eh, onde diabo meteram a pá de cabo comprido?

Assim devia ser um bom ajudante de chefe de turma. Pavlo fora um bom atirador especial, várias vezes combatera emboscado na floresta, e participara mesmo em incursões noturnas. Seria difícil tentar moê-lo de trabalho no campo! Mas trabalhar para o chefe da turma era uma coisa diferente!

Chukhov e Kilgas subiram ao segundo pavimento. Ouviram Senka trepar pela escada atrás deles. Mesmo surdo como era, apercebera-se do propósito dos companheiros.

As paredes do segundo pavimento apenas tinham sido começadas. Três filas de blocos a toda a volta e um pouco mais altas aqui e ali. Esta era a parte mais rápida da tarefa — do nível dos joelhos até ao peito, sem necessidade de andaimes.

Todos os andaimes e cavaletes que por ali houvera tinham sido roubados pelos *zeks:* alguns foram levados para outras construções, os restantes utilizados como lenha, tudo isto para evitar que outra turma se apoderasse deles. E agora tudo tinha de voltar ao princípio. No dia seguinte fariam alguns cavaletes, pois, caso contrário, o trabalho teria de parar.

Lá de cima, podia observar-se uma ampla perspectiva: todo aquele extenso descampado coberto de neve — os *zeks* tinham-se abrigado para se aquecerem antes de terminada a folga do almoço —, as sombrias torres de vigia e os postes pontiagudos, unidos por arame farpado. Só pondo a mão em pala sobre os olhos se podia perceber o arame, pois o sol

Digitalizado com CamScanner

era muito forte e obrigava a contrair os olhos e a pestanejar.

Não muito longe, podia-se também distinguir a central ambulante a vapor, que produzia a energia. Lançava uma fumaça espessa, que obscurecia o céu. E a sereia, quando uivava, expelia um som áspero, cavo e sibilante. E neste momento, ei-la que começava a fazer-se ouvir. Apesar de tudo, eles não se tinham privado de muito tempo da sua hora de folga...

— Eh, Stakhanovit! Vamos, mexa com esse prumo! — gritou Kilgas, tentando obrigá-lo a caminhar com mais ligeireza.

— Repare no gelo que cobre a sua parte da parede. Veja se consegue quebrá-lo antes de cair a noite — disse Chukhov num tom de troça. — Se o não fizer, não terá necessidade da sua desempenadeira!

Era intenção deles começar com as paredes que lhes haviam sido designadas antes do almoço. Porém, Tiúrin bradou do pavimento inferior:

— Eh, rapazes! Trabalharemos aos pares, a fim de a argamassa não gelar nos tabuleiros. Ponha o Senka a seu lado, Chukhov, que eu trabalharei com o Kilgas. Enquanto isso, o Gopchik limpará por mim a parede do Kilgas.

Chukhov e Kilgas entreolharam-se. Muito bem. Assim, era mais rápido.

Pegaram nos machados. Agora, Chukhov já não descortinava aquela paisagem distante, onde o sol cintilava na neve. Já não observava os prisioneiros, que se afastavam dos abrigos onde se tinham defendido do frio e caminhavam pela construção, alguns para continuarem a picar, quase em vão, os buracos que não tinham concluído naquela manhã, outros

Digitalizado com CamScanner

para consertarem as juntas da rede, outros ainda para erguerem os suportes nas oficinas. Chukhov examinava apenas a sua parede — desde o lado direito, onde os blocos se elevavam em degraus até um pouco acima da cintura, até o lado esquerdo, onde ela se juntava à de Kilgas.

Indicou a Senka onde devia quebrar o gelo, e ele próprio exemplificou, batendo com o olho e a lâmina do seu machado, fazendo voar lascas de gelo em redor de si, algumas das quais até lhe roçaram pela cara. Trabalhava com rapidez e decisão, mas os seus pensamentos vagueavam longe dali. Em espírito, via a parede sob o gelo, a face exterior da central elétrica, com a espessura de dois blocos. Não conhecia o homem que trabalhara anteriormente na parede, naquele ponto, mas tratava-se, sem sombra de dúvida, de um pedreiro incompetente. Ou então tinha trabalhado sem o cuidado devido. A sua obra era bastante imperfeita. Agora, porém, Chukhov lançava-se à tarefa como se tivesse sido o primeiro a iniciar aquela parede, como se tudo aquilo fosse produto das suas mãos. Em determinado ponto, notou que um bloco estava mais baixo que os outros, o que tornava difícil nivelar a fileira que tinha de lhe passar por cima: precisava parti-lo, acrescentando-lhe depois um pouco de argamassa. Noutro ponto, a parede fizera uma barrigã, pelo que eram necessárias duas filas de blocos para ficar nivelada com o resto. Começou então a refletir na maneira de dividir a parede. Tinha de ver qual o ponto onde assentaria os blocos, a partir do lugar onde eles se elevavam em degraus, e o local onde Senka trabalhava, à sua direita, até o canto de Kilgas.

"Ali, naquele ângulo", imaginou, "Kilgas faria par-

Digitalizado com CamScanner

te da tarefa de Senka, de maneira que este teria o seu trabalho facilitado."

Enquanto eles se ocupassem, sem pressa, desse ângulo, Chukhov ganharia certa vantagem e ergueria metade da parede, de maneira que o seu parceiro não seria ultrapassado. Calculou quantos blocos seriam necessários para cada um daqueles setores e, no momento em que começavam a trazer os blocos, gritou para Aliocha:

— Eh, pousem-nos aqui. E aqui. Preciso deles.

Senka tinha acabado de quebrar o gelo. Então Chukhov pegou numa escova de arame e, com ela firme em ambas as mãos, pôs-se a varrê-lo, limpando completamente a fila superior, dando especial atenção às juntas, até que apenas ficou uma leve película.

Tiúrin trepou pela escada e, enquanto Senka se encontrava ainda ocupado com a escova, encostou o nível ao ângulo. Chukhov e Kilgas tinham posto o deles no topo das suas paredes.

— Eh — bradou Pavlo do pavimento inferior. — Há alguém vivo aí em cima? Já vamos com a massa.

Chukhov começou a transpirar: não tinha ainda estendido o fio do prumo sobre os blocos. Devia fazê-lo imediatamente. Decidiu então estendê-lo imediatamente em três filas, com rapidez, e fazer os cálculos necessários. Decidiu também tomar a seu cuidado uma parte da face exterior da parede de Senka e dar-lhe uma parte do lado de dentro: assim, as coisas tornar-se-iam mais fáceis para ele.

Esticando o fio ao longo do bordo superior, explicou a Senka, por palavras e gestos, onde ele tinha de começar o trabalho. Apesar da sua surdez, Senka compreendeu. Mordeu os lábios e voltou ligeiramente a cabeça para a parede do chefe da turma, como se quisesse dizer: "Mostrar-lhe-emos". E riu-se.

Digitalizado com CamScanner

Agora já vinham carregando a argamassa pela escada acima. Tiúrin decidiu que nenhuma seria descarregada ao lado dos pedreiros — ela gelaria simplesmente enquanto fosse mudada para os tabuleiros. Os homens teriam de deixá-la nas padiolas, tirando os pedreiros diretamente delas a argamassa ao mesmo tempo que prosseguiam com o assentamento dos blocos. Entretanto, para não perderem tempo, os que transportavam a argamassa deslocariam os blocos que outros prisioneiros iam passando do piso inferior. E quando as duas padiolas estivessem vazias, outros dois homens subiriam com a sua carga, descendo então os primeiros.

Os que estavam encarregados do transporte aqueceriam então a argamassa que tivesse gelado no fogão do local onde era feita — e aquecer-se-iam também.

As padiolas eram transportadas aos pares — uma para a parede de Kilgas e outra para a de Chukhov. A argamassa, com o frio, expelia fumaça, mas não continha sequer um átomo de calor. Quando a batiam na parede com a colher de pedreiro, tinham de se apressar para que ela não gelasse. Depois era preciso picá-la com o martelo, pois não se conseguia tirá-la esfregando apenas com a colher. Se se assentasse um bloco um pouco fora do seu lugar, ele gelaria imediatamente, e então tinha-se de empregar também o olho do machado para removê-lo e quebrar a argamassa solidificada.

Mas Chukhov não cometia erros. Apesar disso, os blocos diferiam ligeiramente uns dos outros. No entanto, se algum tinha as quinas lascadas, as orlas partidas ou mesmo saliências nas faces, ele notava imediatamente esse fato e via logo a melhor maneira de assentá-lo na parede.

Digitalizado com CamScanner

Ali estava um. Chukhov pôs um bocado de argamassa na colher e lançou-a no lugar apropriado, não sem prestar atenção à junta abaixo — isto tinha de ser feito justamente no meio do bloco que ia colocar. Depois lançou a argamassa suficiente que ficaria sob o bloco. Em seguida, ergueu-o da pilha — com cuidado, para não esburacar mais as luvas, coisa que se pode dar quando uma pessoa se descuida. Alisou a argamassa com a colher e depois assentou o bloco. Sem perder um momento, nivelou-o, batendo fortemente com o cabo da colher, pois não se encontrava bem ajustado, para que a parede ficasse bem alinhada e o bloco estivesse vertical e horizontalmente bem nivelado. Mas a argamassa já começava a gelar.

Agora, se qualquer porção de argamassa tivesse sobrado para o lado, teria de removê-la o mais rapidamente possível com a borda da colher e arremessá-la por sobre a parede. No verão serviria para o bloco seguinte, mas agora era impossível. Depois era preciso dar outra olhadela para a junta de baixo, pois havia alturas em que o bloco se esmigalhava parcialmente. Se tal acontecesse, lançava-se um pouco mais de argamassa no ponto onde se verificara o o defeito e não se assentava o bloco horizontalmente — fazia-se deslizá-lo de um lado para o outro, comprimindo a argamassa suplementar entre ele e o que se seguia. Lançava-se uma olhadela ao prumo, outra para a superfície. Agora já estava. Venha o seguinte.

O trabalho prosseguia em ritmo firme. Uma vez que as duas filas estivessem assentes e as falhas dos operários precedentes remediadas, tudo caminharia facilmente. Agora, todavia, tinha de manter os olhos bem abertos.

Trabalhava duramente, esforçando-se o mais que

Digitalizado com CamScanner

podia, ao longo da face anterior da parede, a fim de fazer a junção do seu trabalho com o de Senka. Este cada vez se aproximava mais de Chukhov. Começara juntamente com Tiúrin, num ângulo, mas o chefe da turma continuara para o lado contrário.

Chukhov fez um sinal aos *zeks* que transportavam as padiolas, indicando-lhes que trouxessem agora o dobro da argamassa. Trabalhava com tal rapidez que nem tinha tempo para se assoar.

Por fim, ele e Senka encontraram-se e começaram a tirar argamassa da mesma tábua. Não demorava muito tempo a raspar-lhe o fundo. Não havia argamassa que resistisse a tal velocidade.

— Argamassa! — bradou Chukhov por sobre a parede.

— Já vai! — gritou Pavlo.

Outra padiola chegou. E imediatamente a esvaziaram, pois ainda estava mole. Mas parte dela encontrava-se solidificada nos lados da tábua. Os outros *zeks* que a raspassem, se não queriam andar num vaivém contínuo escada abaixo, escada acima.

— Este já está. Vamos a outro!

Agora, Chukhov e os outros pedreiros não sentiam mais o frio. Graças a esta dura lida, a primeira vaga de calor invadira-os — sentiam até suor sob o capote, a jaqueta, a camisa, a camiseta. Mas não se detiveram nem por um só instante: continuavam esforçadamente no assentamento dos blocos.

Cerca de uma hora depois sentir-se-iam invadidos por uma nova vaga de calor, aquela que enxuga completamente o suor. Não sentiam frio nos pés, e isso era o principal. Nada mais importava. Mesmo o vento, fraco mas penetrante, não os fazia abrandar a velocidade com que se entregavam à sua tarefa. Apenas Senka batia com os pés no chão. Tinha uns pés

Digitalizado com CamScanner

enormes, o pobre pateta, e tinham-lhe dado um par de *valenki* muito apertadas.

Uma vez por outra, Tiúrin, gritava: "Ma...ssa", e Chukhov imitava-o, dirigindo-se aos seus próprios ajudantes.

Quando se trabalha duramente, cada um é uma espécie de chefe de turma dos que se encontram em redor. Chukhov não queria ficar aquém da outra dupla. Neste momento, faria suar nem que fosse o próprio irmão. O essencial era que a argamassa não faltasse.

A princípio, findo o almoço, Buinóvski transportava a argamassa com Fetiukov. Mas a escada era íngreme e escorregadia e o capitão começara a arrastar os pés, subindo com muita lentidão. Chukhov incitava-o, muito brandamente:

— Mais depressa, capitão. Precisamos de blocos, capitão.

Sempre que Buinóvski surgia no piso superior, notava-se que trabalhava com mais ligeireza. Fetiukov, por seu lado, cada vez com maior lentidão. Inclinava a padiola para que uma porção de argamassa caísse no chão. Assim, a carga tornava-se mais leve.

Chukhov aplicou-lhe uma palmada nas costas.

— Você é um preguiçoso, velhaco. Aposto que fazia os seus homens suar sangue quando era encarregado na fábrica onde trabalhou.

Buinóvski fez um apelo ao chefe da turma:

— Dê-me um homem com quem se possa trabalhar. Não posso continuar com este patife lerdo.

Tiúrin acedeu e mandou Fetiukov para a tarefa de arremessar os blocos para o andaime, para um ponto de onde pudesse vigiá-lo. Os blocos que arremessava passavam a ser contados em separado. Por ordem de Tiúrin, Aliocha começou a trabalhar com o ca-

Digitalizado com CamScanner

pitão. Aliocha era um jovem tranqüilo, que cumpria sem hesitações as ordens que lhe dessem. E nem reparava em quem as dava.

— A todo vapor para a frente, marujo — disse o capitão para incitá-lo. — Repare na rapidez com que eles assentam os blocos.

Aliocha sorriu humildemente.

— Se é necessário trabalhar com mais rapidez, não há como hesitar. Façamos como diz: "A todo o vapor".

E desceram a escada, a fim de trazer outra carga.

Um companheiro humilde e submisso como aquele é um verdadeiro tesouro numa turma.

Tiúrin lançou um grito a alguém que se encontrava no pavimento inferior. Segundo parecia, chegara um caminhão com uma nova carga de blocos. Durante seis meses não tinham enviado nem um sequer. Agora, dava a impressão de que choviam. Poder-se-ia trabalhar rapidamente desde que os caminhões trouxessem blocos. Mas este ritmo não continuaria por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, interromperiam as remessas, e então não se poderia prosseguir. Tinham então de ficar à toa, mesmo que não quisessem.

Lá mais em baixo, Tiúrin descompunha alguém. Tratava-se de qualquer coisa relacionada com a grua. Chukhov gostaria de saber o que se passava, mas não podia perder tempo apenas para averiguar. A sua parede já se encontrava nivelada.

Os *zeks* encarregados do transporte da argamassa subiram para informá-lo: um eletricista viera consertar o motor da grua e um superintendente, um civil, encontrava-se com ele. O eletricista estava às voltas com o motor, enquanto o superintendente observava.

Digitalizado com CamScanner

Tudo de acordo com os regulamentos: um homem trabalha, outro observa.

Era bom que consertassem agora a grua. Podia ser utilizada tanto para os blocos como para a argamassa.

Chukhov assentava a sua terceira fila de blocos — Kilgas estava já ocupado com a sua terceira —, quando um dos chefes, um daqueles "observadores" que estavam sempre olhando por cima dos ombros dos *zeks*, para ver como ia o trabalho, começou a subir a escada.

Este era o encarregado da construção, Der, um moscovita. Segundo tinham afirmado, ele já trabalhara num ministério, na capital.

Chukhov, que se encontrava perto de Kilgas, chamou a atenção do companheiro para esta personagem.

— Puf! — exclamou Kilgas desdenhosamente. — Não costumo tratar com esses figurões. No entanto, se ele cair da escada, chame-me.

E agora Der se deteria atrás dos pedreiros e começaria a observá-los enquanto trabalhavam. Chukhov detestava profundamente estes inúteis. Tentando dar-se ares de engenheiro, o suíno!

Um dia tivera a veleidade de querer ensinar a Chukhov como se assentavam blocos — o que lhe provocara um acesso de riso.

Antes de se intitular engenheiro, um homem devia construir uma casa com as suas próprias mãos.

Na aldeia de Chukhov, Temgenovo, não havia casas de blocos. Todas elas eram construídas de madeira. A própria escola também era de madeira, feita de troncos. Mas o campo necessitava de pedreiros, e Chukhov, desejoso de ser prestável, tornou-se

Digitalizado com CamScanner

pedreiro. Um homem que já sabia dois ofícios podia facilmente aprender mais dez.

Não, Der não caíra da escada, embora uma vez tivesse vacilado.

— Tiú...ú...úrin — gritou ele, com os olhos a saltarem das órbitas. — Tiú...ú...rin...

Pavlo trepou imediatamente pela escada. Trazia a pá com que trabalhava.

Der vestia um capote igual aos que todos usavam no campo, mas era novo e estava limpo. O gorro que trazia na cabeça era de couro, diferente dos que os outros usavam, flamante, embora, como os dos vulgares *zeks,* tivesse um número — B 731.

— De que se trata?

Tiúrin subiu e aproximou-se dele, com colher de pedreiro na mão, o gorro descaído sobre um dos lados da cabeça.

Algo de insólito estava para acontecer. Chukhov não queria perder a cena, mas a argamassa gelava nos tabuleiros. Tinha de continuar a trabalhar. Mas de ouvido à escuta.

— Que pensa que pode fazer? — explodiu Der. — Isto não é coisa que se resolva só com uma prisão. Isto é um ato criminoso, Tiúrin. Espere uma nova pena para acrescentar às duas que já tem de cumprir.

Somente nesse momento Chukhov compreendeu o que se passava. Olhou de soslaio para Kilgas. Este também já se dera conta do que, na realidade, estava sucedendo. O feltro de revestimento de telhado. Der vira-o nas janelas.

Quanto a si, Chukhov nada temia. O chefe da turma jamais o denunciaria. Mas sentia medo por Tiúrin. Para a turma, Tiúrin era um pai; para *eles,* era apenas um peão. Lá no norte, não hesitariam em

Digitalizado com CamScanner

aplicar aos chefes de turma uma segunda pena por uma coisa destas. Santo Deus, que careta fazia Tiúrin! Jogou no chão a colher que trazia na mão e deu um passo em direção de Der. Este circunvagou os olhos em redor. Pavlo ergueu a pá.

Não a trouxera por mero acaso.

E Senka, apesar da sua surdez, compreendeu também. De mãos nas ilhargas, aproximou-se. E era robusto como um boi.

Então Der começou a pestanejar. Achava-se perturbado e olhava à sua volta, em busca de uma brecha por onde escapar.

Tiúrin retesou-se e aproximou-se mais de Der, quase colando-se a ele. E disse mansamente, audivelmente, a fim de que todos ouvissem:

— Os tempos mudaram para canalhas como você. Já não pode aplicar sentenças a ninguém. Se disser mais uma palavra, sanguessuga, será este o seu último dia sobre a terra. Não se esqueça disto, hem?

De face pontiaguda como um machado, Pavlo fitava Der bem nos olhos. O seu olhar era cortante como uma lâmina.

— Calma agora, rapazes, calma. — Der, com a palidez invadindo-lhe o rosto, afastou-se da escada.

Sem mais uma palavra, Tiúrin endireitou o gorro, apanhou a colher e voltou ao seu trabalho.

Pavlo, muito lentamente, desceu a escada com a pá.

Len . . . ta . . . mente.

Der estava profundamente amedrontado, não sabendo se corria mais risco se ficasse onde se encontrava ou se descesse. Para se proteger, colocou-se atrás de Kilgas. Este continuou a assentar os blocos com a aplicação de um farmacêutico aviando uma

Digitalizado com CamScanner

receita — como um médico, avaliando tudo cuidadosamente —, de costas para Der, como se ignorasse completamente que ele se encontrava ali.

Der aproximou-se então na ponta dos pés do chefe da turma. Por onde andaria agora a sua arrogância?

— Mas que direi eu ao superintendente, Tiúrin?

Tiúrin continuou a trabalhar e retorquiu, sem voltar a cabeça:

— Diga-lhe que aquilo já estava lá quando chegamos. Que não temos nada que ver com o assunto.

Der deixou-se ficar mais um momento. Compreendia agora que não iam dar cabo dele. Meteu as mãos nos bolsos e caminhou durante um pequeno espaço.

— Eh, C 584 — murmurou ele. — Por que usa uma camada tão fina de argamassa?

Tinha de se vingar em alguém. Não encontrava qualquer defeito no trabalho de Chukhov. O assentamento dos blocos era perfeito. Mas... decidiu fazer aquele reparo: a camada de argamassa era muito fina.

— Permita-me que explique — gaguejou Chukhov, mas em ar de troça. — Se a argamassa fosse colocada em camadas mais espessas, com o frio que está, este muro, quando viesse a primavera, ficava transformado num crivo.

— Você é um pedreiro. Escute o que um encarregado tem para lhe dizer — retorquiu Der, franzindo as sobrancelhas e bufando da maneira que lhe era peculiar.

Bem, a verdade é que poderia ter posto aqui e ali um pouco mais de argamassa. No entanto, estaria bem que o fizesse se estivesse assentando blocos em condições razoáveis, e não no inverno. O homem devia ter coração. Era preciso mostrar que produzira.

Digitalizado com CamScanner

Mas de que serviria tentar explicar-lhe? Ele não desejava compreender.

Der desceu calmamente a escada.

— Providencie para que aquela grua seja consertada — bradou Tiúrin por detrás dele. — Que pensa que nós somos? Bestas de carga? Acha razoável que transportemos os blocos para o segundo pavimento a mão?

— Vocês ganham percentagens para isso — retorquiu Der, já na escada, mas com bastante brandura.

— A percentagem do carrinho de mão? É uma brincadeira de criança empurrar um carrinho de mão. Mas para transportarmos os blocos a mão lá para cima têm de nos dar melhores percentagens.

— Não pense que me oponho a isso. Mas os guarda-livros não consentirão percentagens mais elevadas.

— Os guarda-livros! Toda a turma tem suado sangue para que estes quatro pedreiros não parem um momento. Quanto supõe que ganharemos? — gritou Tiúrin, insistindo. E em seguida tornou a gritar para baixo: — Argamassa!

— Argamassa! — repetiu Chukhov.

Tinham concluído toda a terceira fila. Precisavam apressar-se com a quarta.

Der atravessou o descampado com ar feroz. Iria dar largas à sua cólera no escritório. Devia ter-se mostrado firme, intransigente. Mas era necessário pensar um bocado antes de se medir com um lobo como Tiúrin. Não devia criar atritos com os chefes de turma da envergadura daquele, se não queria ter preocupações.

As autoridades do campo não insistiam em que ele fizesse trabalho violento. Recebia rações mais ele-

Digitalizado com CamScanner

vadas, vivia só numa cabana. Que mais queria ele então? Dar-se ares de superioridade, mostrar que era mais esperto que os outros.

Os homens que transportavam a argamassa disseram que o eletricista e o superintendente tinham ido embora. O motor não pudera ser consertado.

"Muito bem. Temos de continuar a arremessá-los a mão aqui para cima."

Enquanto trabalhara com máquinas, sempre Chukhov verificara que elas se avariavam ou eram avariadas pelos *zeks*. Chegara a vê-los destruir uma transportadora de madeira que havia no campo. Tinham colocado uma trave sob a corrente e feito uma violenta pressão sobre ela. E isto apenas para conseguirem um momento de descanso: tinham estado empilhando tronco sobre tronco sem conseguirem dispor sequer de um momento para repousar as costas.

— Mais blocos, mais blocos, mais blocos! — bradou Tiúrin, furioso. E mandou a todos para o inferno, a todos sem exceção, os da argamassa e os dos blocos.

— O Pavlo pergunta se precisam de mais massa — gritou alguém do pavimento inferior.

— Arranjem mais um pouco.

— Temos já meia caixa misturada.

— Arranjem ainda mais.

Agora, o ritmo aumentava continuamente. Já estavam na quinta fila. Ao iniciar-se a primeira, tinham tido de se dobrar pelo meio do corpo, mas neste momento a parede já lhes dava pela altura dos ombros. Eram obrigados a manter uma cadência acelerada, pois não havia janelas nem portas. As duas paredes eram sólidas e pareciam consumir todos os blocos deste mundo.

Digitalizado com CamScanner

Chukhov devia ter estendido um fio até mais alto, mas não havia tempo para isso.

— A turma 82 já foi fazer entrega das ferramentas — veio informar Gopchik.

Tiúrin fitou-o com um olhar feroz.

— Trate da sua vida, velhaco. Traga mais blocos.

Chukhov correu os olhos à volta de si. Sim, anoitecia. O sol exibia já um tom rubro e tinha-se formado uma espécie de halo cinzento em redor dele. E isto precisamente quando a cadência do trabalho era cada vez mais rápida.

Tinham começado com a quinta fila e agora deviam acabá-la nesse dia. Pelo menos, deixá-la nivelada.

Os *zeks* que transportavam a argamassa resfolegavam como cavalos. Buinóvski, que não devia ainda contar quarenta anos, mas também não estaria muito longe disso, tinha a face cinzenta. O frio tornava-se mais penetrante — uma verdadeira faca de gume afiado.

Chukhov, apesar de ter as mãos ocupadas, sentia o frio picar-lhe os dedos através das luvas já bastante gastas. E introduzia-se também na sua bota esquerda. Para não o sentir tanto, começou a bater com o pé no chão, sem parar.

Agora já não precisava inclinar-se sobre a parede, mas ainda tinha de dobrar as costas fatigadas para alcançar os blocos e para tirar argamassa com a colher.

— Eh, rapazes, vamos a isto! — começou ele a incitar, causticante, os *zeks* que transportavam os blocos. — É melhor que vocês os coloquem por mim aqui em cima da parede. Vamos, apressem-se!

O capitão tê-lo-ia feito de boa vontade, mas não

Digitalizado com CamScanner

se sentia com forças, pois não estava habituado a trabalhar tão duramente. Porém, Aliocha volveu:

— Muito bem, Ivan Denissovitch. Mostre-me onde devo colocá-los.

Podia-se contar sempre com Aliocha. Fazia tudo o que lhe pediam. Se toda a gente que existia neste mundo fosse como ele, Chukhov imitá-lo-ia de bom grado. Se um homem pede auxílio, por que não o ajudar? Aqueles batistas, na verdade, tinham alguma coisa dentro deles.

O pedaço de trilho tiniu. Os sons repercutiram por todo o local da construção e chegaram à central elétrica. Sinal para largar o trabalho. Ainda sobrava bastante argamassa. Que diabo, logo no momento em que tinham material com abundância.

— Argamassa! Argamassa! — bradou Tiúrin.

Acabavam de misturar uma boa quantidade dela. Tinham de prosseguir no assentamento dos blocos, não havia outra alternativa. Se deixassem alguma na betoneira, no dia seguinte só poderiam jogá-la fora — estaria petrificada e não cederia sequer aos golpes de uma picareta.

— Vamos, irmãos. Toca a trabalhar sem parar — gritou Chukhov.

Kilgas estava tão furioso que até parecia lançar fumaça. Não lhe agradava esta canseira. Mas não tinha outro remédio senão continuar. Que outra coisa podia ele fazer?

Pavlo surgiu com um tabuleiro, a colher presa ao cinto, e começou também a assentar blocos. Havia agora cinco homens entregues àquele serviço.

"Agora é preciso cautela com o ponto de junção das duas filas." Chukhov imaginou qual o tamanho do bloco que era necessário e, lançando um martelo para as mãos de Aliocha, incitou-o:

Digitalizado com CamScanner

— Quebre um pedaço deste!

Sabe-se que o trabalho feito às pressas nunca sai perfeito. Agora, que todos se atropelavam, Chukhov descansou um momento e contemplou a parede. Em seguida empurrou Senka para a esquerda e entregou-se ele próprio ao assentamento dos blocos até o ângulo principal, à direita.

Seria um desastre se as paredes se sobrepusessem ou se o ângulo não estivesse ao mesmo nível. No dia seguinte, perderiam umas boas horas de trabalho.

— Pare!

Arrancou um bloco das mãos de Pavlo e colocou-o ele próprio. Nesse momento, reparou que, na outra extremidade, a parte de Senka se encontrava descaída. Aproximou-se rapidamente e nivelou-a com dois blocos.

Nesta altura o capitão trouxe mais um tabuleiro de argamassa, bastante pesado. Era carga suficiente para um cavalo.

— Mais argamassa — disse ele.

O capitão cambaleava. Já mal se agüentava nas pernas, mas continuou. Chukhov tivera outrora um cavalo tão robusto como ele. Tratara-o com todo o desvelo, mas tinham-no levado para matar e tirar a pele.

Agora, o sol mergulhava realmente no horizonte. Não havia necessidade de que Gopchik o comunicasse, pois viam perfeitamente os *zeks* das outras turmas entregar as ferramentas, dirigindo-se depois para os portões. Ninguém saíra imediatamente para o ar livre após o sinal de largar o trabalho. Só um louco que quisesse gelar o faria. Enquanto não saíam, haviam-se instalado em abrigos quentes. Porém, chegara o momento — por acordo entre os chefes das turmas — de todos saírem juntos. Sem esta decisão,

Digitalizado com CamScanner

os *zeks*, um bando de casmurros, ter-se-iam deixado ficar onde havia calor até a meia-noite.

O próprio Tiúrin compreendeu que havia exagerado. O homem que tinha a seu cargo o depósito da ferramenta devia estar-lhe rogando uma dezena de pragas.

— Eh! — gritou ele. Acabou-se! Vocês, os da argamassa, vão lá para baixo e esvaziem a betoneira. Depois ponham toda essa porcaria no buraco de costume e cubram-no com neve para que ninguém dê pela coisa. Você, Pavlo, leve mais dois homens, reúna as ferramentas e devolva-as. Mandarei o Gopchik atrás de você com as colheres. Vamos acabar estes dois tabuleiros, e largar!

Todos se precipitaram para cumprir as ordens do chefe. Arrancaram o martelo da mão de Chukhov e enrolaram o fio. Os da argamassa e os dos blocos desceram apressadamente a escada. Não tinham mais nada a fazer lá em cima. Três pedreiros ficaram: Kilgas, Senka e Chukhov. Tiúrin deu uns passos em redor para verificar o trabalho que tinham produzido. E ficou satisfeito.

— Não foi nada mau, hem? Em meio dia apenas. Sem contarmos com essa merda da grua.

Chukhov reparou que ainda havia um pouco de argamassa no tabuleiro de Kilgas. Não queria desperdiçá-la, mas tinha receio de que o chefe da turma ouvisse uma reprimenda se as colheres fossem entregues tarde.

— Escutem, rapazes — disse ele. Tivera uma idéia brilhante. — Passem as colheres ao Gopchik. A minha não consta da lista. Não há necessidade de entregá-la. Eu continuo com isto.

Com uma gargalhada, Tiúrin retorquiu:

— Mas como diabo nos vamos arranjar quando

Digitalizado com CamScanner

você cumprir a sua pena? Sentiremos bastante a sua falta. Você é imprescindível à nossa turma.

Chukhov riu também e prosseguiu a sua tarefa.

Kilgas pegou nas colheres e Senka continuou a passar os blocos a Chukhov, depois de terem lançado a argamassa no tabuleiro de Ivan Denissovitch.

Gopchik dirigiu-se correndo para o depósito das ferramentas, a fim de alcançar Pavlo. Os restantes componentes da turma 104, desejosos de largar o trabalho, encaminharam-se para os portões, mesmo sem esperar por Tiúrin. Um chefe de turma é uma autoridade, um poder, mas a escolta tem uma força ainda maior. Eles registram o nome dos que se apresentam tarde, e isso significa apenas uma coisa: xadrez.

Junto dos portões encontrava-se já uma grande multidão, pois todos se tinham reunido naquele local. Dava a impressão de que os guardas iam surgir de um momento para o outro para procederem à contagem.

Contavam duas vezes os prisioneiros à saída: a primeira, antes de correrem o ferrolho aos portões para abri-los, a fim de se certificarem de que não faltava ninguém; a segunda, depois de abertos os portões, quando os *zeks* os transpunham. Se por acaso duvidassem da contagem, ou contassem mal, faziam outra já do lado de fora dos portões.

— A argamassa que vá para o diabo — disse Tiúrin com um gesto de impaciência. — Joguem-na por cima da parede.

— Não espere, chefe. Desça. Têm necessidade de você lá embaixo.

Habitualmente, Chukhov tratava Tiúrin de maneira mais respeitosa. Chamava-lhe Andrei Prokófievitch. Agora, porém, depois de ter mourejado como um

Digitalizado com CamScanner

demônio, sentia-se igual ao chefe da turma. Ele não pusera as coisas desta maneira: "Escute, sou seu igual". Mas, todavia, sentira-o.

E enquanto Tiúrin descia a escada, ele bradou-lhe, gracejando:

— Por que é que estes canalhas não esticaram o dia? Estávamos justamente atingindo o nosso ritmo quando tocaram para largar.

Agora, Chukhov ficara sozinho com Senka. Não se podia ter grandes conversas com ele. Ademais, não era preciso dizer-lhe fosse o que fosse: ele era o mais esperto de todos os companheiros, compreendendo as coisas sem necessidade de palavras.

"Vamos com a argamassa! Colocar o bloco! Depois, fixá-lo e ver se está nivelado! Argamassa, bloco... argamassa, bloco..."

Não era já bastante que Tiúrin lhes tivesse dito que não se preocupassem com a argamassa? Joguem-na por cima da parede, e pronto! Mas Chukhov era diferente: oito anos no campo não haviam conseguido modificar-lhe a natureza. Preocupava-se com tudo o que podia utilizar, com a mínima migalha de trabalho que fosse capaz de produzir. Nada se devia desperdiçar sem que houvesse uma razão para isso.

Argamassa. Bloco. Argamassa. Bloco.

— Acabou-se — gritou Senka. — Vamos embora.

Ele pegou num tabuleiro e desceu a escada. Todavia, Chukhov achava que não tinha importância se os guardas lhe açulassem os cães — correu para o fundo do piso e contemplou a obra. Nada má. Em seguida, correu para a parede e passou os olhos sobre ela, da esquerda para a direita. A sua vista era tão perfeita como um nível. Achou a parede lisa e di-

Digitalizado com CamScanner

reita. As suas mãos ainda serviam para alguma coisa! Continuavam bem firmes. Por fim, precipitou-se para a escada e desceu-a rapidamente.

Senka encontrava-se já no meio da elevação.

— Vamos, vamos — gritou ele por cima do ombro.

— Corra, corra, que já o sigo — volveu Chukhov com um gesto.

Antes, porém, entrou na barraca onde se guardava a argamassa. Não podia jogar simplesmente a colher em qualquer lugar, pois, se o fizesse, talvez não a encontrasse no dia seguinte. Poderiam enviar a turma para o Centro de Comunidade Socialista. E, se isso acontecesse, não voltariam provavelmente à central elétrica nos próximos seis meses. Além do mais, não lhe agradava desfazer-se da colher. Já que a surripiara, queria conservá-la consigo.

Os dois fogões tinham sido apagados. Estava escuro e o local tinha um aspecto tenebroso. E se tinha um aspecto tenebroso não era devido à escuridão, mas apenas porque todos tinham partido, porque apenas ele faltava à contagem junto dos portões, porque, nesse caso, os guardas iam bater-lhe.

Contudo, os seus olhos fixavam-se aqui, erravam por ali, acabando por descortinar a um canto uma pedra. Deslocou-a para o lado e colocou a colher debaixo da pedra a fim de escondê-la.

Agora, toca a alcançar Senka. Este parara depois de correr alguns metros. Senka nunca abandonaria alguém que se encontrasse em dificuldade.

Correram lado a lado. Senka era bem mais alto que Chukhov.

Há preguiçosos que competem uns com os outros em corridas nos estádios. Porém, aqueles pobres diabos corriam penosamente, após um dia de trabalho

Digitalizado com CamScanner

duro, com as costas moídas, as luvas molhadas e as *valenki* já bastante gastas. E deve-se dizer que corriam ao frio.

Arquejavam profundamente. Tudo o que se ouvia naquele descampado era a sua respiração cava.

Tiúrin encontrava-se com os outros junto do portão. Ele daria as explicações necessárias.

Aproximavam-se agora dos outros, e isso amedrontava-os.

Centenas de gargantas soltaram imprecações dirigidas a eles: "Malandros! Canalhas!" Quem não se amedrontaria ao ouvir centenas de vozes ameaçadoras gritando em uníssono?

Mas que diriam os guardas? Era isto que contava principalmente.

Eis Tiúrin na última fila. Certamente não ia haver novidade. Ele já devia ter explicado, chamado a si as responsabilidades.

Mas toda aquela malta vociferava, soltava imprecações. E que imprecações! Elas nem mesmo escapavam ao próprio Senka, que era surdo como uma porta. Respirou profundamente e devolveu o melhor que pôde as pragas que lhe rogavam. Durante toda a sua vida fora um homem tranqüilo. Mas, agora, como vociferava! Ergueu também os punhos, decidido a espancar um dos *zeks*. Porém, estes calaram-se. Alguns até riram.

— Eh, turma 104! — gritaram. — O seu surdo é um impostor. Agora já percebemos que ele ouve.

Todos riram, inclusive os guardas.

— Formar a cinco.

Ainda não tinham aberto os portões. Não havia certeza de tudo se encontrar em ordem. Afastaram a malta dos portões — todos procuravam colar-se

Digitalizado com CamScanner

aos portões, os patetas, como se pudessem sair mais depressa dessa maneira!

— Formar a cinco. Primeira... Segunda... Terceira...

Cada fila de cinco, conforme era chamada, dava alguns passos em frente.

Chukhov, enquanto recobrava a respiração, volvia os olhos para o céu. A lua ia alta no espaço, soturna, com a sua face tingida de vermelho. No dia anterior àquela mesma hora, já ela se erguia muito mais alto no firmamento.

Satisfeito por tudo ter decorrido sem maiores atritos, Chukhov deu uma leve palmada nas costas do capitão e perguntou:

— Escute, capitão. Segundo a sua ciência, para onde gira a lua quando não a vemos no céu?

— Para onde gira? Que quer dizer com isso? Que ignorância! Sucede apenas que ela não é visível!

Chukhov sacudiu a cabeça e riu.

— Bem, se não é visível, como sabe então que ela se encontra ali?

— Ora, de acordo com as suas teorias — volveu o capitão sem querer acreditar no que ouvia —, cada mês há uma outra lua.

— Que vê de estranho nisso? Se nascem pessoas todos os dias, porque não havemos de ter uma lua de quatro em quatro semanas?

— Puf! — exclamou o capitão, cuspindo para o chão. — Jamais encontrei em toda a minha vida um marujo tão palerma. Ora, diga-me, para onde crê que se dirige a lua velha?

Chukhov exibiu os dentes num sorriso.

— Bem, responda-me. Para onde gira?

Chukhov suspirou e disse com um leve gaguejar:

Digitalizado com CamScanner

— Na nossa aldeia, o povo afirma que Deus transforma a lua velha em estrelas.

O capitão riu.

— Que selvagens! Nunca ouvi uma coisa assim. Então acredita em Deus, Chukhov?

— Por que não? — perguntou Ivan Denissovitch, surpreendido. — Ouça-o trovejar, e diga-me se não se acredita nele.

— Mas por que Deus faz isso?

— Faz o quê?

— Reduz a lua a fragmentos e transforma-os em estrelas.

— Bem, não consegue compreender? — retorquiu Chukhov. — As estrelas, uma vez por outra, caem do firmamento. As lacunas por elas deixadas têm de ser preenchidas.

— Volte-se, malandro — rugiu um guarda. — Fique em fila.

A contagem atingia a sua altura. As doze primeiras filas de cinco da quinta centena tinham seguido em frente, deixando apenas Buinóvski e Chukhov na retaguarda.

Os guardas da escolta estavam inquietos e verificavam cuidadosamente a lista. Faltava alguém. Mais uma vez. Por que diabo não aprendiam a contar?

Contaram 462. Deviam ser 463.

E tornaram a afastar os que se tinham grudado aos portões, pois os *zeks* tinham-se chegado a eles novamente.

— Formar a cinco. Primeira... Segunda...

O que mais irritava nestas contagens e recontagens era que o tempo que se perdia pertencia aos *zeks*, e não às autoridades. Tinham ainda de atravessar a estepe e formar em fila simples para serem revistados.

Digitalizado com CamScanner

De todos os lados surgiam colunas, tentando ser as primeiras a passar no exame feito pelos guardas e a entrar no campo. Os primeiros que entrassem no campo eram uns felizardos: chegariam antes de todos ao refeitório, receberiam logo as suas encomendas — se tivessem alguma —, obteriam precedência na distribuição de cartas de casa, entregariam sem considerável perda de tempo sua correspondência na censura, tinham o caminho desimpedido no caso de quererem dirigir-se ao posto médico, ao barbeiro ou ao balneário. Em suma: eram os primeiros em tudo.

E a escolta, essa também tinha pressa em deixar o serviço de noite. Ademais, a vida de um soldado não é também muito agradável. Muito trabalho, pouco tempo disponível.

E agora a contagem estava, mais uma vez, errada.

Quando mandaram marchar em frente os primeiros cinco, Chukhov começou a alimentar a esperança de que restariam três na fila da retaguarda. Mas não. Com os demônios! Mais uma vez estavam só dois!

Os guardas que procediam à contagem dirigiram-se aos seus chefes com a lista e conferenciaram com eles.

Por fim, um dos chefes gritou:

— Chefe da turma 104.

Tiúrin deu meio passo em frente.

— Pronto.

— Deixou alguém na central elétrica?

— Não.

— Reflita, senão dou-lhe cabo dos miolos...

— Não. Tenho a certeza.

Porém, olhou de soslaio para Pavlo. Teria alguém ficado dormindo na barraca da argamassa?

Digitalizado com CamScanner

— Formar em turmas — bradou o chefe dos guardas.

Estavam em filas de cinco, todos misturados, não reunidos por turmas. Todos começaram então a mexer-se, gritando uns para os outros.

— Para cá a 75.

— Aqui a 13.

— Aqui a 32.

Os da 104, já que se encontravam na retaguarda, formaram ali. Todos se encontravam de mãos vazias, segundo notou Chukhov. Haviam estado tão ocupados, tinham trabalhado até tão tarde, que não puderam arranjar lenha para o fogão. Apenas dois traziam pequenos feixes.

Era assim todas as noites: antes do sinal de largar, os homens apanhavam aqui e ali cavacos, sarrafos e ripas partidas, reuniam tudo em molhos atados por fios ou tiras de pano rasgado e transportavam este "tesouro" para o campo.

O primeiro *raid* sobre estes molhos efetuava-se junto da casa da guarda do local da construção. Se o superintendente ou um dos capatazes estivesse por ali, ordenaria aos prisioneiros que jogassem a lenha ao chão — milhões de rublos tinham sido transformados em fumaça, e eles pensavam que compensariam as perdas com cavacos para o fogo. Mas cada *zek* fazia cálculos à sua maneira.

Se cada um levasse mesmo umas pequenas aparas consigo, as barracas seriam mais quentes. Aos faxineiros eram entregues cinco quilos de pó de carvão e uma migalha de calor podia ser obtida com ele. Assim, os homens costumavam partir os cavacos ou ripas, reduzindo-os de forma a poderem ser dissimulados sob os capotes.

A escolta jamais obrigara os *zeks* a jogarem no

Digitalizado com CamScanner

chão as suas aparas junto aos portões do local do trabalho. Por um lado, seria uma ofensa ao uniforme, e, por outro, tinham as mãos pousadas sobre as pistolas-metralhadoras, prontos a dispará-las. Mas um pouco antes de entrarem na zona ordenavam às várias filas que arremessassem por terra o que levavam. A escolta, todavia, roubava misericordiosamente: deixava alguma coisa para os guardas, e para os próprios *zeks* também, pois, de outro modo, não trariam nada com eles.

Assim, os prisioneiros levavam todas as noites lenha para o fogão. Nunca sabiam, porém, quando a passavam ou quando lhe deitavam a unha.

Enquanto Chukhov começava a bater as imediações em busca de alguns cavacos, Tiúrin acabava de contar os seus homens.

— Os componentes da turma 104 estão todos presentes — comunicou ele ao chefe dos guardas.

Precisamente nesse instante, Tsezar reunia-se à sua turma, vindo do escritório. No fornilho do seu cachimbo havia um fogacho rubro todas as vezes que ele puxava uma tragada, e no bigode via-se-lhe uma leve camada de neve.

— Bem, capitão, como vão as coisas? — perguntou.

Um homem que se sinta quente não pode compreender outro que sente frio. "Como vão as coisas?" Mas que pergunta tão tola!

— Boa pergunta, não haja dúvida — volveu o capitão, com os ombros derreados. — Trabalhei tão duramente que nem consigo endireitar as costas.

"Devia dar-me qualquer coisa para fumar", eis o que significava a sua resposta. Buinóvski era o único homem da turma com quem Tsezar condescendia em falar mais livremente. Podia aliviar-se das suas pe-

Digitalizado com CamScanner

nas com ele, confiar-lhe as suas tristezas. E com mais ninguém.

— Falta um homem da turma 32. Da turma 32 — começou-se a murmurar.

O ajudante do chefe da turma 32 partiu celeremente com outro companheiro a fim de irem fazer uma busca na oficina de consertos.

E entre a multidão continuava-se a perguntar:

"Quem? Como? Onde?"

Passados momentos, Chukhov ouviu que se tratava do pequeno e trigueiro moldávio.

"O moldávio? Não é aquele que, segundo se diz, foi espião dos romenos, um espião de verdade?"

Podiam encontrar-se até cinco espiões em cada turma. Todavia, eram todos "falsificados", espiões-feitos-na-prisão. Passavam por espiões nas fichas da polícia, mas eram apenas simples prisioneiros de guerra. Chukhov também era um destes "espiões".

Contudo, o moldávio era um espião de verdade, *real.*

O chefe da escolta percorria a lista com os olhos e as sombras do seu rosto adensavam-se. Sim, se o espião conseguisse fugir, que sucederia ao chefe da escolta?

Todos os *zeks,* naquela multidão, estavam lívidos de cólera. Quem pensava que era, aquele porco, aquele canalha, áquele safado?

O céu já estava completamente escuro. A única centelha que iluminava o descampado provinha da lua. Podiam-se ver as estrelas — o que significava que a neve se acumulava para cair de noite —, e aquele filho de uma cadela sem dono não se dignava aparecer.

O quê? Você já não tem uma carga enorme de trabalho pesando no lombo, canalha miserável? Não

Digitalizado com CamScanner

lhe basta o período oficial de onze horas de dura lida, da alvorada ao anoitecer? Ainda querendo mais? Então continue esperando, que o acusador lhe acrescentará mais qualquer coisa.

Era estranho que houvesse quem, depois de uma labuta tão árdua, ignorasse o sinal de largar o trabalho.

Chukhov esquecera-se por completo de que ainda há bem menos de uma hora estava labutando como um mouro e que se irritara pelo fato de os outros se reunirem tão cedo junto dos portões. Agora sentia-se gelado até à medula e a sua cólera crescia como a dos outros. Teriam de ficar ali parados mais meia hora à espera desse canalha da Moldávia? Se os guardas entregassem o moldávio à ira dos *zeks,* fá-lo-iam em pedaços, como os lobos a um cordeiro.

Que diabo! O frio era cada vez mais penetrante. Nenhum dos prisioneiros se conservava quieto. Ou batiam com os pés no chão, onde davam dois ou três passos, para a frente e para trás, no ponto onde se encontravam, ou batiam com as mãos uma na outra, tentando assim aquecer-se um pouco.

Discutia-se como o moldávio teria fugido. Bem, se tivesse escapado durante o dia, ainda vá. Mas se se escondera algures e aguardava que as sentinelas descessem das torres de vigia, estava perdido. Se não houvesse sob o arame farpado marcas que indicassem por onde ele escapara, os sujeitos lá de cima, das torres de vigia, não abandonariam o seu posto enquanto não dessem com ele. Durante três dias, pelo menos, ou mesmo uma semana, se fosse necessário. Era do regulamento, e todos os veteranos o sabiam.

Em resumo: se alguém se evadia, o diabo saltava sobre os guardas, e eles eram mantidos em permanente vigilância, sem um minuto de repouso e sem

Digitalizado com CamScanner

alimento. Por vezes ficavam tão loucos de raiva que o fugitivo não voltava vivo. Tsezar discutia com o capitão.

— Por exemplo, quando ele pendurava o *pince-nez* no cordame do navio. Recorda-se?

— Oh, sim — retorquiu o capitão enquanto soltava uma baforada.

— Ou colocava o pluviômetro nos degraus.

— Sim... as cenas a bordo são um tanto artificiais.

— Bem vê, temos sido prejudicados pelas modernas técnicas utilizadas pelos operadores.

— E as larvas, na carne, arrastam-se como minhocas. Decerto não eram daquele tamanho.

— Que pode você esperar do cinema? Não se pode mostrá-las menores.

— Bem, se trouxessem daquela carne para o nosso campo, em vez do peixe com que nos alimentam, e a lançassem imediatamente no caldeirão, nós também...

Os prisioneiros começaram a berrar furiosamente e viram irromper da oficina de reparações três pequenas figuras. Afinal, tinham encontrado o moldávio.

— Buum! — ululou a multidão junto dos portões.

E continuaram a vociferar enquanto o grupo se aproximava.

— Canalha! Cão! Filho de uma cadela à-toa! Porco!

E Chukhov acrescentou a sua voz ao pandemônio geral:

— Porco!

Não pode admitir-se que se roube cerca de meia hora a mais de quinhentos homens.

De cabeça baixa, o moldávio correu como um rato.

Digitalizado com CamScanner

— Alto! — bradou um guarda. E, depois de escrever o número — K 460 — no seu caderno, perguntou: — Onde esteve?

O guarda aproximou-se do homem com o cano da sua arma voltado para ele.

De entre a multidão ainda se vociferava:

— Canalha! Cão! Suíno!

Mas muitos *zeks*, vendo o guarda pronto a disparar a arma, contiveram a língua.

O moldávio mal podia ter-se de pé. Recuou um pouco.

O ajudante do chefe da turma 32 avançou.

— Este canalha subiu a um andaime dos estucadores, tentando esconder-se de mim. Aqueceu-se e começou a dormir.

E deu uns socos na cara e no pescoço do homem. Tudo para livrá-lo da sanha do guarda.

O moldávio cambaleou para trás. Entretanto, um companheiro de turma, um húngaro, saltou sobre ele e aplicou-lhe um pontapé no traseiro.

Ali não se espiava. Qualquer louco podia ser um espião. Este tem uma vida própria e excitante. Mas tente-se passar dez anos num campo de trabalhos forçados! O chefe da escolta gritou:

— Afastem-se dos portões! Formem à cinco!

"Outra contagem. Mas que cães! Por que vão contar-nos de novo, se sabem que já não falta ninguém?"

Os prisioneiros começaram a lançar apupos. A sua cólera já não visava o moldávio, incidia agora sobre a escolta. E não se mexeram.

— Quê... ê... ê...? — gritou o chefe da escolta. — Querem sentar-se na neve? Muito bem. Obrigá-los-ei a fazê-lo sem demora. E ficarão aqui até ao amanhecer.

E era bem capaz de fazê-lo. Já por mais de uma

Digitalizado com CamScanner

vez obrigara-os a sentar-se na neve. Os *zeks* conheciam-no bem. E afastaram-se dos portões.

— Para trás, para trás! — gritaram os guardas.

— Mas que ganham vocês aproximando-se dos portões, seus idiotas? — gritaram os guardas que se encontravam na retaguarda para os que se achavam à frente ao verem-se empurrados para trás.

— Formar a cinco. Primeira... Segunda... Terceira...

Agora a lua brilhava intensamente. Derramava a sua luz sobre o descampado, uma luz clara. A tinta vermelha extinguira-se.

Os *zeks* tinham perdido um bom bocado da noite. Aquele maldito moldávio! Aqueles malditos guardas! Que vida desgraçada a de um prisioneiro!

Enquanto os homens da frente eram contados, eles voltavam-se e, nas pontas dos pés, procuravam ver se havia dois ou três homens na última fila. Agora isso era para eles um caso de vida ou morte.

Chukhov tinha a impressão de haver quatro lá atrás. O medo paralisava-o. Um a mais. Nova contagem. Mas por fim averiguou que Fetiukov, após pedinchar um toco ao capitão, errara, a tremelicar, pelas imediações da coluna, e não pudera entrar a tempo na sua fila. Agora surgia na última, como se fosse um extra.

Um guarda, encolerizado, bateu na nuca de Fetiukov. Era para ensiná-lo.

Desta maneira, puderam então contar três na última fila. Graças a Deus, o número agora estava certo.

— Afastem-se dos portões — bradou um guarda com voz forte.

Mas desta vez os *zeks* não resmungaram: tinham notado que alguns soldados saíam da casa da guarda

Digitalizado com CamScanner

e estabeleciam um cordão em redor da área, do outro lado dos portões.

Pelo visto, desta vez iam sair.

Como nenhum dos capatazes estava à vista, nem mesmo o superintendente, os prisioneiros não seriam esbulhados da sua lenha.

Os portões foram abertos de par em par. E agora o chefe da escolta, acompanhado por um verificador, aproximou-se e deteve-se no outro lado, junto de algumas estacas de madeira.

— Primeira... Segunda... Terceira...

Se os números estivessem certos, as sentinelas retirar-se-iam das torres de vigia.

Mas que distância ainda tinham de percorrer ao longo da orla do local da construção para chegarem às torres, na outra extremidade! Só quando o último prisioneiro abandonava o local e os números eram considerados certos se telefonava para todas as torres para que as sentinelas deixassem o seu posto. Se estivesse bem disposto, o chefe da escolta mandaria imediatamente avançar a coluna, pois sabia que os *zeks* não tinham para onde se escapar e as sentinelas alcançariam com facilidade a coluna. Mas alguns guardas eram tão estúpidos que receavam não ter homens em número suficiente para conduzir os *zeks*. Assim, esperavam.

E nesta noite estava ali um dos mais estúpidos.

Um dia inteiro sob um frio cortante! Os *zeks* estavam enregelados até à medula. E agora ainda tinham de caminhar mais uma hora pelo descampado, depois de terem concluído o trabalho!

Contudo, não era o frio e o fato de terem perdido um bom pedaço da noite que os enfurecia: o caso era que já não dispunham de tempo para se entregarem aos seus afazeres particulares no campo.

Digitalizado com CamScanner

— Por que motivo você conhece tão bem a vida na Armada Britânica?

Eis a pergunta que Chukhov ouviu alguém fazer na fila seguinte.

— Veja bem. Passei quase um mês a bordo de um cruzador inglês. Até tinha o meu próprio camarote. Fui destacado para um comboio como oficial de ligação. E imagine: depois de terminada a guerra, o almirante — só o demônio podia ter posto tal idéia na sua cabeça — enviou-me um presente, uma lembrança, como "testemunho de gratidão". Que coisa dos diabos! Fiquei completamehte assombrado. E agora eis-nos aqui, com todo mundo. Não é muito engraçado estar prisioneiro aqui com os homens de Bendera...

Estranho! Sim, na verdade, era uma perspectiva estranha: a estepe nua, o local da construção deserto, a neve cintilando ao luar. E os guardas da escolta. Tinham tomado o seu posto, dez passos afastados uns dos outros, as armas prontas a disparar.

E o rebanho negro dos prisioneiros, e, entre eles, num capote escuro, como os dos restantes, um homem, o S 311, que nunca imaginara a vida sem belas dragonas douradas, que tinha confraternizado com um almirante da Armada Britânica, e que suava agora sangue com Fetiukov, carregando tabuleiros de argamassa.

O que só demonstra que se pode levar um homem a ser tudo aquilo que dele se pretender.

A escolta estava pronta a avançar. Desta vez sem qualquer sermão, o chefe dos guardas uivou:

— Marcha acelerada! Vamos, mexam-se!

Para o diabo com essa cantiga "Vamos, mexam-se!" Todas as outras colunas seguiam adiante deles. Que se lucrava em avançar a passo rápido?

Digitalizado com CamScanner

Os *zeks* não necessitavam conferenciar uns com os outros para compreenderem a situação, para resolverem qual a melhor decisão a tomar: "Vocês nos retiveram aqui o tempo que quiseram; agora é a sua vez de agüentar!"

Os guardas da escolta, apesar de tudo, também suspiravam por um buraco quente onde se abrigassem.

— Marchar mais rápido — gritou o chefe dos guardas. — Marchar mais rápido, vocês da frente!

"Que vá para o diabo que o carregue! Ora, marchar mais rápido!..."

Os *zeks* avançavam com passo medido, lento, com os olhos pregados no chão, como se acompanhassem um funeral. Agora nada tinham a perder. Chegariam ao campo quando chegassem. Não os tinham tratado como seres humanos. Pois que rebentassem agora de gritar.

— Marchar mais rápido — tornou a gritar o chefe dos guardas.

Porém, logo compreendeu que os seus gritos entravam em ouvidos de mercador. E não podia ordenar aos seus homens que disparassem. Os prisioneiros marchavam em filas de cinco, bem certas. Não dispunha de poder algum para fazê-los acelerar o passo, marchar mais rápido. Quando marchavam para se dirigirem ao trabalho, de manhã, os *zeks* avançavam lentamente, para poupar as forças. Um homem que se esfalfe não viverá o tempo suficiente para ver o fim do seu cativeiro. Até lá, acabará por rebentar.

Assim, caminhavam com uma passada regular, deliberada, com a neve estalando sob as botas. Alguns conversavam em voz baixa, outros seguiam em silêncio.

Chukhov perguntava a si próprio se deixara alguma

Digitalizado com CamScanner

coisa por concluir no campo, aquela manhã. Ah, o posto médico. Era curioso, mas esquecera-se por completo do posto médico enquanto trabalhava.

Devia estar perto da hora da consulta. Talvez tivesse tempo de ir lá se passasse sem a sopa. Mas agora, no entanto, as costas não lhe doíam. E a temperatura não devia ser muito elevada, com certeza. Seria então um desperdício de tempo. Havia de se arranjar sem a consulta do médico. A única cura que eles conhecem é pôr uma pessoa na sepultura.

E não era o posto médico que dominava os seus pensamentos neste momento, mas a perspectiva de acrescentar alguma coisa à sua sopa. As suas esperanças depositavam-se há muito tempo naquela esperada remessa de Tsezar.

Mas, de súbito, operou-se uma transformação na coluna. As filas começaram a desunir-se e todos marchavam fora do passo regular. Os prisioneiros lançavam-se para a frente e zumbiam excitados como um enxame de abelhas. Agora os cinco da cauda, incluindo Chukhov, não marchavam nos calcanhares dos cinco que seguiam na sua frente. Tinham mesmo de correr para alcançá-los. Mais alguns metros percorridos, e novamente a mesma coisa: era preciso apressar o passo.

Quando a retaguarda da coluna se dispersou numa elevação, Chukhov viu, à direita, bastante longe, no outro lado da estepe, uma nova coluna escura, em marcha, avançando diagonalmente, cruzando-se no seu caminho. Esses também pareciam forçar o passo.

Devia vir das oficinas das máquinas e ferramentas, aquela coluna. Contava cerca de trezentos homens.

Mais *zeks* sem sorte! Possivelmente, também tinham sido retardados.

Digitalizado com CamScanner

"Mas por quê?", perguntou a si próprio Chukhov.

Talvez tivessem sido obrigados a proceder ao acabamento de alguma máquina ou coisa do gênero. Podiam obrigá-los a fazer horas extraordinárias por um motivo destes. Mas que lhes importava? Trabalhavam todo o dia no lugar mais defendido do frio. Que felizardos!

Quem entraria em primeiro lugar no campo?

Agora, os *zeks* corriam, corriam. A própria escolta seguiu a meio trote. Apenas o chefe dos guardas se lembrou de gritar:

— Não se dispersem. Mantenham-se em forma, vocês, os da retaguarda. Vamos.

Até se esqueceram de conversar. Esqueceram-se de pensar. Todos os prisioneiros se encontravam obcecados por uma só idéia: chegar em primeiro lugar ao campo.

As coisas tinham-se confundido de tal maneira — o doce e o amargo, o amargo e o doce — que os *zeks* viam agora os guardas da escolta como amigos, e não como inimigos. Neste momento, os inimigos eram os da outra coluna.

O ânimo robustecera-se, a cólera extinguira-se.

— Vamos, para a frente, para a frente! — bradavam os da retaguarda para os da dianteira.

Agora a coluna de Chukhov chegara à aléia, enquanto a outra se perdera de vista atrás dos blocos de edificações. A competição fora furiosa.

Havia ainda outra razão pela qual podia diferenciar-se a coluna das oficinas das máquinas e ferramentas: eles eram revistados com mais lentidão à entrada.

A partir do momento em que os *zeks* tinham começado a cortar a garganta uns aos outros no campo, as autoridades haviam chegado à seguinte con-

Digitalizado com CamScanner

clusão: as navalhas que utilizavam eram feitas nas oficinas e passadas sub-repticiamente.

Assim, os prisioneiros que trabalhavam ali eram submetidos a uma revista especial ao voltarem ao campo.

Nos fins do outono, quando o solo já estava frio, os guardas gritavam-lhes:

— Vamos, descalcem as botas, vocês, da turma das oficinas! Mantenham as botas nas mãos!

E, ao passarem-lhes revista, os infelizes não tinham outro remédio senão agüentarem-se descalços no chão.

Por vezes, procediam de outro modo. Escolhiam este ou aquele homem ao acaso e gritavam-lhes:

— Eh, vocês aí, descalcem a bota do pé direito. E vocês a do pé esquerdo.

Os *zeks* designados tinham então de tirar a bota, e, apoiados num pé só, tinham de voltá-la deixando cair os trapos que tinham dentro dela.

"Nem sombra de navalha, malandro!"

Chukhov ouvira — e não sabia se era verdade ou mentira — que no último verão os *zeks* das oficinas tinham trazido consigo para o campo dois postes para neles colocarem uma rede de voleibol. As navalhas encontravam-se dentro deles. Dez compridas navalhas em cada poste. E agora as navalhas surgiam em vários lugares.

Os *zeks* passaram num meio trote pelo novo clube, pelo bloco residencial e pela serraria e oficina de artigos de madeira, e dobraram a curva que conduzia aos portões do campo.

— Oooooo — gritou toda a coluna em uníssono.

Eis a curva que tão ardentemente tinham desejado atingir antes dos outros. Os seus rivais encontravam-se cento e cinqüenta passos atrás, à direita.

Digitalizado com CamScanner

Agora, finalmente, podiam respirar. Todos estavam encantados. Tão encantados como uma lebre aos saltos num campo, em plena liberdade.

Eis o campo, tal como o tinham deixado naquela madrugada — fazia escuro então. E escuro estava agora. Luzes cintilavam em redor das barreiras. As que se encontravam colocadas defronte da casa da guarda eram mais fortes. Toda a área se encontrava sob um banho de luz tão intensa como a luz do dia. Teria de ser assim, para se proceder à revista.

Mas ainda não haviam chegado aos portões.

— Alto! — bradou um dos guardas, que, depois de entregar a pistola-metralhadora a um soldado, percorreu toda a extensão ocupada pela coluna, avançando bem rente aos prisioneiros; era proibido fazerem aquilo com as armas.

— Todos os da direita que trazem lenha, joguem-na no chão.

Os guardas sabiam muito bem que o último *zek* de cada fila trazia sempre lenha consigo: não a escondia. Um feixe tombou, outro, um terceiro. Alguns teriam gostado de esconder umas aparas, passando-as a um camarada que seguisse no meio da fila, mas os companheiros objetavam:

— Jogue-as no chão, como lhe ordenaram. Quer que os outros percam a que trazem por sua causa?

Qual era o principal inimigo do *zek?* O companheiro de cativeiro. Se ao menos não fossem tão casmurros uns com os outros! Oh, como tudo seria diferente!

— Marcha acelerada! — bradou o chefe dos guardas.

Então todos avançaram para os portões. Para este local convergiam cinco ruas. Uma hora antes, todas as outras turmas se tinham encontrado aqui. Se estas ruas fossem pavimentadas, poder-se-ia abrir naquele

Digitalizado com CamScanner

local, junto da casa da guarda, a praça principal de uma futura cidade. E então as pessoas que fossem viver nela podiam passear ali nos dias de festa, da mesma maneira como os *zeks* para lá seguiam, em massa, vindos de todas as direções, rodeados de guardas e de sentinelas.

Os guardas, que já se aqueciam nas barracas, saíram e formaram um cordão a toda a largura da rua.

— Desabotoem os capotes. Desabotoem as jaquetas.

E, desviando das ilhargas os braços dos *zeks*, começaram a proceder à revista, da mesma maneira como o haviam feito de manhã, mais ou menos.

Agora já não era muito terrível desabotoar o capote, pois encontravam-se já quase em "casa".

Era o que todos costumavam dizer: "casa".

Enquanto os prisioneiros que se encontravam na frente da coluna eram revistados, Chukhov dirigiu-se a Tsezar:

— Tsezar Márkovitch. Eu vou seguir imediatamente para o armazém das encomendas e guardarei um lugar para você na fila.

Tsezar voltou-se. As guias do seu bigode negro tinham, suspensos, pequenos fragmentos de neve.

— Mas para quê, Ivan Denissovitch? Talvez não haja nada para mim.

— Bem. Mesmo que seja esse o caso, que importa? Não esperarei mais de vinte minutos. Se você não aparecer, irei então para a barraca.

Chukhov tinha isto em mente: se Tsezar não aparecesse, apareceria, talvez, outro qualquer. Então venderia o seu lugar na fila.

Obviamente, Tsezar suspirava por uma encomenda.

— Muito bem, Ivan Denissovitch. Corra e guarde

Digitalizado com CamScanner

um lugar para mim na fila. Espere dez minutos, não mais.

Daí a pouco seria a sua vez de ser revistado. Hoje, nada tinha para ocultar. Daria um passo em frente sem receio. Lentamente, desabotoaria o capote e desapertaria o cinto de lona que trazia em volta da jaqueta acolchoada. Embora soubesse perfeitamente que não tinha coisa alguma escondida, oito anos de vida no campo haviam-no transformado num homem cauteloso. Assim, meteu uma das mãos no bolso do joelho, a fim de se certificar de que estava vazio. Porém, encontrava-se ali o pedaço de metal que apanhara no local da construção.

Não tivera intenção de trazê-lo. Mas, agora, que pena ter de lançá-lo fora! Podia muito bem fazer dele uma faca, bastante útil para remendar as botas ou a roupa!

Agora tinha de pensar rapidamente. Os guardas estavam apenas duas filas adiante e a primeira destas filas avançava, a fim de ser revistada.

Era necessário tomar imediatamente uma decisão. Devia, oculto pelas costas dos que se encontravam à sua frente, arremessar aquele pequeno pedaço de metal para a neve — notá-lo-iam mas não descobririam quem se desfizera dele —, ou guardá-lo consigo?

Ele podia custar-lhe dez dias de xadrez, se o considerassem como instrumento cortante.

Mas uma faca de sapateiro valia dinheiro, e este era pão.

Era uma pena ter de jogá-lo fora!

Por fim, resolveu introduzi-lo na luva da mão esquerda.

Naquele momento, ordenaram à fila da frente que avançasse.

Digitalizado com CamScanner

Restavam apenas três homens — Senka, Chukhov e o jovem da turma 32 que fora procurar o moldávio.

Visto que eram apenas três, e cinco os guardas que se encontravam à sua frente, Chukhov podia tentar uma artimanha e escolher entre os dois da direita. Examinou-os: um era um jovem de cara rosada e outro era um sujeito mais velho, de bigode grisalho. Preferiu o último. O mais velho era, com certeza, experiente, e encontraria facilmente a lâmina, se o quisesse. Porém, devido à sua idade, devia estar farto deste trabalho.

Entretanto, Chukhov tirara ambas as luvas, a vazia e a que tinha agora o pedaço de metal, e segurou-as numa só mão — a vazia em frente —, juntamente com o cinto de lona. Desapertara completamente a jaqueta, erguera as abas do capote e as da jaqueta — nunca se mostrara tão servil numa revista, mas agora desejava demonstrar que nada tinha a recear. "Vamos, avancem e apalpem-me."

O guarda, depois de o mandar avançar, percorreu-lhe as ilhargas e as costas com as mãos e apalpou o bolso do joelho. Mas nada encontrou. Passou também as mãos sobre as abas do casaco e da jaqueta. Ali, igualmente nada. Ia já afastar-se quando, por desencargo de consciência, apertou a luva que Chukhov lhe metera debaixo do nariz — a que estava vazia.

Chukhov estremeceu, como se sentisse pontas de ferro a perfurarem-lhe as entranhas. Se o guarda apertasse a outra luva, estaria perdido: o xadrez, trezentos gramas de pão por dia, uma sopa quente de três em três dias. Imaginem a fraqueza que lhe sobreviria após este "tratamento", a dificuldade que

Digitalizado com CamScanner

encontraria para voltar à sua presente condição física: subalimentado, mas não faminto.

E orou silenciosa mas freneticamente:

"Ó Deus do céu! Salva-me! Não permitas que eles me enviem para o xadrez!"

E enquanto isto lhe perpassava com a velocidade do relâmpago pelo espírito, o guarda, depois de ter apertado a luva direita, preparava-se para examinar a outra — tê-las-ia apertado ao mesmo tempo se Chukhov segurasse uma em cada mão —, quando ouviu o chefe, que tinha pressa de se despachar, dizer para a escolta:

— Tragam-me agora a coluna das oficinas.

Então, em lugar de examinar a luva, o guarda fez um aceno a Chukhov. Podia ir-se embora.

Ivan Denissovitch desatou a correr a fim de alcançar os outros. Eles já tinham formado a cinco numa espécie de corredor amplo entre longas traves. Corria velozmente, quase não sentindo o solo sob os pés. Não disse uma oração de graças, pois não tinha tempo, e, de certo modo, já não se justificava.

A escolta já se afastara. Os guardas esperavam apenas o seu chefe. Tinham-se apoderado, para uso próprio, de toda a lenha que os da turma 104 haviam jogado ao chão antes de serem revistados. Esta encontrava-se empilhada junto da casa da guarda.

A lua estava muito mais alta. O frio era cada vez mais cortante na noite pálida.

O chefe dos guardas dirigiu-se à barraca da sentinela: tinham de lhe entregar o recibo pela volta de quatrocentos e sessenta e três prisioneiros. Falou durante um momento com Priakhov, o ajudante de Volkovoi.

— K 460! — gritou Priakhov.

O moldávio, que se havia dissimulado o melhor

Digitalizado com CamScanner

que pudera na coluna, reteve a respiração por um instante e dirigiu-se para a direita do corredor. Ainda estava de cabeça baixa e os ombros descaídos.

— Venha cá! — ordenou Priakhov, indicando-lhe com um gesto, que contornasse a coluna.

O moldávio obedeceu. Quando se deteve, ordenaram-lhe que ficasse imóvel, com os braços atrás das costas.

Isto queria dizer que iam acusá-lo de tentativa de evasão. Certamente seria mandado para a solitária.

Bem defronte dos portões, à direita e à esquerda do longo e amplo corredor, que era uma espécie de cerca para prisioneiros, achavam-se dois guardas. Os portões, com uma largura de três vezes a de um homem, abriram-se lentamente. Ouviu-se uma voz de comando, enérgica:

— Formar, a cinco!

Não havia mais necessidade de dizer aos *zeks* que se afastassem dos portões, pois estes abriam para dentro. Pouco importava que os *zeks* se reunissem em massa e tentassem forçar os portões: não seriam capazes de arrombá-los.

— Primeira... Segunda... Terceira...

Era durante a contagem da noite, ao atravessarem os portões de regresso ao campo, famintos e enregelados, que os prisioneiros achavam o frio ainda mais cortante e mais duro de suportar. Uma tigela de sopa de hortaliça, rala, bem quente, era para eles um maná tão precioso como o era a chuva para o solo ressequido. Engoli-la-iam de um trago. Aquela tigela de sopa era-lhes mais querida que a liberdade, mais querida que a própria vida — o passado, o presente e o futuro.

Os *zeks* atravessavam os portões como soldados de

Digitalizado com CamScanner

volta de uma campanha — vivos, retesados, ávidos... Eh, abram caminho para eles!

A uma autoridade com uma tarefa leve no posto de comando estes prisioneiros em marcha constituíam uma coisa que dava que pensar.

Depois da contagem, os prisioneiros tornavam-se novamente homens livres — pela primeira vez durante o dia, depois de os guardas lhes terem feito o sinal para formarem na parada.

Atravessavam os portões grandes — da zona —, os portões pequenos — da zona intermédia —, mais dois portões — no recinto da parada —, e depois podiam dispersar-se e seguir para onde quisessem.

Mas não os chefes das turmas. Estes eram retidos pelo oficial que lhes designara as suas tarefas.

"Todos os chefes de turma devem dirigir-se à seção de planejamento."

Chukhov encaminhou-se pressurosamente para o armazém das encomendas, depois de passar pela prisão e por entre as barracas.

Tsezar, entretanto, dirigiu-se em passos largos e regulares na direção contrária, para o local onde muitos *zeks* se acotovelavam em redor de um poste onde se encontrava pregado um pedaço de contraplacado. Encontrava-se escrito nele, com lápis indelével, o nome de todos os que tinham encomenda no armazém.

A maior parte do que se escrevia no campo era feita em contraplacado, e não em papel. Era mais seguro, mais digno de confiança. Os guardas e os carcereiros também utilizavam a madeira para fazer o rol dos *zeks*. Podia-se com toda a facilidade apagar os nomes e os números dos prisioneiros nos dias seguintes e usá-la de novo. Era econômico.

Os *zeks* que ficavam no campo durante todo o dia dedicavam-se, entre outras ocupações singulares, a

Digitalizado com CamScanner

esta: liam os nomes que se achavam inscritos no contraplacado, iam ao encontro dos companheiros que tinham encomendas, quando estes voltavam do trabalho, e indicavam-lhes o número. Não ganhariam grande coisa, mas, pelo menos, talvez conseguissem arranjar um cigarro.

Chukhov correu para o armazém das remessas — um pequeno anexo de uma barraca, à qual, por sua vez, fora acrescentado um pequeno alpendre. O alpendre não tinha porta, sendo descoberto na parte da frente. Mas, ainda assim, estava mais abrigado, pois tinha telhado.

Formara-se uma fila ao longo das paredes do alpendre. Chukhov juntou-se a ela. Encontravam-se talvez uns quinze *zeks* à sua frente, o que representava mais de uma hora de espera, até pouco antes de o armazém fechar. E agora já havia outros atrás dele na fila — os *zeks* da coluna da central elétrica que tinham ido ver se o seu nome constava da lista afixada no contraplacado e os das oficinas de consertos de máquinas e ferramentas. Mas, segundo parecia, teriam de voltar na manhã do dia seguinte.

Os que se encontravam na fila tinham pequenos sacos nas mãos. No outro lado da porta — o próprio Chukhov nunca recebera nenhuma remessa neste campo, mas sabia por ouvir dizer —, os guardas abriam as encomendas que vinham em caixas de madeira com machados. Tiravam para fora o conteúdo e examinavam-no. Cortavam, quebravam, remexiam com os dedos. Se se tratava de qualquer coisa líquida, em recipientes de vidro ou lata, abriam-nos e despejavam-nos. Tudo o que se podia fazer era pôr as mãos em concha para aparar o líquido que se derramava ou estender o saco de pano. Nunca entregavam os recipientes — tinham medo de tudo. Se ha-

Digitalizado com CamScanner

via qualquer iguaria feita em casa, artigos de pastelaria, doces, ou mesmo salsichas, o guarda sempre os mordia. Uma parte era para ele. Se algum prisioneiro tentasse reclamar, ouvia logo a resposta já estudada para o caso: "isto e aquilo são artigos proibidos e não posso entregá-los".

Todo *zek* que recebia uma encomenda tinha de dar, dar... a começar pelo guarda que abria a remessa. E quando terminavam a busca não entregavam as coisas na caixa onde tinham vindo: jogavam tudo para dentro do saco do interessado, ou para dentro das abas do capote, e... rua.

Por vezes, despachavam uma pessoa tão depressa que se podia ter a certeza de que lá ficara alguma coisa. Mas não se ganhava nada em voltar atrás. Nunca se recuperava nada.

Quando estivera em Ust-Ijmà, Chukhov recebera uma ou duas encomendas. Mas escrevera à mulher aconselhando-a a não enviar nada, pois era um desperdício. Não devia roubar o alimento da boca das crianças.

Embora, quando se encontrava em liberdade, Chukhov achasse mais fácil alimentar toda a família do que se alimentar agora a si próprio, sabia quanto custavam aquelas encomendas. Sabia também que a sua família não podia privar-se daquele pão durante dez anos. Deste modo, esforçara-se por dispensar as remessas de casa.

Mas, apesar de ter decidido assim, todas as vezes que um companheiro de turma recebia uma encomenda — o que acontecia quase todos os dias —, o seu coração doía-lhe, pois não havia nenhuma para ele. E, embora tivesse proibido terminantemente a mulher de lhe enviar qualquer coisa, mesmo pela Páscoa, e nunca pensasse em ler a lista a não ser para

Digitalizado com CamScanner

um companheiro de turma, de vez em quando tinha a louca idéia de que alguém se aproximaria dele para lhe dizer: "Chukhov, por que você não vai buscar a sua encomenda? No armazém há uma para você".

Mas o certo é que ninguém se aproximava dele para lhe comunicar isso.

Cada vez pensava menos em Temgenovo e na sua casa. A vida no campo gastava-o, da alvorada ao recolher, e não dispunha de um segundo sequer para preguiçosas cogitações.

Agora, entre homens que acariciavam já a doce esperança de enterrarem os dentes num bom pedaço, de espalharem manteiga no seu pão ou de adoçarem as suas tigelas de chá com torrões de açúcar, Chukhov sentia apenas um desejo: chegar a tempo ao refeitório e comer uma sopa quente, pois esta tornava-se apenas metade boa quando era comida fria.

Calculou que Tsezar, se não tivesse visto o seu nome na lista, devia já há muito tempo ter voltado à barraca para se lavar. Mas, se o tivesse encontrado, lá estaria agora a reunir sacos, tigelas de plástico e uma bacia. Isto levar-lhe-ia dez minutos. E Chukhov prometera-lhe esperar.

Na fila soube de algumas novidades. Não se podia, mais uma vez, contar com o domingo livre. Mais uma vez eram esbulhados desse dia de repouso. Ele, como, aliás, todos os outros, já o esperava, pois, se houvesse cinco domingos num mês, as autoridades concediam-lhes três e escamoteavam-lhes dois. Chukhov já o esperava, sim, mas quando ouviu a notícia sentiu um espasmo de dor no coração. Quem não lamentaria a perda daquele doce dia?

O que diziam na fila era verdade: eles sabiam como espoliá-los mesmo aos domingos. Inventariam qualquer coisa: consertar os banheiros, construir uma

Digitalizado com CamScanner

parede algures ou limpar o pátio. Havia sempre colchões para bater ou mudar, percevejos para exterminar nos beliches. Ou poderiam ter a excepcional idéia de fazer a comparação das fotografias dos arquivos com os próprios prisioneiros. Ou então poderiam lembrar-se de fazer um inventário: colocar os *zeks* com todas as suas coisas no pátio e mantê-los ali todo o dia.

Nada parece desagradar mais às autoridades que ver um *zek* gozando um momento de paz durante a refeição matinal.

A fila lá se ia movendo, mas lentamente. Alguns outros tipos iam agora entrando nela, saltando para a frente dos outros sem pedir licença, apenas acotovelando os que já se encontravam lá.

Eram eles um barbeiro do campo e um guarda-livros que trabalhava no Departamento de Educação e Cultura. Mas não se tratava de pobres-diabos como o resto dos que se encontravam na fila. Eram uns tipos respeitados, uns suínos de primeira ordem, os maiores canalhas do campo, detentores de ocupações do gênero papo-para-o-ar. Os *zeks* que mourejavam no exterior consideravam-nos mais porcos que a merda — uma classificação que eles devolviam.

Mas era inútil protestar: esses privilegiados constituíam um grupinho à parte e mantinham boas relações com os guardas.

Agora apenas se encontravam dez *zeks* à frente de Chukhov. Outros sete tinham-se colocado pouco antes atrás dele, na fila, quando Tsezar, todo derreado, surgiu do limiar da porta, trazendo na cabeça o novo gorro de pele que lhe haviam enviado de casa.

Mas que gorro! Tsezar devia ter untado as mãos a alguém para que lhe fosse permitido usar um gorro daqueles, tão elegante!

Digitalizado com CamScanner

Um prisioneiro um pouco excêntrico, de óculos, encontrava-se também na fila, com a cabeça enterrada num jornal. Tsezar dirigiu-se-lhe imediatamente.

— Oh, Piotr Mikháilovitch.

Desfizeram-se ambos em sorrisos floridos, como se fossem duas papoulas, até que o tipo excêntrico disse:

— Olhe o que recebi! Um *Viêtchorka*[1] recente. Enviaram-mo pelo correio aéreo.

— Realmente!? — exclamou Tsezar, colando o nariz ao jornal.

— Traz uma crítica fascinante acerca de uma *première* de Zavádski.

Aqueles moscovitas conheciam-se uns aos outros, pelo cheiro, a distância, como os cães.

Tsezar trouxera todos os seus sacos; tudo em ordem.

— Posso então... ahn... Tsezar Márkovitch — ciciou Chukhov —, posso ir-me embora?

— Decerto, decerto — retorquiu Tsezar, erguendo o seu bigode negro acima da orla superior do jornal. — Mas antes diga-me qual é a minha posição na fila, quem está à minha frente e quem se encontra atrás de mim.

Chukhov indicou-lhe o seu lugar e, suavemente, perguntou-lhe:

— Quer que traga a sua sopa, Tsezar Márkovitch?

Chukhov poderia trazê-la do refeitório para a barraca. Isto era estritamente contra o regulamento. Quando as autoridades do campo davam por uma infração deste gênero, despejavam o conteúdo do recipiente no chão e punham o infrator no xadrez. Contudo, a sopa não deixava de ser levada para as bar-

---

[1] Viêtchernaia Moskvá — *jornal da noite publicado em Moscou.*

Digitalizado com CamScanner

racas, pois, se um *zek* tem alguma coisa que fazer, não arranjará tempo para se dirigir ao refeitório com a sua turma.

— Quer que lhe traga a sua sopa, Tsezar Márkovitch? — tornou a perguntar Chukhov.

Enquanto isso, porém, murmurava para si mesmo: "Decèrto ele não vai comportar-se como um sovina. Talvez me dê a sua sopa. Além disso, ela não terá *kacha*, será apenas um caldo".

— Não, não — volveu Tsezar com sorriso. — Coma-a você, Ivan Denissovitch.

As esperanças de Chukhov tinham-se confirmado. E agora, como uma ave em vôo, afastou-se vertiginosamente, como um dardo, do alpendre, e atravessou a zona.

Os prisioneiros caminhavam apressadamente em todas as direções.

Certa vez, o comandante do campo emitira uma outra ordem: era terminantemente proibido, não importava que pretexto apresentassem, aos prisioneiros caminharem pelo campo. Sempre que possível, uma turma devia dirigir-se, compacta, a qualquer ponto do campo, sempre que tivesse de fazê-lo. Mas quando toda a turma nada tinha que fazer onde quer que fosse, imediatamente se formariam pequenos grupos de quatro ou cinco, comandados por um veterano, que iriam onde tinham de ir e voltariam sem exclusão de um só componente, exceto quando iam para o hospital e para as privadas, onde não poderiam entrar todos juntos.

O comandante do campo ordenara que se cumprisse rigorosamente aquela ordem. E ninguém ousara contrariá-lo. Os guardas, quando, por vezes, surpreendiam prisioneiros isolados, tiravam-lhes o número e... em frente, para o xadrez.

Digitalizado com CamScanner

Todavia, a ordem fora um fiasco. Deixara de se cumprir, como todas as ordens muito apregoadas.

Se alguém, por exemplo, é mandado chamar pelos tipos de segurança, deve levar outros quatro ou cinco consigo? E se tem de ir buscar as provisões no depósito? Mas por que diabo devia outro *zek* acompanhá-lo?

Mais: suponhamos que um prisioneiro tem a estranha idéia de ir ao D. E. C. ler os jornais. Quem haverá que deseje ir com ele? E se há algum que vai mandar consertar as botas, outro que se dirige ao telheiro de secagem, ou ainda outro que vai de uma barraca para outra — e isto é proibido ainda com mais rigor que outra coisa qualquer —, como se pode evitar que o façam?

Aquela ordem do comandante podia ter-lhes roubado a última migalha de liberdade. Porém, ela não foi levada a sério, por mais que aquele suíno pançudo tentasse fazê-la cumprir à risca.

Marchando velozmente ao longo da aléia, dando aqui e ali com um guarda, ocultando-se ou tirando-lhe o gorro, Chukhov dirigiu-se para a barraca. Quando lá chegou, deparou com um autêntico tumulto: a ração de um *zek* fora-lhe surripiada durante o dia e o pobre reclamava com os faxineiros e estes zurziam-lhe os ouvidos. Mas o canto da turma 104 estava deserto.

Chukhov dava sempre graças a Deus quando, ao voltar ao campo, verificava que o seu colchão não fora revolvido e que os guardas não tinham andado investigando por ali.

Agora corria para seu beliche, tirando o capote no caminho mesmo. "Agora lancemos lá para cima o capote e as luvas, com este belo pedaço de metal

Digitalizado com CamScanner

afiado." Apalpou o fundo do colchão — o seu precioso pedaço de pão encontrava-se onde o deixara.

E toca a andar para o refeitório.

Chegou lá sem ter encontrado qualquer guarda pelo caminho — encontrara apenas dois *zeks* discutindo sobre a sua ração de pão.

A lua brilhava agora com intenso fulgor. Até as lâmpadas pareciam ter uma luz mais pálida. As barracas encontravam-se mergulhadas em profundas sombras. A porta do refeitório estava situada além de um amplo alpendre com quatro degraus. Neste momento, até o alpendre jazia na escuridão. Mas acima dele uma pequena lâmpada oscilava, com um leve ruído, sob o vento e o frio.

O comandante do campo fizera publicar uma ordem ainda mais rigorosa: as turmas deviam entrar no refeitório em filas duplas. E a isto acrescentou que, ao chegarem aos degraus, os prisioneiros deviam deter-se aí, e não subir ao alpendre, devendo formar a cinco e permanecer no ponto onde se encontravam até que o faxineiro do refeitório lhes gritasse que avançassem.

Esta tarefa está a cargo do "Pé Torto", um coxo. Como manquejava, conseguira que o classificassem de "inválido", mas ele era, na realidade, um valente filho de uma cadela, torto como um arrocho. Trazia sempre consigo uma comprida vara de vidoeiro e ali, no alpendre, daria com ela um golpe em quem tentasse subir sem sua autorização. Não fazia exceções, mas nem em todos ele batia, o filho da mãe. Nisso era ele bastante prudente. O velhaco não se metia com quem fosse capaz de lhe devolver o golpe. Batia apenas nos mais submissos, o velhaco. Certa vez batera em Chukhov.

Era considerado um faxineiro. Mas, bem vistas as

Digitalizado com CamScanner

coisas, tornara-se um verdadeiro príncipe, pois estava ligado aos cozinheiros.

Talvez hoje um certo número de turmas se tivesse apresentado ao mesmo tempo ou talvez as coisas não tivessem corrido em boa ordem. No alpendre via-se uma bom número de *zeks*, quase uma multidão. Entre eles, lá estava o manco com o seu ajudante. Até o próprio chefe do refeitório se encontrava ali. Os sujeitos dirigiam a multidão sem o auxílio dos guardas. Que palhaços!

O chefe do refeitório era um suíno barrigudo, com cabeça de abóbora e ombros bem largos. Tinha tanta força que não sabia o que havia de fazer dela, e quando caminhava fazia-o aos saltos, como se tivesse molas em lugar das pernas e dos braços.

Trazia na cabeça um gorro branco de pele de cordeiro, mais elegante que os de alguns civis, mas numerado, como os de todos os outros prisioneiros. O seu colete também era de pele de carneiro, combinando com o gorro. O colete exibia igualmente um número, mas pouco maior que um selo de correio — um tributo prestado a Volkovoi.

Todavia, não usava número nas costas do capote ou da jaqueta. Não respeitava ninguém e os *zeks* temiam-no bastante, pois detinha nas suas mãos as vidas de milhares de homens.

Certa vez, tentaram espancá-lo, mas os cozinheiros — também uns bons canalhas — acorreram para defendê-lo.

Chukhov estaria metido num bom sarilho se a turma 104 tivesse já entrado. O manco conhecia todos de vista e, com o seu chefe presente, não permitiria que ninguém entrasse com outra turma. Isso era ponto assente.

Por vezes, os *zeks* pulavam os parapeitos do alpen-

Digitalizado com CamScanner

dre, quando viam o manco de costas. Chukhov já o fizera também. Mas nesta noite, sob o nariz do chefe, nem pensar nisso sequer. O sujeito assentaria tal bordoada em quem o tentasse que o infeliz teria de ir de rastos até o posto médico.

Chukhov tinha de se aproximar rapidamente dos degraus a fim de procurar ver por entre tantos capotes negros se a turma 104 já se encontrava no refeitório.

Porém, havia tantos homens dando voltas por ali que dava a impressão de que se encontravam atacando uma fortaleza. Que podiam eles fazer? A hora do recolher aproximava-se.

— Eh, tratem de ficar quietos, seus filhos de uma cadela! — bramiu o manco, erguendo a vara sobre os que se encontravam mais à frente. — Para trás, senão, racho-lhes a cabeça!

— Mas que culpa temos nós? Os de trás estão nos empurrando.

Sim, era verdade. Mas o certo é que os da frente pouca resistência ofereciam à pressão, pois alimentavam a esperança de poder introduzir-se no refeitório.

O manco colocou a vara sobre o peito, como uma espécie de barreira, e lançou todo o seu peso atrás dela. O seu ajudante e o próprio chefe puseram também as mãos na vara e ajudaram-no a carregar sobre os prisioneiros acumulados junto à porta.

E faziam-no com toda a energia: tinham bastante força, os malandros, vigorosos como eram e com toda a carne que comiam.

Os *zeks* recuaram, tombando os da frente sobre os de trás.

— Cachorro manco... havemos de ajustar contas com você — gritou um prisioneiro de entre a multidão, escondendo-se atrás das costas dos ou-

Digitalizado com CamScanner

tros. Quanto aos restantes, caíam sem dizer uma palavra, erguiam-se sem dizer uma palavra. E faziam-no o mais depressa que podiam para não serem pisados.

Nos degraus já não se encontrava vivalma. O chefe do refeitório voltou ao fundo do alpendre, mas o manco continuou no degrau de cima.

— Quantas vezes lhes tenho dito que formem a cinco, seus estúpidos? — gritou ele.

Chukhov supôs ter visto a cabeça de Senka bem defronte do alpendre. Sentiu-se aliviado e, servindo-se dos cotovelos, tentou abrir caminho a fim de se aproximar do companheiro. Mas, vendo à sua frente todas aquelas costas, compreendeu que não o conseguiria.

— Turma 27! Avançar! — bradou o manco.

Os da turma 27 subiram correndo os degraus e lançaram-se sobre a porta. Os restantes, como uma vaga, seguiram-nos.

Chukhov atirou-se para a frente, com todas as suas forças. O alpendre estremeceu e a lâmpada, em cima, rangeu asperamente.

— O quê? Vocês voltam, seus canalhas!? — uivou o manco com um acesso de fúria.

A vara caiu sobre as costas de um, sobre os ombros de outro, fazendo recuar os homens e derrubando alguns.

E de novo os degraus ficaram livres.

Chukhov viu Pavlo ao lado do manco. Era ele quem conduzia a turma ao refeitório — Tiúrin não gostava de se misturar com uma multidão deste gênero.

— Formar a cinco, turma 104! — bradou Pavlo. — Abram caminho, meus amigos.

Digitalizado com CamScanner

Amigos! Ah, vejam-nos abrindo caminho, esses diabos.

— Deixem-me passar, vocês da frente — grunhiu Chukhov. — É a minha turma.

Empurrou então um *zek* pelas costas. Ele tê-lo-ia deixado passar, mas via-se apertado de todos os lados.

A multidão agitava-se. Todos se empurravam, de maneira que era difícil respirar. O seu único objetivo era a sopa aguada. A sua querida sopa.

Chukhov tentou ainda outra coisa: agarrou-se ao parapeito do alpendre, à sua esquerda, colocou as mãos em redor de um pilar e alçou-se. Deu um pontapé num joelho qualquer e, em resposta, foi atingido por um golpe nas costelas. Soltou algumas pragas, e ei-lo com o caminho desimpedido. Colocou um pé no piso do alpendre, perto do degrau de cima, e aguardou. Alguns dos seus companheiros que ali se encontravam deram-lhe a mão.

O chefe do refeitório dirigiu-se para a porta e olhou para trás.

— Vamos — disse ele para o manco —, mande entrar mais duas turmas.

— Turma 104! — gritou então. — Para onde pensa que está indo, safado? — interpelou ele um homem de outra turma, batendo-lhe na nuca com a vara.

— Turma 104! — gritou por sua vez Pavlo, conduzindo os seus homens.

Chukhov respirou profundamente quando se viu no refeitório. E, sem esperar pelas instruções de Pavlo, começou a procurar as bandejas livres.

O refeitório encontrava-se, como habitualmente, com nuvens de vapor introduzindo-se através da porta, e os homens ombro a ombro, como grãos numa espiga. Alguns abriam caminho por entre as mesas

Digitalizado com CamScanner

e outros transportavam bandejas carregadas. Chukhov habituara-se a tudo isto ao longo dos anos e os seus olhos penetrantes notaram que o S 208 tinha apenas cinco tigelas na bandeja que transportava. Isto queria dizer que se tratava das últimas doses para a sua turma. De outro modo, a bandeja iria cheia.

Então aproximou-se do homem e disse-lhe ao ouvido:

— Dê-me essa bandeja quando tiver acabado.

— Mas esperam por ela na janelinha. Prometi...

— Que esperem.

Finalmente, chegaram a um acordo. O S 208 levou a bandeja para a mesa e retirou as tigelas. Imediatamente Chukhov pegou nela. Nesse mesmo momento, o homem a quem ela fora prometida aproximou-se rapidamente e fez menção de apoderar-se dela. Porém, era menor que Chukhov e este afastou-o servindo-se da própria bandeja, ao mesmo tempo que lhe rosnava:

— Mas que quer você, safado?

E à frase acrescentou um safanão, que fez o outro bater num pilar.

Em seguida, colocando a bandeja debaixo do braço, dirigiu-se apressadamente para a janelinha.

Pavlo encontrava-se na fila que ali se formara. Estava irritado, pois não via nenhuma bandeja vazia. Ao ver Chukhov, ficou encantado. Então afastou o homem que se encontrava à sua frente, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Por que está aí parado? Não vê que tenho uma bandeja?

Mas... que maravilha! Eis que lá vem Gopchik com outra bandeja.

— Eles estavam com medo de pegar nela — disse

Digitalizado com CamScanner

o jovem com uma gargalhada. — E eu, então, deitei-lhe a mão.

Gopchik estava ficando mais desembaraçado. Dessem-lhe outros três anos — ele precisava ainda de mais experiência —, e tornar-se-ia nada mais nada menos que um autêntico furão. Era mais que certo.

Pavlo ordenou-lhe que passasse a segunda bandeja a Sermoláiev — um siberiano atarracado que cumpria uma pena de dez anos, por ter, como Chukhov, sido capturado pelos alemães — e que fosse vigiar qualquer mesa cujos ocupantes estivessem terminando a refeição.

Chukhov então pousou a bandeja e aguardou.

— Turma 104 — anunciou Pavlo à janelinha.

Ao todo, havia cinco ou seis janelinhas destas: três para servir as doses regulares, uma para os *zeks* sob dieta especial — os que sofriam de úlceras... e o pessoal do escritório, por favor — e uma para a devolução da louça suja — junto da qual se acumulavam os "lambedores", discutindo uns com os outros e lançando-se avidamente sobre as tigelas.

As janelinhas eram baixas — mais ou menos à altura da cintura. Os próprios cozinheiros encontravam-se fora da vista dos prisioneiros, e, mostrando apenas as suas mãos, manejavam as conchas com que iam tirando a sopa.

As mãos dos cozinheiros eram brancas e bem cuidadas, mas pesadas e cabeludas — mãos de pugilistas, e não de cozinheiros.

Um deles pegou num lápis e fez uma anotação na parede — era ali que fazia a lista do que entregava.

— Turma 104, vinte e quatro doses.

Panteleiev surgiu, arrogante, no refeitório. Nada incomodava este filho de uma cadela.

O cozinheiro pegou numa enorme concha e me-

Digitalizado com CamScanner

xeu a sopa no caldeirão, que estava cheio até quase as bordas e exalava uma nuvem de vapor. Substituindo aquela concha por uma menor, começou a servir a sopa. Mas não ia muito ao fundo do caldeirão.

— Uma, duas, três, quatro...

Algumas tigelas tinham sido cheias antes de os resíduos terem assentado no fundo do caldeirão, assentado após o cozinheiro ter mexido a sopa. Mas agora na superfície só restava líquido.

Chukhov observava atentamente a operação, a fim de ver quais as tigelas que tinham mais alguma coisa que simples caldo. Depois, colocou dez na sua bandeja e afastou-se com ela. Nessa altura, Gopchik fez-lhe um aceno da segunda fila de pilares.

— Aqui, Ivan Denissovich, aqui.

Quando se transportam tigelas de sopa não é hora para brincadeiras.

Chukhov procurou cautelosamente não entornar uma gota de caldo, ao mesmo tempo que ia advertindo aqueles que se aproximavam muito dele:

— Eh, você, H 920... Cuidado, velhinho... Afaste-se, menino...

Era bastante difícil, no meio de uma multidão como esta, transportar uma simples tigela sem entornar um pouco de líquido. E ele transportava dez. Porém, conseguiu chegar ao seu destino sem dano maior e pousou suavemente a bandeja na extremidade da mesa que Gopchik limpara.

Tinha conseguido não entornar nada. E conseguira também manobrar a bandeja de tal maneira que as duas tigelas com a sopa mais grossa ficaram precisamente defronte do lugar onde ia sentar-se.

Sermoláiev trouxe outras duas tigelas. Gopchik afastou-se e voltou com Pavlo. As últimas quatro tigelas vinham nas mãos dos dois homens.

Digitalizado com CamScanner

Kilgas trouxe a bandeja do pão. Nesta noite recebiam o alimento correspondente ao trabalho produzido. A uns cabiam duzentos gramas, a outros trezentos. Chukhov tinha direito a quatrocentos gramas. Pegou num bocado com côdea para si e reservou um de duzentos gramas, do meio, para Tsezar.

Agora surgiam de todos os lados do refeitório os companheiros de turma de Chukhov, a fim de se apoderarem da sua tigela e comerem o caldo onde pudessem. Enquanto entregava as tigelas, havia duas coisas a que era preciso dedicar toda a sua atenção: não esquecer a quem dava a dose respectiva e não tirar os olhos da bandeja — da dose que guardara para si. Colocara a sua colher numa das tigelas que tinha sopa "grossa", o que significava que ela estava reservada.

Fetiukov foi dos primeiros a chegar. Mas bem depressa afastou-se, calculando que não havia nada que fuçar naquela noite. Era bem belhor rondar pelo refeitório, a fim de atirar-se aos restos — se alguém não termina a sua sopa e afasta de si a tigela, há sempre *zeks* decididos a lançarem-se sobre ela como abutres.

Chukhov contou as doses com Pavlo. Aparentemente, o número estava certo. Pôs de lado uma tigela para Tiúrin, uma das "grossas", e Pavlo despejou a sua sopa numa marmita com tampa — podia-se transportá-la debaixo do capote, contra o peito.

Entregaram as bandejas vazias. Pavlo sentou-se com a sua dose dupla, Chukhov com as suas duas tigelas. E agora nada mais tinham a dizer um ao outro — chegavam os momentos sagrados.

Chukhov tirou o gorro e pô-lo sobre os joelhos. Provou a sopa de uma tigela, provou a sopa de outra.

Digitalizado com CamScanner

"Nada má. Hoje tem peixe."

Geralmente, a sopa do jantar era mais aguada que a da refeição matinal: já que têm de trabalhar, os prisioneiros têm de ser mais bem alimentados pela manhã. À noite, sempre vão dormir...

Começou por beber o líquido. Enquanto este descia, inundando-lhe de calor todo o corpo, as suas entranhas começaram a vibrar ao sentirem o apetecido alimento. Era este o único momento para o qual vivia o *zek*. Sim. Um momento breve, mas maravilhoso.

E agora Chukhov nada tinha de que se queixar: nem da extensão do tempo que ainda tinha para cumprir, nem da extensão do dia, nem da patifaria que lhes faziam surripiando-lhes outro domingo. Eis tudo em que pensava naquele momento: "Sobreviveremos. Sobreviveremos. Sim. Com a ajuda de Deus, a pena chegará ao fim".

Enxugou a sopa quente das duas tigelas e, em seguida, passou tudo o que restava da segunda para a primeira, rapando-a completamente com a colher. Assim, sentia-se mais tranqüilo. Agora não precisava manter um olho alerta em relação à segunda ou conservar a mão livre em volta dela.

Já que podia olhar livremente, volveu a vista para as tigelas dos vizinhos. A que estava à sua esquerda pouco mais tinha que água. Que víboras peçonhentas! Quantas baixezas praticavam! E, ainda por cima, as vítimas eram companheiros de cativeiro, *zeks* como eles!

Começou a comer a couve com o que restava da sopa. Uma batata surgira por milagre numa das tigelas — na tigela de Tsezar. Era uma batata de tamanho médio, mordida pela neve, dura e adocicada. Não se via muito peixe, apenas uns pedacinhos des-

Digitalizado com CamScanner

garrados de espinha. Mas é preciso chupar cada espinha, cada barbatana, sugar o sumo que contêm, pois o suco é ótimo para a saúde.

Evidentemente que leva tempo, mas Ivan Denissovitch não tinha pressa. Para ele, este era um dia muito especial: duas doses ao almoço, duas doses ao jantar. Tudo o mais podia esperar.

— Exceto, talvez, aquela visita ao Letão. Ela significava tabaco. Talvez pela manhã já não houvesse nenhum.

Jantou sem comer pão. Uma dose dupla *com* pão era um banquete. O pão ficaria para o dia seguinte. A barriga é uma velhaca. Nunca se lembrava de como era tratada na véspera, gritaria por mais no dia seguinte.

Comeu a sua sopa sem tomar muito interesse pelo que se passava em redor de si. Não havia necessidade disso: não tencionava apanhar migalhas alheias, comia apenas o que lhe pertencia de direito. Contudo, notou que, quando o *zek* que se encontrava à sua frente se levantou, um velho alto — o U 81 — se sentou no seu lugar.

Chukhov sabia que ele pertencia à turma 64 e ouvira, na fila para as remessas, que a 64 fora mandada para o Centro de Comunidade Socialista, naquele dia, em vez da 104, e passara todo o dia sem uma réstia de calor, sem qualquer abrigo, colocando arame farpado, delimitando a sua própria zona.

Ouvira também dizer que este velho passara anos sem conta em diversos campos e prisões, sem ter o benefício de uma única anistia. Sempre que uma pena de dez anos chegava ao seu termo, arranjavam-lhe sem demora uma outra igual.

Chukhov examinou detidamente o homem. Mantinha-se ereto, enquanto os outros *zeks* comiam de-

Digitalizado com CamScanner

bruçados sobre a mesa, e dava a impressão de estar sentado sobre qualquer coisa. Nada tinha que cortar na cabeça: o cabelo caíra-lhe há muito tempo — resultado de uma vida ótima, sem dúvida.

Não volvia os olhos para nada que se passasse na sala, mantendo-os sempre fixos algures, num ponto que ficava para cima da cabeça de Chukhov. A sua colher de madeira, muito gasta, caía ritmadamente na sopa aguada, mas, em lugar de baixar a cabeça sobre a tigela, como todos os outros, levava a colher até aos lábios.

Perdera todos os seus dentes e mastigava o pão com as gengivas. A vida parecia ter-lhe sido extraída do rosto seco. Mas nem por isso ele era um homem doente ou fraco, mas sim rijo e sombrio como pedra esculpida. E pelas suas mãos, grandes, crestadas e escuras, podia-se verificar que tivera poucas oportunidades de se ocupar de tarefas leves.

Mas não cederia. Oh, isso não! Não colocaria os seus trezentos gramas de pão em cima da mesa suja. Tinha sempre o cuidado de colocá-lo cuidadosamente sobre um trapo bem lavado.

Porém, Chukhov não podia continuar a observar o velho. Tinha outras coisas para fazer. Acabou a refeição, lambeu a colher e pô-la numa das botas. Puxou o gorro para os olhos, ergueu-se, pegou no seu pão e no de Tsezar e saiu.

À saída do refeitório havia outro alpendre. Aí encontravam-se dois sujeitos de plantão: nada mais faziam senão abrir a porta, deixar sair as pessoas e voltar a pôr o gancho que segurava a porta.

Chukhov saía com a barriga bem cheia. Sentia-se satisfeito consigo mesmo e decidiu — embora não tardasse muito o toque de recolher — dirigir-se à barraca do Letão. Em vez de levar imediatamente o

Digitalizado com CamScanner

pão para a sua barraca, caminhou diretamente para a 7. A lua ia alta — nítida e branca, como que cinzelada no espaço. O céu estava claro e cintilavam nele as estrelas brilhantes. Mas Chukhov dispunha ainda de menos tempo para contemplar as estrelas que para observar os companheiros de cativeiro no refeitório.

Uma coisa havia que ele sentia bem: o frio era áspero.

Um dos civis dissera, segundo constara, que, durante a noite, era natural que a temperatura baixasse para os trinta graus negativos. De manhã talvez atingisse os quarenta.

Então ouviu, a distância, o ruído de um trator. E, pelo campo, a neve estalava sob as botas dos que caminhavam. Mas o vento não soprava.

Tencionava comprar o tabaco ao preço que já pagara antes — um rublo por caneca, embora no "exterior" a mesma quantidade custasse três vezes mais, e o melhor... bem, nesse era melhor nem pensar.

Os preços no campo não eram semelhantes aos lá de fora, pois aqui não se podia economizar dinheiro e muito poucos o tinham. Era bem difícil receber-se algum. Ninguém obtinha um copeque sequer pelo seu trabalho — em Ust-Ijma ganhava trinta rublos por mês.

Se a família de um *zek* enviava dinheiro pelo correio, este era retido pelas autoridades e ficava creditado na conta pessoal do prisioneiro. Uma vez por mês, podia-se gastar uma parte da soma inscrita nessa conta em sabonetes, biscoitos ou cigarros Prima.

Quer se gostasse ou não, tinha-se de gastar o dinheiro nos artigos que eles impingiam, ou então perdê-lo, isto é, a soma que constava da conta era riscada.

Digitalizado com CamScanner

Chukhov ocupava-se de um certo número de coisas para arranjar algum dinheiro: fazia chinelos de trapos dados pelo "cliente" — dois rublos cada par — ou remendava jaquetas rasgadas por um preço a combinar.

A barraca 7, ao contrário da 9, não era construída em duas metades. Tinha um longo corredor com dez portas abrindo-se para ele. Cada divisão abrigava uma turma e continha sete séries de beliches.

Chukhov dirigiu-se para a divisão onde se encontrava o Letão. Encontrou-o deitado no seu beliche, com os pés apoiados numa saliência. Conversava com o vizinho na sua língua de origem.

Chukhov sentou-se ao lado dele.

— Boa noite — disse.

— Boa noite — respondeu o Letão, sem baixar os pés.

A divisão era pequena, todos podiam ouvir o que eles diziam.

"Quem é ele? Que deseja?"

Ambos, Chukhov e o Letão, compreendiam que os sujeitos eram curiosos. Assim, Chukhov deixou que a conversa se arrastasse.

— Bem, como vai você?

— Oh, assim, assim.

— Hoje está frio, hem?

— É verdade.

Chukhov deixou que todos reatassem suas conversas interrompidas — discutiam sobre a guerra da Coréia. "Agora que os chineses entraram na dança, vai haver ou não uma guerra mundial?" Depois inclinou-se mais sobre o Letão.

— Tem tabaco?

— Sim.

— Quero vê-lo.

Digitalizado com CamScanner

O Letão tirou os pés da saliência e pousou-os no soalho, sentando-se sobre o leito. Era um tipo avaro, aquele Letão — enchia a caneca como se receasse lançar nela um simples fiapo a mais.

Então mostrou sua bolsa a Chukhov e abriu-a em seguida.

Este tirou um pouco de fumo e colocou-o na palma da mão, examinando-o. Igual ao da última vez, acastanhado e do mesmo corte.

Levou-o ao nariz e cheirou-o. Era do mesmo, sim. No entanto, disse para o Letão:

— Não é bem igual ao outro.

— É igual, sim — afirmou o Letão com firmeza. — Nunca tive de outro.

— Muito bem — retorquiu Chukhov. — Ponha um pouco numa caneca para mim. Darei umas tragadas e, se gostar dele, talvez leve outra caneca.

O Letão tirou outra bolsa debaixo do travesseiro. Esta estava mais cheia que a primeira. Depois tirou também a caneca de um armário. Era uma caneca de plástico, mas Chukhov calculou que levaria tanto como uma caneca vulgar.

O Letão começou a encher a caneca.

— Aperte-o, aperte-o — disse Chukhov, colocando o seu próprio polegar sobre o tabaco.

— Sei muito bem o que devo fazer — volveu acerbamente o Letão, afastando a caneca e comprimindo o tabaco, embora levemente. Depois deixou cair um pouco mais.

Entretanto, Chukhov desabotoara a sua jaqueta e procurava uns pedaços de papel dentro do forro — num local secreto de que só ele sabia a existência. Dois rublos. Notas gastas, que não estalavam mais.

— Então você espera que o "Velho dos Bigo-

Digitalizado com CamScanner

des"[1] se compadeça de você? — exclamou um prisioneiro. — Ora, ele nem sequer confiaria no próprio irmão! Não terá sorte, pode crer. Ainda por cima um vagabundo como você.

Havia uma coisa ótima nestes campos "especiais"; uma pessoa podia desabafar. Em Ust-Ijma bastara apenas que um *zek* dissesse que havia falta de fósforos lá fora para o jogarem na solitária e acrescentarem mais dez anos à sua pena. Porém, aqui podia-se falar sobre o que se quisesse, pois os delatores nada revelavam e os rapazes da segurança já não se importavam com essas coisas.

O caso era que não se dispunha de muito tempo para conversar.

— Eh, você está afofando muito — queixou-se Chukhov.

— Ora, não fique preocupado que não o enganarei — retorquiu o Letão, acrescentando um pouco mais de tabaco.

Chukhov tirou a sua bolsa de dentro do casaco e jogou dentro dela o tabaco da caneca.

— Muito bem — disse ele, decidido a não desperdiçar o primeiro cigarro, que era precioso, fumando às pressas. — Encha novamente a caneca.

Depois de verificar outra vez a medida, despejou a segunda caneca na bolsa, entregou os dois rublos ao Letão e saiu sem dizer mais nada.

Apressadamente, dirigiu-se para a sua barraca, a 9, pois queria estar presente quando Tsezar regressasse com a sua encomenda.

Porém, Tsezar já se encontrava na barraca, sentado no beliche e examinando o volume que recebera.

---

[1] *Nome por que era conhecido Stálin, mesmo entre os russos.*

Digitalizado com CamScanner

Este encontrava-se a seu lado, no beliche, mas, como não existia ali luz direta, não era fácil vê-lo.

Chukhov inclinou-se, passou por entre os beliches de Tsezar e do capitão e entregou àquele a sua ração de pão.

— O seu pão, Tsezar Márkovitch.

Ele não respondeu.

"Ah, trouxe a sua encomenda!" Isso seria como lembrar: "Bem, mantive aquele lugar na fila e, assim, tenho direito a qualquer coisa".

Sabia muito bem que tinha direito a qualquer coisa, nem que fosse uma simples côdea, mas aqueles oito anos de cativeiro não o haviam transformado num chacal — e quanto mais tempo passava no campo mais forte se tornava.

Mas não era senhor dos seus olhos. Aqueles olhos, os olhos de falcão de um *zek*, lançaram-se como um dardo sobre as coisas de Tsezar, e, embora as provisões não tivessem ainda sido desempacotadas e alguns dos sacos estivessem ainda fechados, a vista penetrante e o olfato sensível de Ivan Denissovitch afirmavam-lhe que Tsezar recebera salsichão, leite condensado, peixe defumado, toucinho, biscoitos, dois quilos de açúcar em cubos e, segundo parecia, manteiga, cigarros, tabaco para cachimbo. E não era tudo.

Notou tudo isto durante o breve momento em que dissera: "O seu pão, Tsezar Márkovitch".

Tsezar, excitado, um pouco estonteado — quem não ficaria após ter recebido uma encomenda como esta? — fez um aceno e disse:

— Fique com ele, Ivan Denissovitch.

A sua tigela de sopa e agora estes duzentos gramas de pão — uma coisa régia, certamente o melhor prêmio que poderia obter por ter prestado aquele pequeno serviço a Tsezar.

Digitalizado com CamScanner

E afastou da mente a pretensão de alcançar um pedaço saboroso da encomenda de Tsezar. Não havia nada pior que dispor a barriga para um pitéu que certamente não viria.

Bem, tinha os seus quatrocentos gramas de pão e agora estes duzentos gramas suplementares, além do pedaço escondido no colchão, que pesava, pelo menos, outros duzentos gramas. Não era nada mau. Comeria agora duzentos gramas e um pedaço mais tarde, e ficaria ainda, para o dia seguinte, com a ração do trabalho. Que vida boa, meu Deus! Quanto ao pedaço que se encontrava no colchão, que continuasse lá. Fora uma ótima idéia tê-lo ocultado ali! De um *zek* da turma 75 tinham surripiado um pedaço de pão do armário. Era uma perda que não poderia ser remediada.

É costume pensar-se que o volume que se recebe é uma espécie de saco cheio, belo, que tem apenas de ser aberto para fazer a felicidade de uma pessoa. Mas nada mais enganador. As coisas, conforme vêm, vão, acabam-se.

Chukhov conhecera casos em que, antes de a encomenda chegar, um *zek* se ocupava de tarefas de ocasião a fim de obter um pouco mais de *kacha,* um toco — coisas que quase todos faziam. E o *zek* tem de partilhar a sua encomenda com o guarda, com o chefe da sua turma e com o sujeito do depósito — a este não podia escapar, pois na vez seguinte ele podia extraviar a encomenda, e então passar-se-ia uma semana, ou talvez mais, antes de o nome do pobre aparecer outra vez na lista. E havia ainda o outro sujeito do lugar onde guardavam as provisões, a fim de se evitar que elas caíssem nas mãos dos guardas da revista ou dos ladrões — Tsezar iria lá antes da chamada matinal, com tudo num saco —,

Digitalizado com CamScanner

e também esse tinha de levar o seu quinhão — e que belo quinhão! —, se não queria que o sujeito roubasse pouco a pouco mais do que lhe era dado.

Com ele ali o dia inteiro, aquele canalha, fechado com as provisões de outros *zeks*, era preciso estar vigilante! Além do mais, era preciso pagar pequenos serviços como o que Chukhov prestara, dar uma gratificação ao sujeito do banheiro, para que ele fornecesse roupa de baixo decente — bem, este se contentava com pouca coisa.

Ora, é preciso ainda levar em conta o barbeiro, se se quer que ele utilize "papel" quando faz o corte da barba — para limpar a navalha, ele utiliza geralmente o joelho do "cliente". Este também se contentava com pouco: três ou quatro tocos. Mas sempre era qualquer coisa.

E falta ainda mencionar os tipos do D.E.C., a quem é preciso também dar alguma coisa para que as cartas sejam conservadas à parte, a fim de não se extraviarem, o médico, se se quer passar um dia ou dois na cama, sem trabalhar, e o vizinho de beliche, com quem se partilha o armário — o capitão, no caso de Tsezar. Além disso, este vê todas as boas coisas que se recebem. Quem seria tão desavergonhado que o deixasse sem um pouco de qualquer coisa?

Assim, deixe-se a inveja para os que imaginam sempre que o pedaço que um companheiro tem na mão é maior que o seu.

Chukhov descalçou as botas, trepou ao seu beliche, tirou a pequena folha de metal da luva e decidiu procurar no dia seguinte um bom seixo com que a afiasse, a fim de transformá-la numa faca de sapateiro.

Quatro dias de trabalho, calculou, se aproveitasse

Digitalizado com CamScanner

as manhãs e as noites. Mas por fim teria uma bela faca de lâmina curva e afiada.

Por agora, tinha de esconder o seu achado, nem que fosse até à manhã seguinte. Introduzi-lo-ia na borda do tabique, sob a trave mestra. E, como o capitão não voltaria ainda ao seu beliche, o de baixo, não caindo assim a serragem na sua cara, Chukhov virou a parte da frente do colchão e entregou-se à tarefa de dissimular a folha de metal.

Os vizinhos do beliche de cima podiam perceber o que ele estava fazendo: Aliocha e — do outro lado do corredor, na bancada mais próxima — os dois estonianos. Mas, quanto a estes, não precisava preocupar-se.

Soluçando, Fetiukov atravessou a barraca. Caminhava com as costas dobradas e tinha a boca suja de sangue. Pelo visto, fora espancado mais uma vez. Aquelas tigelas!

Não procurava esconder as lágrimas e não olhava para ninguém. Passou por toda a turma, arrastou-se para o seu beliche e enterrou o rosto no colchão.

Quando se pensava na sua triste sina, não se podia deixar de ter pena dele. Não viveria o suficiente para ver o fim da sua pena. Talvez daí o fato de as suas atitudes serem todas erradas, pois não sabia como enfrentar as situações.

Precisamente nesse momento entrou o capitão. Vinha alegre e trazia um pote de chá. Um pote de chá especial, imagine-se!

Na barraca tinham duas caixas de chá. Mas, bem vistas as coisas, aquilo era uma autêntica porcaria. Água quente com um pouco de cor, cheirando à madeira podre da caixa. Aquilo era chá para os *zeks*.

Certamente o capitão fora presenteado pelo Tsezar com um pouco de chá autêntico. Logo que entrara

Digitalizado com CamScanner

na barraca, pusera-o imediatamente no seu bule e dirigira-se para a torneira de água quente. E agora, bem satisfeito, instalou-se ao lado do seu armário.

— Quase escaldei os dedos debaixo da torneira — disse ele, como se se sentisse orgulhoso por lhe ter sucedido tal coisa.

No estrado por baixo do do capitão, Tsezar desdobrara uma folha de papel e começara a colocar sobre ela as coisas que tinha recebido.

Chukhov tornou a virar a parte da frente do seu colchão, pois não desejava ver o que se passava na barraca nem queria inquietar-se. Mas o certo é que os companheiros não o deixavam sossegado.

Tsezar ergueu-se e os seus olhos apareceram ao nível do estrado de Chukhov.

— Ivan Denissovitch — disse ele, pestanejando —, pode emprestar-me os seus "dez dias"?

O que ele pedia era o seu canivete[1]. Sim, Chukhov tinha um, que mantinha escondido na borda do tabique. Era um pouco menor que metade de um dedo, mas servia até para cortar fatias de toucinho com cinco dedos de espessura. Fora o próprio Chukhov quem fizera a lâmina, a montara e afiara.

Arrastou-se até a trave. Tirou para fora o canivete, passou-o a Tsezar, que inclinou a cabeça, agradecido, e voltou ao beliche.

Aquela navalha era também um ganha-pão. Podia-se passar uma temporada no xadrez por causa dela e só um homem sem consciência se atreveria a dizer: "Empresta-me a sua navalha, pois quero cortar um pedaço de salsichão, e... lixe-se". Por isso, Tsezar encontrava-se de novo em dívida para com Chukhov.

---

[1] *Dez dias era o tempo de castigo passado no xadrez se os guardas descobrissem a sua existência.*

Digitalizado com CamScanner

Tendo resolvido o caso do pão e da faca, Chukhov abriu a bolsa do tabaco. Primeiramente, tirou uma quantidade igual à que pedira emprestada e estendeu a mão, através do corredor, até o beliche de Eino.

— Obrigado.

Os lábios do estoniano abriram-se numa espécie de sorriso. Depois murmurou qualquer coisa ao "irmão" e, juntos, enrolaram o tabaco num pedaço de papel. "Ora, vamos experimentar o tabaco de Chukhov." "Não é pior que o de vocês. Experimentem-no, sim."

O próprio Ivan Denissovitch gostaria de experimentá-lo, mas um relógio, algures em qualquer recanto da sua mente, indicava-lhe que se aproximava a hora da contagem da noite. Os guardas já deviam andar rondando as barracas. Se quisesse fumar agora, teria de ir para o corredor. Mas sentia-se muito mais quente no beliche.

A verdade é que a barraca ainda se encontrava muito longe de estar quente, com aquela película de neve sempre colada ao telhado. Durante a noite certamente iria tremer de frio, mas agora a atmosfera era suportável.

Chukhov deixou-se ficar no beliche e começou a tirar migalhas do seu pão. Sem querer, ouvia o que diziam Tsezar e Buinóvski, que conversavam enquanto tomavam chá.

— Sirva-se, capitão, sirva-se. Não hesite. Coma um pouco de peixe defumado... Uma fatia de salsichão.

— Obrigado. Já que insiste...

— Espalhe uma camada de manteiga nesse pão. É autêntico pão de Moscou.

— Sabe, não consigo acreditar que ainda cozinhem pão branco em algum lugar. Tal luxo recorda-me uma época em que, estando em Arcangel...

Digitalizado com CamScanner

Na metade da barraca de Chukhov, as duas centenas de vozes faziam um alarido dos demônios, mas ele julgou ter ouvido bater na barra do trilho. Nenhum dos companheiros parecia ter dado pelo fato. Chukhov notou também que o "Narigudo", um dos guardas, entrara na barraca. Era ainda jovem, baixo e de rosto corado. Trazia uma folha de papel na mão e dava a impressão de vir buscar alguém.

O guarda verificou qualquer coisa na sua lista e perguntou:

— Onde está a turma 104?

— Aqui — responderam os estonianos, escondendo os cigarros e afastando o fumo.

— Quem é o seu chefe de turma?

— Que deseja de mim? — retorquiu Tiúrin do seu beliche, descendo com relutância os pés.

— Onde estão esses relatórios que dois sujeitos da sua turma deviam entregar para justificar a posse de vestuário suplementar?

— Bem, eles serão feitos.

— Mas já deviam tê-los feito.

— Os meus homens não têm instrução suficiente. E não é coisa fácil redigi-los.

Dizer uma coisa destas acerca de Tsezar e do capitão! Mas que espertalhão era o chefe da turma! Nunca se atrapalhava.

— Não sei por que esperam para fazê-los — insistiu o guarda.

— Não temos canetas. Nem tinta.

— Mas deviam ter.

— Houve alguém que nos levou isso da barraca.

— Bem. Tome cautela, chefe da turma. Se continua a falar-me dessa maneira, vai direitinho para o xadrez, com o resto da sua turma — prometeu o Narigudo, mas brandamente. — Agora, quanto a

Digitalizado com CamScanner

esses relatórios, providencie para que sejam entregues na casa da guarda antes da chamada amanhã. Mais ainda: esclareça aos seus homens que todas as peças de vestuário suplementares devem dar entrada no respectivo depósito. Entendeu?

— Sim.

O capitão estava com sorte, pensou Chukhov. Não ouvira uma palavra, pois deliciava-se com uma fatia de salsichão.

— Mais uma coisa — disse ainda o guarda. — O S 311 pertence à sua turma?

— Vou consultar a lista — replicou Tiúrin. — Não sei de memória todos esses malditos números.

Ele tentava ganhar tempo. Desejava poupar Buinóvski pelo menos por uma noite, arrastando as coisas até à contagem.

Porém, o guarda perguntou:

— Buinóvski? Está aqui?

— Sim, estou aqui. De que se trata? — gritou o capitão do seu beliche.

Há muitos sujeitos que, para seu mal, se mexem mais depressa do que devem.

— Ah, é você? Muito bem, S 311, prepare-se.

— Preparo-me? Para ir aonde?

— Sabe muito bem.

O capitão soltou um suspiro e, ao mesmo tempo, um grunhido. Devia ser mais fácil para ele conduzir uma flotilha de contratorpedeiros numa noite escura e tempestuosa que terminar aquela agradável conversa e marchar para a cela gelada.

— Quantos dias? — perguntou com voz trêmula.

— Dez. Vamos, mexa-se.

Naquele momento os plantões das barracas gritaram:

Digitalizado com CamScanner

— Contagem noturna. Todos para fora, para a contagem noturna.

Isto queria dizer que o guarda que ia contá-los já entrara na barraca.

O capitão circunvagou os olhos. Pensou se devia levar o capote. Mas acabou por deixá-lo. De qualquer maneira, obrigá-lo-iam a tirá-lo quando entrasse no xadrez, deixando-lhe apenas a jaqueta. Era melhor ir como estava.

Alimentara a esperança de que Volkovoi esquecesse o sucedido. Mas Volkovoi jamais se esquecia de qualquer coisa, fosse o que fosse. E, assim, não se preparara. Não escondera um pouco de tabaco na jaqueta. E se o levasse nas mãos... Seria inútil, pois iriam tirá-lo imediatamente quando o revistassem.

Porém... Tsezar passou-lhe dois cigarros enquanto ele punha o gorro na cabeça.

— Bem, irmãos, adeus — disse o capitão, acenando a todos os companheiros da sua turma. Depois seguiu o guarda.

— Agüente-se, capitão. Não se deixe afundar! — gritaram alguns *zeks*.

Que podia ele responder-lhes? Eles conheciam o xadrez, tinham-no construído. Paredes de tijolo, piso de cimento, um fogão aceso apenas para derreter o gelo das paredes e fazer charcos de água no chão. Ausência total de janelas. Dormia-se sobre tábuas, e os dentes do pobre ali encerrado batiam durante toda a noite — se ele ainda tivesse dentes, claro. Para comer, apenas cento e cinqüenta gramas de pão por dia e uma sopa quente somente no terceiro, no sexto e no nono dia.

Dez dias. Dez dias de solitária — imobilidade, solidão absoluta, privações, o suficiente para arrui-

Digitalizado com CamScanner

nar para toda a vida a saude de um pobre. Tuberculose e um hospital até rebentar-se: eis o que podia resultar desta clausura.

Para os que pegavam quinze dias, apenas restava um buraco na terra gelada.

Comparada com a solitária, a barraca era um paraíso.

— Vamos, saiam antes de eu contar até três — gritou o *zek* encarregado das barracas. — Vou tomar nota do número daqueles que não saírem e comunicá-lo ao cidadão-guarda.

Este era outro dos bastardos. E do mais alto coturno. Apesar de ser um prisioneiro como os outros, de ficar encerrado durante toda a noite, tomava ares superiores, nem parecendo um dos *zeks*. O suíno não temia ninguém. Porém, todos o receavam. Por vezes, chegava a trair alguns *zeks,* passando os seus números ao guarda. E até a alguns ele se encarregava de maltratar. Perdera o dedo polegar e fora classificado como inválido, mas tinha uma verdadeira cara de assassino.

Realmente, era um criminoso com cadastro, mas entre as acusações que sobre ele pesavam encontravam-se as expressas nos artigos 14.º e 58.º, e haviam sido essas que o haviam levado ao campo.

Não pensaria duas vezes se decidisse tirar o número de um *zek* e passá-lo ao guarda — dois dias no xadrez, com trabalho, eis o castigo.

Assim, em lugar de se dirigirem pachorrentamente para a porta, um após outro, saltavam abaixo dos beliches e lançavam-se em magotes para a estreita saída.

Chukhov, com o cigarro na palma da mão — desejara-o tão ardentemente e já o enrolara —, pulou, lesto, para o chão e introduziu os pés nas *valenki*.

Digitalizado com CamScanner

Preparava-se já para sair, quando se apoderou dele uma réstia de compaixão por Tsezar. Não era que quisesse mais alguma coisa dele. Não. A sua compaixão era sincera. Apesar dos ares que se dava, Tsezar não sabia uma coisa acerca da vida no campo: depois de receber a sua encomenda, ele não devia ter-se demorado com ela, mais sim levá-la imediatamente ao depósito, antes da contagem da noite. A comida é uma coisa que pode esperar. Agora que ia ele fazer com tudo aquilo? Não podia levar o saco consigo para a contagem. Quatrocentos *zeks* ririam muito se o fizesse. Mas, se o deixasse na barraca, era mais que certo que o primeiro a ser contado o roubaria.

Em Ust-Ijma o procedimento era ainda mais cruel. Ali, quando se voltava do trabalho, via-se que os criminosos que tinham regressado primeiro haviam feito uma limpeza completa no armário.

Chukhov notou que Tsezar compreendia o perigo. Zanzava de um lado para outro, mas era muito tarde. Por fim, escondeu o volume sob o colchão e recheou a jaqueta com salsichão e toucinho. Isso, pelo menos, ainda conseguiria salvar.

Compadecido, Chukhov deu-lhe alguns conselhos.

— Fique aqui sentado até ao último momento, Tsezar Márkovitch. Oculte-se aqui no escuro e não saia antes de o último ter deixado a barraca. E quando o guarda fizer a ronda dos beliches com os plantões, aproxime-se e diga que se sente mal. Sairei primeiro e serei igualmente o primeiro a regressar. É a única maneira.

E pôs-se a andar.

A princípio, abriu caminho impiedosamente, à força dos cotovelos, através da multidão, protegendo, porém, o cigarro que levava na mão. No corredor,

Digitalizado com CamScanner

que servia ambas as metades da barraca, e junto da porta, os homens da frente hesitavam, colados, em duas filas, às paredes, deixando espaço suficiente que permitia a qualquer louco que gostasse do frio infiltrar-se por ali. Não queriam arredar pé, pois tinham sofrido lá fora os rigores do frio durante todo o dia. Por que haviam de gelar, sem necessidade, durante mais dez minutos? Não eram tolos! Morre-se hoje, mas quer-se viver amanhã.

Em qualquer outra altura, Chukhov também se colaria a uma das paredes. Mas desta vez dirigiu-se para a porta e até riu.

— De que têm medo, meninos? Nunca tinham sentido o frio siberiano? Ora venham aqui para fora e aqueçam-se ao sol dos lobos. Dê-me fogo, amigo.

Acendeu o cigarro à porta e encaminhou-se para o alpendre. "O sol dos lobos", eis como chamavam à lua na aldeia de Chukhov.

A lua ia bem alta agora. Devia estar no zênite. O céu tinha uma cor branco-esverdeada, com raras estrelas cintilando no espaço. A neve luzia de alvura. As lâmpadas pouco iluminavam.

No exterior via-se uma multidão negra e densa. Os *zeks* tinham saído para a contagem. Mas não se ouvia o som das vozes. Apenas se ouvia o ranger da neve sob as botas.

Alguns prisioneiros desciam os degraus e formavam diante das barracas. Cinco na frente, três atrás. Chukhov juntou-se a estes três. Após um pedaço de pão suplementar e com um cigarro entre os lábios, não era fácil ficar ali.

Bom tabaco. O Letão não o intrujara. Forte, com bom aroma.

Gradualmente, outros prisioneiros franqueavam a porta da barraca 9. Mais duas ou três filas de cinco

Digitalizado com CamScanner

formaram atrás de Ivan Denissovitch. Só agora saíam, e vinham furiosos.

"Por que é que aqueles suínos se agarram às paredes do corredor? Por que não vêm eles? Por que seremos nós obrigados a gelar por causa desses estúpidos?"

Há quanto tempo os *zeks* não viam um relógio! Aliás, para que lhes serviria ele? Tudo o que o prisioneiro necessita saber é o seguinte: "O toque de alvorada é dado muito cedo? Falta ainda muito para a chamada? Para o almoço? Para o último toque no pedaço de trilho?"

A contagem noturna, dizia-se, era feita às nove. Mas nunca terminava cedo. Às vezes contavam duas vezes, e mais. A "cerimônia" jamais acabava antes das dez. E às cinco da manhã faziam saltar o *zek* do beliche com a primeira martelada no pedaço de trilho.

Afinal, resolveram mexer-se. Finalmente! O encarregado das barracas e o guarda forçaram-nos a sair como uma torrente, à força de pontapés.

"Bem feito, suas bestas!"

— Então — gritaram os *zeks* da frente — estavam bancando os espertos, hem? Se tivessem saído mais cedo, a função já tinha terminado. Canalhas!

A barraca encontrava-se agora totalmente vazia. Quatrocentos homens, oitenta filas de cinco.

Os da frente formavam numa coluna de cinco, enquanto os outros formavam conforme calhava.

— Vocês aí de trás, formem a cinco! — gritou o encarregado das barracas.

Mas isso sim!

Tsezar saiu, trêmulo, fingindo sentir-se adoentado. Atrás dele vinham quatro faxineiros, dois de cada metade da barraca, e um prisioneiro que manquejava.

Digitalizado com CamScanner

Colocaram-se à frente, de maneira que Chukhov ficara agora uma fila mais atrás. Tsezar foi mandado para a retaguarda da coluna.

Então o guarda aproximou-se.

— Formar a cinco! — gritou ele furiosamente para os da retaguarda.

— Formar a cinco! — repetiu o encarregado das barracas com mais fúria ainda.

Mas os homens não se mexeram.

O miserável correu do alpendre para a retaguarda da coluna, praguejando, batendo. Mas via bem em quem dava. Só nos mais dóceis.

Só assim as filas acabaram por formar a cinco.

Então ele voltou e soltou um brado:

— Primeira... Segunda... Terceira...

Terminada a contagem, os homens precipitaram-se para as barracas. Por umas horas, estavam livres das autoridades.

Agora tudo estava em ordem. A não ser que houvesse nova contagem. Estes parasitas eram uns imbecis de tal ordem que contavam pior que os pastores. Apesar de, na sua maioria, não saberem ler nem escrever, os pastores apercebem-se muito bem da falta de uma ovelha do rebanho quando lhes parece que falta alguma. E estes parasitas haviam sido treinados, instruídos. Pelo que se via, tinham aproveitado muito.

No inverno anterior não existiam no campo cabanas de secagem e os *zeks* viam-se obrigados a deixar as *valenki* nas barracas, noite após noite. Assim, se a contagem fosse repetida, todos tinham de ser conduzidos de novo para fora, duas, três, quatro vezes — já despidos, como estavam, embrulhados nos lençóis. Mas uma cabana de secagem fora construída depois. Não era suficientemente espaçosa para

Digitalizado com CamScanner

conter todas as botas de uma vez, mas, pelo menos, cada turma podia utilizá-la de duas ou de três em três semanas.

Agora as recontagens eram efetuadas no interior. Os guardas conduziam simplesmente os *zeks* de uma metade para a outra, contando-os enquanto eles entravam na fila.

Chukhov não foi o primeiro a voltar, mas não tirou os olhos daqueles que tinham chegado antes dele. Trepou no beliche de Tsezar e sentou-se nele. Depois descalçou as botas e subiu até o último beliche de uma série perto do fogão. Colocou ali as botas — prerrogativa dos que chegam primeiro — e voltou em seguida ao beliche de Tsezar. Tornou a sentar-se e cruzou as pernas, um olho de guarda aos volumes de Tsezar, o outro sobre as suas botas, não fosse alguém tirá-las de junto do fogão.

— Eh, você aí! — gritou. — Eh, menino. Não quer sentir essas botas nos dentes, quer? Ponha as suas, mas não tire as dos outros.

Os prisioneiros começaram a entrar aos grupos.

— Dêem-nos as suas botas — gritaram os componentes da turma 20.

Mal deixaram a barraca com as botas, a porta fechou-se atrás deles. Quando voltaram, começaram a berrar:

— Cidadão-chefe, deixe-nos entrar!

Era a altura de os guardas se reunirem nos seus postos e fazerem as contas. Estava tudo em ordem ou alguém tinha batido as asas?

Bem, Chukhov não necessitava pensar em tais coisas naquela noite.

Eis Tsezar, que se aproxima.

— Obrigado, Ivan Denissovitch.

Chukhov acenou com a cabeça e trepou no seu

Digitalizado com CamScanner

beliche como um esquilo. Agora podia acabar de comer o seu pão, fumar um cigarro e dormir.

Mas fora tão afortunado nesse dia, sentia-se tão contente, que não tinha vontade de mergulhar ainda no sono.

Estava com a cabeça voltada para a janela, mas Aliocha, que dormia a seguir a ele, no mesmo nível, do outro lado de uma balaustrada de madeira, encontrava-se de costas para ele, a fim de apanhar um pouco de luz. Lia novamente a Bíblia.

A lâmpada encontrava-se bastante perto. Podia-se ler e até costurar ali.

Aliocha ouviu Chukhov murmurar uma oração: "Glória a ti, ó Senhor. Outro dia terminou. Rendo-te graças por não passar esta noite na solitária. Isto aqui ainda se suporta". Então voltou-se para ele.

— Com que então, Ivan Denissovitch, a sua alma deseja orar a Deus... Se assim é, por que não lhe concede essa liberdade?

Chukhov fitou-o de soslaio. Os olhos de Aliocha ardiam como duas velas.

— Bem, Aliocha — retorquiu ele com um suspiro —, vou explicar-lhe. As orações são como os apelos que dirigimos às autoridades — ou não chegam ao seu destino, ou são-nos devolvidos com a palavra "Rejeitado" rabiscada no papel.

Defronte da barraca do comando existiam quatro caixas seladas, que eram despejadas uma vez por mês por um dos sujeitos da segurança. Geralmente, continham muitos apelos. Os que os subscreviam esperavam, contavam as semanas: viria uma resposta dentro de dois meses, de um ano...

Mas não vinha resposta alguma. E, se vinha, dizia apenas: "Rejeitado".

Digitalizado com CamScanner

— Mas, Ivan Denissovitch, você não ora com fervor. E é por isso que as suas súplicas ficam sem resposta. Não deve deixar de dizer outras orações. Se tem fé autêntica, diga a uma montanha que se mova. E ela se moverá...

Chukhov sorriu e enrolou outro cigarro. Depois pediu fogo ao estoniano.

— Deixe-se de conversas, Aliocha. Nunca vi uma montanha mover-se. Bem, para ser franco, afirmo-lhe que nunca na minha vida vi uma montanha. Mas você, que rezou no Cáucaso com toda essa seita de batistas a que pertence, viu alguma vez, uma única que fosse, um montanha mover-se?

Os pobres... Tudo o que faziam era orar a Deus. E que lucravam com isso? Apanhavam vinte e cinco anos, pois essa era a pena reservada atualmente a todos. Vinte e cinco anos!

— Oh, nós não oramos por isso, Ivan Denissovitch — volveu Aliocha com veemência.

De Bíblia na mão, aproximou-se mais de Chukhov, até ficarem face a face.

— A única coisa neste mundo pela qual Deus nos ordenou que orássemos, Ivan Denissovitch, é o pão nosso de cada dia. "Dai-nos o pão nosso de cada dia."

— A nossa ração, quer você dizer? — perguntou Chukhov.

Mas Aliocha não cedeu. Falando agora mais com os olhos que com a boca, colocou a mão sobre o braço de Chukhov e disse:

— Ivan Denissovitch, não deve orar com o objetivo de receber encomendas ou obter uma sopa suplementar. Não, meu irmão. As coisas a que o homem dá mais valor são vis aos olhos do Senhor. Devemos orar pelas coisas do espírito, de maneira

Digitalizado com CamScanner

que o Senhor Jesus arranque os resíduos do mal do nosso coração...

— Escute. Na nossa igreja de Polomnia tínhamos um padre...

— Não me fale acerca do seu sacerdote — interrompeu Aliocha suplicante, com as sobrancelhas franzidas, magoado.

— Não, escute. — Chukhov apoiou-se sobre um cotovelo. — Em Polomnia, na nossa paróquia, não existe homem mais rico que o padre. Suponha, por exemplo, que nos pedem que consertemos o telhado de uma casa. O preço para o povo é de trinta e cinco rublos por dia, mas para o padre é de cem. E ele paga sem regatear. Ele paga pensão de alimentos a três mulheres, em três cidades diferentes, e vive com uma quarta. E tem o bispo na mão, posso garantir-lhe. Oh, sim, ele unta bem as mãos do bispo, isso é verdade. E tem-se visto livre de todos os sacerdotes que enviam para lá. Não quer partilhar com eles os seus lucros.

— Por que me fala acerca de padres? A Igreja Ortodoxa afastou-se das Escrituras. E não os põem na prisão apenas porque a sua fé não é autêntica.

Chukhov continuou calmamente a fumar, observando o seu excitado companheiro.

— Aliocha — disse ele, retirando o braço e soprando a fumaça para a cara do batista. — Não sou contra Deus, compreenda bem isso. Acredito em Deus, não duvide. Porém, não creio no paraíso nem no inferno. Por que nos toma por patetas e nos enche os ouvidos com essas histórias do paraíso e do inferno? É isso que não me agrada.

Voltou-se, deixando cair, com cuidado, a cinza do cigarro entre o beliche e a janela, a fim de não sujar o leito do capitão. Mergulhou nos seus pen-

Digitalizado com CamScanner

samentos e deixou de ouvir os murmúrios de Aliocha.

— Bem — disse para concluir —, por muito que você reze, não conseguirá encurtar a sua pena. Tem de cumpri-la do princípio ao fim, de uma maneira ou de outra.

— Oh, também não se deve orar por isso — retorquiu Aliocha, horrorizado. — Por que deseja a sua liberdade? Em liberdade, o seu último resíduo de fé será sufocado pelas cizânias. Deve regozijar-se por se encontrar na prisão. Aqui tem mais tempo para pensar na sua alma. Como escreveu o apóstolo Paulo: "Por que todas estas lágrimas? Por que estás tentando enfraquecer o meu ânimo? Pela minha parte, estou pronto não só a devotar-me ao Senhor Jesus como a morrer em seu nome".

Chukhov fixou os olhos no teto, silenciosamente. Agora já não sabia se queria ou não a liberdade. A princípio, desejara-a ardentemente. Todas as noites contara os dias da sua pena — quantos já tinham passado, quantos ainda faltavam. Mas, por fim, aborrecera-se de contá-los. E então tornou-se-lhe claro que a homens como ele jamais seria permitido voltar para casa — esperava-os apenas o exílio. E não sabia se a sua vida seria melhor lá fora — onde? — que no campo.

Para ele, a liberdade significava apenas uma coisa: o lar. Mas não permitiriam que a ele regressasse.

Aliocha não enganava. A sua voz e os seus olhos afirmavam, sem dúvida alguma, que ele se sentia feliz na prisão.

— Compreenda, Aliocha — explicou Chukhov —, para você tudo está muito certo. Jesus Cristo desejou que fosse lançado numa prisão, e aqui está você — por amor a ele. Mas por que motivo estou

Digitalizado com CamScanner

eu aqui? Por não estarmos preparados para a guerra de 1941? Por isso? Mas que culpa tenho eu?

— Parece que não vão fazer outra contagem — murmurou Kilgas do seu beliche.

— Oh — retorquiu Chukhov —, devíamos escrever a carvão dentro da chaminé. Não vão fazer segunda contagem. — Bocejou. — Então poderemos ir dormir.

Nesse mesmo momento, contudo, ouviu-se um ruído produzido pelo ferrolho da porta, quebrando-se assim a paz que reinava na barraca. Do corredor, aproximaram-se dois prisioneiros, que tinham ido colocar as botas na cabana de secagem.

— Segunda contagem — gritaram eles.

Logo depois deles, entrou um guarda.

— Dirijam-se todos para a outra metade da barraca.

Alguns já estavam dormindo. Os *zeks* começaram a resmungar e a mexer-se. Calçaram as botas — nenhum tirava as calças acolchoadas de noite, pois ficariam transidos de frio se o fizessem.

— Malditos — disse Chukhov, mas brandamente, pois não tinha ainda começado a dormir.

Tsezar ergueu uma das mãos e ofereceu-lhe dois biscoitos, dois cubos de açúcar e uma fatia de salsichão.

— Obrigado, Tsezar Márkovitch — volveu Chukhov, debruçando-se sobre a borda do beliche. — Agora, vamos, passe-me o seu saco para eu o pôr debaixo do meu colchão.

Não se consegue surripiar facilmente qualquer coisa nos estrados de cima. Além disso, quem se lembraria de procurar fosse o que fosse na de Chukhov?

Tsezar ergueu o saco e Chukhov escondeu-o de-

Digitalizado com CamScanner

baixo do colchão. Depois, esperou alguns momentos, até que mais homens saíssem para a contagem — não teria também de aguardar muito tempo descalço.

— Eh, vamos, você aí do canto.

Chukhov pulou lestamente para o chão — as suas botas encontravam-se tão bem junto do fogão que seria uma pena ir lá buscá-las. E o mais curioso é que fizera tantos chinelos para os outros e não tinha um par que fosse seu. Mas estava habituado a isto — e a contagem não devia demorar muito tempo.

Os guardas também confiscam os chinelos, se os encontram de dia.

As turmas que tinham enviado as suas botas para a secagem não sofreriam muito agora, pois a contagem era feita na barraca. Alguns dos seus componentes traziam chinelos nos pés, outros apenas trapos e um certo número seguia descalço.

— Vamos, vamos — rosnou o guarda.

— Quer que o ajude a sair? — berrou o encarregado das barracas.

Empurraram todos para a outra metade da barraca. Chukhov encostou-se à parede perto da latrina. Sentia o piso úmido sob os pés. Uma corrente de ar gelado vinha do alpendre.

Agora, que se encontravam todos reunidos, o guarda e um faxineiro começaram a fazer a busca, tentando encontrar algum *zek* dormindo em qualquer canto escuro. Se dessem pela falta de alguém na contagem, haveria barulho. E tornariam a contar.

Depois de terminarem o seu giro, voltaram até junto da porta.

— Um, dois, três, quatro...

Agora libertavam-nos mais depressa pois contavam-nos um por um. Chukhov, conseguiu ser o

Digitalizado com CamScanner

décimo oitavo. Voltou correndo para seu beliche, pôs o pé no suporte, deu um pulo, e ei-lo deitado.

Tornou a pôr um pé na manga da sua jaqueta, deitou a manta por cima de si e depois o capote. Toca a dormir. Agora iam sacudir todos os da outra metade da barraca para a sua. Mas isso já não o preocupava.

Tsezar voltou. Chukhov desceu o saco do companheiro e entregou-o.

Aliocha voltou momentos depois. "Não é nada prático, eis o mal dele. É simpático para todos, mas não sabe arranjar seja o que for para si."

— Toma, Aliocha — disse Chukhov. E passou-lhe um biscoito.

Aliocha sorriu.

— Obrigado. Mas, assim, você fica sem nenhum.

— Coma-o.

"Não tenho nada, mas sempre hei de conseguir arranjar qualquer coisa."

Agora era a hora de atacar a fatia de salsichão. "Para a boca. Toca a mordê-la. Tem gosto de carne. Suculento, que delícia. Ei-la descendo para o estômago."

Desceu.

O resto, decidiu Chukhov, fica para de manhã, antes da chamada.

E enterrou a cabeça na manta fina e por lavar, surdo agora aos ruídos produzidos pelos *zeks* da outra metade, que se acotovelavam entre as estruturas dos beliches aguardando a contagem.

Chukhov adormeceu completamente satisfeito, feliz. Fora bafejado por vários golpes de sorte durante aquele dia: não o haviam posto no xadrez; não tinham enviado a turma para o Centro; surripiara uma tigela de *kacha* no almoço; o chefe da turma

Digitalizado com CamScanner

fixara bem as rações; construíra uma parede e tirara prazer do seu trabalho; arranjara aquele pedaço de metal e conseguira passá-lo; recebera qualquer coisa de Tsezar, à noite; comprara o tabaco. E não ficara doente.

Um dia sem uma nuvem carregada, sombria. Quase um dia feliz.

Contava já no seu ativo três mil seiscentos e cinqüenta e três dias como este. Desde o primeiro até ao último toque no pedaço de trilho.

Os três dias suplementares pertenciam a anos bissextos.

Digitalizado com CamScanner

O AUTOR E SUA OBRA

Alexandre Soljenítsin nasceu em 1918, em Rostov, nas margens do Don. O pai era escriturário; a mãe, professora primária. Foi esta que o educou e com quem viveu até que, pouco depois de se licenciar em matemática na Universidade Rostov — tirou simultaneamente um curso de literatura por correspondência —, foi chamado para o Exército Vermelho. Em 1942, com 24 anos, foi promovido a comandante de bateria. Combateu na frente sem interrupção, sendo condecorado por duas vezes e promovido ao posto de capitão — até fevereiro de 1945, data em que foi preso numa aldeia da Prússia Oriental, então ocupada pelos russos, acusado de ter feitò comentários pejorativos acerca de Stálin.

Foi julgado e condenado a oito anos de trabalhos forçados. Passou então por diversos campos de trabalho: a princípio, pelos campos "gerais", no Ártico, onde os prisioneiros políticos cumpriam suas penas juntamente com criminosos comuns, e depois em campos "especiais", organizados para prisioneiros punidos com penas que iam de oito a vinte e cinco anos, sob a acusação de infringirem o tristemente célebre artigo 58.º do Código Criminal, que foi depois substituído.

Por esta altura, Soljenítsin sofreu de um câncer que conseguiu, todavia, vencer.

Digitalizado com CamScanner

O campo no qual Soljenítsin — e, com ele, seu herói Ivan Denissovitch — cumpriu sua pena de prisão ficava na região de Caraganda, no norte do Kasaquistão. Em 1953, ano da morte de Stálin, Alexandre Soljenítsin foi libertado. Todavia, somente depois de ter passado mais três anos no exílio, pouco depois de Khruchov ter denunciado a política stalinista no seu discurso secreto proferido no XX Congresso do Partido Comunista, foi seu caso revisto e a sentença anulada com base na ausência de "corpus delicti", juntando-se o seu nome aos das centenas de milhares de "reabilitados".

Soljenítsin estabeleceu-se então numa aldeia perto da cidade de Riázan, na Rússia central, onde se casou com uma jovem professora de química, e começou a ensinar física e matemática numa escola secundária.

Durante os três ou quatro anos seguintes, escreveu continuamente, e, em fins de 1960, submeteu a sua novela Um dia na vida de Ivan Denissovitch *e mais dois contos à apreciação do poeta Alexandre Tvardóvski, que edita a revista literária* Nóvi Mir *(Nova Paz) para a União dos Escritores Soviéticos. Tvardóvski, como membro da Comissão Central do Partido Comunista, tinha possibilidade de obter opiniões autorizadas acerca da novela, citando a favor dela as palavras que Khruchov pronunciou no XXII Congresso do Partido Comunista: "...é nosso dever fazermos uma análise dolorosa e completa destes fatos ligados ao abuso do poder. O tempo passa, somos mortais, mas enquanto trabalhamos podemos e devemos elucidar nossos camaradas, contar a verdade ao Partido e ao povo... E devemos fazê-lo para que tais coisas jamais tornem a acontecer"*

Digitalizado com CamScanner

O livro foi publicado em novembro de 1962. O autor fez uma curta visita a Moscou, onde evitou a imprensa, e voltou a Riázan. Tendo abandonado o ensino, estava decidido a prosseguir tranqüilamente a carreira literária que escolhera.

No entanto, as perseguições ainda não tinham acabado para Soljènítsin. Quando da queda de Khruchov, foi de novo desacreditado, embora fosse já universalmente conhecido como um dos herdeiros mais genuínos da grande literatura russa. O próprio Khruchov, para patentear seu profundo desacordo em relação à repressão brutal exercida por Stálin, veio pessoalmente fomentar a publicação da obra. Assim, e durante certo tempo, Soljenítsin desfrutou da proteção e respeito oficiais.

Em seguida, publicou Matriona e o lar, Pelo Deus da causa, Pavilhão de cancerosos — *relatos das suas experiências como preso político e canceroso* — *e* O primeiro círculo. *Em 1969 começou de novo a perseguição. Foi expulso da União de Escritores e obrigado a manter-se ocioso. Houve quem quisesse facilitar-lhe a saída do país, mas Soljenítsin negou-se a abandonar a pátria. Tal como o fizera durante seu exílio na Sibéria, guarda na memória breves relatos, que são apontamentos de uma realidade que não pode traduzir, mas que se nega a ignorar. Sua atitude de dignidade, de exaltação da pessoa humana, que transcende o seu primeiro romance, valeu-lhe o prêmio Nobel de 1970. Mais do que a sua obra, foi a sua vida que foi premiada, uma vida em que, como* Um dia na vida de Ivan Denissovitch, *se converteu em heróico testemunho perante a miséria, a dor e a injustiça, um patético hino à pessoa humana, tão espezinhada e ofendida.*

"Mantenha a cabeça erguida!", o grito que, num

Digitalizado com CamScanner

episódio desta novela, alguém lança ao preso que vai para o castigo, traduz essa espécie de obstinação, esse orgulho final, que é o último recurso do humilhado, para conseguir afirmar, apesar de tudo, a sua condição de homem livre, a sua dignidade.

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner